

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

Passos para Cristo: a construção do conceito de
“santificação” na obra de Ellen White legada à
Igreja Adventista do Sétimo Dia

FÁBIO AUGUSTO DARIUS

MESTRADO EM TEOLOGIA

Área de Concentração: Teologia e História

São Leopoldo
2010

FÁBIO AUGUSTO DARIUS

Passos para Cristo: a construção do conceito de
“santificação” na obra de Ellen White legada à
Igreja Adventista do Sétimo Dia

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Teologia e História

Orientador: Prof. Dr. Wilhelm Wachholz

São Leopoldo
2010

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador:

Prof. Dr. Wilhelm Wachholz (Presidente)

2º Examinador:

Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper (EST-PPG)

3ª Examinador:

Profa. Dra. Lilian Blanck de Oliveira (FURB)

DARIUS, Fábio Augusto. **Passos para Cristo**: a construção do conceito de “santificação” na obra de Ellen White legada à Igreja Adventista do Sétimo Dia

SINOPSE

A presente pesquisa aborda a construção do conceito de santificação a partir do desenvolvimento histórico da Igreja Adventista do Sétimo Dia, principalmente sob o prisma dos escritos de sua co-fundadora, Ellen Gould Harmon White, entre 1844 e 1915.

O primeiro dos quatro capítulos trata das origens do movimento precursor do adventismo pelo fazendeiro William Miller. Este, a partir de sua interpretação bíblica concluiu que o fim do mundo com a culminante volta de Cristo sob forma literal seria iminente e a preparação para o encontro com Ele foi o mote principal de seu trabalho, constituindo a mais cara esperança dos crentes mileritas e, posteriormente, dos adventistas do sétimo dia.

O segundo capítulo aborda de forma sintetizada a biografia de Ellen White e sua participação efetiva na construção doutrinária da denominação estudada, enquanto o terceiro aborda especificamente as origens da Igreja Adventista do Sétimo Dia e seu esforço para se constituir enquanto denominação dentro dos pressupostos do protestantismo histórico.

Finalmente, o quarto capítulo examina os anteriores a partir do conceito de santificação, constituído ao longo do processo de formação da identidade adventista.

Palavras-chave: santificação, legalismo, graça, história denominacional

DARIUS, Fábio Augusto. **Passos para Cristo**: a construção do conceito de “santificação” na obra de Ellen White legada à Igreja Adventista do Sétimo Dia

ABSTRACT

This research approaches the background of the concept of sanctification from the historical development of the Seventh-Day Adventist Church, mainly under the view of its co-founder's writings, Ellen Gould Harmon White, between 1844 and 1915. The first of the four chapters deals with the origins of the movement that preceded the adventism by farmer William Miller. From his interpretation of the bible, he concluded that the end of the world with the culminating literal return of Christ would be imminent and the preparation for the encounter with the Lord was the main subject of his work, establishing the dearest hope of the milerite believers and, later, of the seventh-day adventists.

The second chapter approaches in a summed way Ellen White's biography and her effective participation in the doctrinary construction of the studied denomination, while the third approaches specifically the origins of the Seventh-Day Adventist Church and its effort to establish itself as a denomination in the purposes of historical protestantism.

Finally, the fourth chapter examines the preceding ones from Ellen White's concepts of sanctification, established during the long background process of the adventist identity.

Keywords: sanctification, legalism, Grace, denominacional history

Agradeço a várias pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para que esse trabalho fosse possível. Porém, sou especialmente grato pela grande influência e inspiração que recebi do Pr. Dr. Alceu Lúcio Nunes, homem de oração, excelente professor, amante da Palavra.

Durante o período em que cursei o Mestrado no Programa de Pós-Graduação, foi de imprescindível ajuda o custeio dos estudos pela CAPES.

De forma muito afetiva, expressei meu reconhecimento e admiração ao excelentíssimo Prof. Dr. Wilhelm Wachholz, meu professor e orientador, que acreditou e me apoiou – com muita paciência e sabedoria – durante toda essa jornada. Suas sugestões e leituras foram de grande valia.

Agradeço também de forma muito especial a atenta leitura, pertinentes observações e pontuais sugestões do Prof. Dr. Ricardo Rieth e o encorajamento e bom-humor do Prof. Dr. Valério Schaper

Da forma mais terna, agradeço aos meus pais e irmãos, que suportaram as longas horas de ausência e, desde sempre, acreditaram em meu potencial.

Dedico esta pesquisa aos pioneiros adventistas do sétimo dia citados ou não nestas páginas, que clamaram a Deus em meio às incontáveis adversidades e, sem exceção, foram ouvidos e construíram, por Sua graça, esta igreja expectante.

SUMÁRIO

BANCA EXAMINADORA	3
SINOPSE	4
ABSTRACT	5
AGRADECIMENTOS	6
DEDICAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	10
1. ORIGEM DO MOVIMENTO MILERITA, PRECURSOR DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA	12
1.1 Breve biografia de Willian Miller	13
1.2 Contexto social dos Estados Unidos no século XIX	17
1.3 O Movimento Milerita	20
2. BIOGRAFIA DE ELLEN WHITE	37
2.1 Contextualização Histórica	39
2.2 Da infância à conversão (1827 – 1841)	46
2.3 Da conversão ao Desapontamento (1841 – 1844)	48
2.4 As visões de Ellen White	51
2.4.1 <i>Um pequeno histórico acerca dos profetas bíblicos: motivação e inspiração</i>	51
2.4.2 <i>Ellen White e a Hermenêutica</i>	53
3. HISTÓRIA CONCISA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA	64
3.1 Introdução preliminar	64
3.2 O movimento milerita como ponto de partida	66
3.2.1 <i>Premissas gerais</i>	66
3.2.2 <i>A Igreja Adventista do Sétimo Dia: anabatista, pietista e puritana</i>	72
3.3 Os primeiros anos da IASD (1863-1888)	73
3.4 A Assembléia da Associação Geral de 1888 como ponto de partida para um adventismo evangélico	84
3.5 O Adventismo do Sétimo Dia depois de 1888	87
4. A CONSTITUIÇÃO DO CONCEITO DE SANTIFICAÇÃO NA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA	91
4.1 Revisitando os primórdios denominacionais	91
4.2 Ellen White e a santificação	104

CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESAFIO DA PESQUISA ATUAL	112
REFERÊNCIAS	114

INTRODUÇÃO

O tema da santificação fundamenta, desde os seus primórdios, o âmago doutrinário da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A maioria das muitas páginas publicadas durante as primeiras décadas dessa denominação dizem direta ou indiretamente a esse respeito. Foi a busca pelo conceito e sua acepção nessa igreja a justificativa inicial dessa pesquisa, cujo objeto foi a análise histórica da denominação à luz da construção do conceito de santificação.

Para empreender tal propósito, foi necessário recorrer aos textos da estadunidense Ellen White, co-fundadora desta igreja e prolífica escritora. Sem seus textos, parece não ser possível entender a dinâmica e identidade da igreja que ela ajudou a fundar. White, sem instrução teológica formal, basileu os pressupostos doutrinários da igreja valendo-se, sob certos aspectos, das acepções históricas do protestantismo, não desprezando, contudo, como ponto de partida, a iminência da volta de Cristo, sob forma literal, dando ao adventismo do sétimo dia, em sua primeira geração, um forte caráter combativo. A partir dessa contextualização, foi abordado o objetivo principal desse trabalho: elencar as possíveis influências e confluências religiosas e teológicas que culminaram com a criação da Igreja Adventista do Sétimo Dia conceituando termo “santificação” nessa denominação, revisitando a história da desta igreja e a de seus principais líderes.

O adventismo do sétimo dia, nascido do eco tardio do reavivamento espiritual que pautou parte dos Estados Unidos e Inglaterra no final do século XVIII, mas fortemente apegado ao senso de iminência do fim do mundo, certamente foi norteado pelo ativo conselho e participação dessa mulher, que, a partir do conceito de santificação como eixo norteador, possibilitou aos crentes adventistas a construção de sua própria identidade denominacional.

Além disso, a construção deste conceito visa equilibrar a propalada justificação pelas obras alegada pelos primeiros crentes e as acepções evangélicas,

apenas assimiladas várias décadas depois, evidenciando unicamente Cristo como único caminho possível para a santidade.

1. ORIGEM DO MOVIMENTO MILLERITA, PRECURSOR DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Para compreender sinteticamente as origens do movimento de Miller o ponto de partida é (1) analisar a sua própria biografia em seu (2) contexto social, político e religioso para finalmente, (3) abordar de forma específica o movimento como um todo em suas várias vertentes. O tecer dessas peças certamente proporcionará uma análise crítica e desapaixonada que deverá produzir uma opinião acadêmica e desfanatizada.¹

O recorte temporal (1831-1863), bastante específico tem a seguinte explicação: o ano de 1831 remonta ao que Miller iniciou os seus estudos bíblicos, 12 anos antes de 1843 – em que supostamente, de acordo com as suas interpretações, deveria acontecer o retorno de Cristo, mas sem um dia esperado – e 13 anos antes do importante evento de 22 de outubro de 1844, a especificada data do fim do mundo. O dia, mês e ano marcados para a volta iminente de Cristo surgiu de acordo com a reavaliação de Samuel Snow, pastor da Igreja Congregacional e um dos líderes do milerismo, outro nome do movimento. No ano de 1863 a Igreja Adventista do Sétimo Dia, que adota o nome em 1860, é institucionalizada, sendo a primeira denominação que surge a partir do movimento de Miller.

¹ O fanatismo em alguns grupos do movimento provavelmente é um empecilho a uma análise e pesquisa séria sobre o tema. Para citar apenas um exemplo, sem falar na histeria, lembro o caso daqueles que para se tornarem crianças e, portanto, segundo eles, irem para o Céu, deveriam passar a engatinhar e literalmente viver como crianças. Na própria Igreja Adventista do Sétimo Dia no início do século XX, o “movimento da carne santa”, proclamava que depois de certas “experiências interiores” os membros não mais estariam sujeitos a tentações.

É importante notar que mesmo após o “Grande Desapontamento”, ou seja, o fracasso da previsão de Snow para o segundo advento de Cristo em 1844, o movimento não desaparece, mas se desfragmenta e reconstrói, apesar de notadamente perder a força inicial. Conforme White:

Ficamos desapontados, mas não desanimados. Resolvemos refrear-nos da murmuração naquela severa prova pela qual o Senhor nos estava purificando das escórias e refinando-nos como o ouro no crisol; resolvemos submeter-nos pacientemente ao processo de purificação que Deus julgava necessário para nós, e aguardar com paciente esperança que o Salvador remisse Seus filhos provados e fiéis.²

1.1 Breve biografia de William Miller

Muitos autores - notadamente adventistas do sétimo dia - escreveram livros, capítulos de livros ou artigos sobre William Miller. O primeiro deles remonta ao segundo período do século XIX. Escrito pelo Pastor James White em 1875 sob o título “Sketches of the Christian life and public labor of William Miller”, esta obra biográfica narra entusiasticamente a vida pública e o legado de Miller, abordando seu nascimento, casamento, concepções deístas, vida militar, estudo da Bíblia, sermões, luta contra o fanatismo religioso e morte, em 1849.

Vários outros autores, incluindo aí a esposa de James White, Ellen, bem como contemporaneamente os pastores C. Mervyn Maxwell, George Knight, e Herbert Douglass, Everett Dick, o historiador LeRoy Froom e Mark Noll, incidentalmente ou não, teceram comentários ao fervoroso labor de Miller e seu movimento.

O homem de rosto cheio, testa grande, olhos profundos e cova no queixo nasceu em um lar batista em 1781 em New Hampton, estado de Nova Iorque. Seu

² WHITE, Ellen. **Vida e Ensinos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000. p. 54.

pai havia lutado na revolução americana e William era o mais velho de 16 filhos. Em 1803 aos 22 anos, contrai matrimônio e vai morar em Poultney, Vermont, onde exerce a função de agricultor. É importante notar que, em sua infância e juventude, sob influência batista, estudava a Bíblia e participava dos cultos na igreja local. Sua mãe era religiosa e piedosa. Após seu casamento, uma perceptível mudança pode ser visualizada: o jovem Miller, inflado pelo patriotismo estadunidense e imbuído do ardor dos fundadores da nação, lê os livros de Jefferson, Franklin, Hume, do político britânico Tomás Paine³ e deixa de lado a fé de sua infância para se tornar um deísta. Pode-se pressupor em sua atitude certa influência paterna, talvez menor que a religiosa, mas não menos latejante. De qualquer forma, a hipótese dificilmente poderá ser desvendada. A essa altura de sua vida, exercia certa influência na política e cumpria a função eletiva de delegado de polícia e juiz de paz.

De acordo com Maxwell⁴ William “continuava crendo na Bíblia, mas irritava-se com sua aparente ineficácia e contradições”. Permitia acreditar e pensar em Deus como o “grande relojoeiro” que ao dar corda no relógio o deixou à sua própria mercê. Segundo White:

As boas qualidades que lhe conquistaram respeito e confiança deviam-nas à Bíblia, e, contudo, esses dons apreciáveis se haviam pervertido a ponto de exercer influência contra a Palavra de Deus. Pela sua associação com esses homens, Miller foi levado a adotar seus sentimentos. As interpretações corretas das Escrituras apresentavam dificuldades que lhe pareciam insuperáveis (...).⁵

Por algum motivo, (patriotismo, segundo Maxwell) Miller se cansa das suas atividades políticas e ingressa na vida militar em 1810, véspera da Guerra Anglo-Americana que explode em 1812 com os Estados Unidos sendo governado por James Madison, tendo por antecessor Thomas Jefferson. Considerado o “Pai da

³ Acerca dos perigos da obra de Paine, Ellen White escreveu em 1890: “Tomás Paine desceu ao túmulo, mas suas obras vivem ainda para trazer maldição sobre o mundo, e os que duvidam da veracidade da Palavra de Deus colocarão as produções desse incrédulo nas mãos do jovem e inexperiente, para lhe encher o coração da venenosa atmosfera da dúvida”.

⁴ MAXWELL, C. Mervyn. **História do Adventismo**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982, p. 9.

⁵ WHITE, Ellen. **O Grande Conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004, p. 329.

Constituição Americana” e sofrendo forte influência da David Hume, Madison certamente exerce fascínio sobre Miller, que à época tinha 31 anos de idade. Afinal, ambos eram deístas e patrióticos.

Segundo Dick⁶, Miller recebeu a patente de tenente da milícia (organização militar que opera como um exército, mas sem soldados profissionais), sendo promovido a capitão dos voluntários quando do início da guerra. No final da guerra foi considerado um “bravo soldado”.

A Batalha de Plattsburg, ocorrida às margens do seu Lago Champlain e a guerra como um todo definitivamente fizeram Miller pensar em sua filosofia das leis inalteráveis de causa e efeito, principalmente pelo fato de vários de seus superiores militares creditarem a vitória à força divina, conforme Bliss⁷: “O Todo-poderoso agradeu-Se em conceder-nos uma vitória-sinal”.

Precisamente dois anos depois, em 11 de setembro de 1816, com o intuito de comemorar a vitória na Guerra de 1812 e, em especial, a Batalha de Plattsburg, foi programado um baile público, bem como um sermão para a noite anterior. É, portanto, nessa noite do dia 11 que o pregador convidado promove um grande reavivamento, de tal forma que o baile é cancelado e o dia todo é passado em reverência. O primeiro lampejo religioso desde a infância de Miller, ao menos publicamente, reaparece ali. E ele, que costumava somente frequentar a Igreja Batista por consideração ao seu tio, pregador, e apenas quando este estava no púlpito, resolve voltar no domingo seguinte. No mesmo dia, é incumbido de ler um sermão do pastor da Igreja Reformada, Alexander Proudfit, formado em Princeton e

⁶ DICK, Everett, P. D. **Founders of the Message**. Washington, D.C.: Review and Herald. 1938, p.16. No texto original que tive acesso, as palavras foram: He received a lieutenant's commission in the militia in 1810, was made a captain of volunteers when the war began, and a little later was inducted into the Regular Army with a first lieutenant's commission, and assigned to the 30th Infantry on April 10, 1813. Al though all but three officers of the 30th Infantry received their commissions on the same day, in answer to an inquiry from the Secretary of War as to the relative qualifications of his lieutenants and their fitness for promotion, the colonel of the regiment placed William Miller's name at the head of the list. This honor of promotion soon came to him in the form of a captain's commission, February 1, 1814. He took part with the 30th Infantry in the maneuvers which culminated in the Battle of Plattsburg, acquitting himself as a brave soldier. (A redução/tradução para o português foi minha)

⁷ BLISS, Sylvester. **Memoirs of William Miller** In: MAXWELL, 1982, p. 76.

falecido em 1843⁸ “o ano em que o Senhor não veio”⁹. Segundo consta, Miller não termina a leitura, tal sua comoção. Não mais veria a Bíblia com incredulidade, mesmo sofrendo o escárnio de seus amigos deístas, que ainda continuavam frequentando sua casa em reuniões. Dizia Miller, de acordo com Maxwell (1982) “se a Bíblia é a palavra de Deus... então tudo quanto contem pode ser compreendido, e todas as suas partes se harmonizarão.”.

A partir desse momento, o não mais tão deísta William Miller é visto cada vez menos em suas terras e cada vez mais enfiado em sua aprazível casa branca, por ele construída em 1815 manuseando sua velha Bíblia King James com sua concordância de Cruden não avançando mais depressa do que podia tratar dos problemas que as passagens levantavam. Assim foi do primeiro capítulo do livro de Gênesis ao último verso do Apocalipse de João, várias vezes cruzando a noite inteira. Dois anos ele dedicou ao estudo, legando inclusive a maior parte do trabalho braçal de sua propriedade à sua dedicada esposa, quando “em 1818 chegou a solene conclusão de que em vinte e cinco anos, aproximadamente, Cristo apareceria para a redenção de Seu povo.”¹⁰ Seu caráter, amadurecido pela lida e crescimento espiritual e racional assim foi descrito por White:

William Miller possuía grandes dotes intelectuais, disciplinados pela meditação e estudo; e a estes acrescentava a sabedoria do Céu, pondo-se em ligação com a Fonte da sabedoria. Era um homem de verdadeiro valor, que inspirava respeito e estima onde quer que a integridade de caráter e a excelência moral fossem apreciadas. Unindo a verdadeira bondade de coração à humildade cristã e ao poder do domínio próprio, era atento e afável para com todos, pronto para ouvir as opiniões de outrem e pesar seus argumentos. Sem paixão ou excitação, aferia todas as teorias e doutrinas pela Palavra de Deus; e seu raciocínio sadio e o profundo conhecimento das Escrituras habilitavam-no a refutar o erro e a desmascarar a falsidade.¹¹

⁸ Disponível em <http://virtualology.com/apalexandermoneriefproudfit/>. Acessado em 17 de junho de 2008.

⁹ O ano de 1843, que segundo Miller seria aquele em que o Cristo apareceria ficou conhecido pelos cétricos como “o ano em que o Senhor não apareceu”. Haveria uma sobrevida para essa errônea constatação que sucumbiria em 22 de Outubro de 1844, naquilo que ficou conhecido como “O grande desapontamento”. Dessa vez, porém, o termo não é dado pelos descrentes e a data até hoje é lembrada na Igreja Adventista do Sétimo Dia, com sermões e às vezes até encenações.

¹⁰ WHITE, 2004, p. 329.

¹¹ WHITE, 2004, p.335.

1.2 Contexto social dos Estados Unidos no século XIX:

A breve reconstituição histórica da vida de William Miller nas linhas anteriores denota basicamente, entre outras características, que ele era um homem pragmático, de ação incontida. Citando apenas um exemplo clarificador nesse sentido, evidencio o já citado alistamento militar voluntário na Guerra de 1812, onde devotaria a própria vida pela causa que acreditava, se assim fosse preciso.

Embora eminentemente prático, Miller também era um teórico aguerrido. Antes de tomar suas decisões, punha-se a ler e estudar com ardor os conceitos necessários para então tomar veemente posição ante algum assunto. Assim foi com relação aos seus primeiros estudos acerca do deísmo e, posteriormente, quando passa a estudar de forma sistemática a Bíblia.

Essas características fortes e marcantes em um mundo *sui generis* como os Estados Unidos em formação na primeira metade do século XIX fizeram de Miller um homem que sem dúvida, a despeito de toda a crítica, influenciou em grande medida sua época.

Nascido no contexto do primeiro despertar e formado a ponto de participar ativamente do conflito armado que de forma definitiva trouxe a independência aos Estados Unidos, Miller participa dos grandes eventos emancipatórios da nação. Além disso, é testemunha ocular do crescimento da indústria e das artes em seu país, que em poucas décadas começa a traçar as linhas que mais tarde o tornariam hegemônico para alguns e imperialista para outros.

Acerca da importância dos despertamentos para a constituição da identidade dos Estados Unidos, de acordo com o historiador Mark Noll¹² “o Despertamento (1770-1780) foi o primeiro evento verdadeiramente nacional na América”. Na verdade, tão grande e maciço que ultrapassou todos os limites e esferas das igrejas,

¹² NOLL, Mark. **A History of christianity in the United States and Canada**. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1992, p. 110.

criando um grande e verdadeiro senso “evangélico” e justificando a ética protestante e capitalista, abordada de forma brilhante por Weber em sua obra clássica nos primeiros anos do século XX¹³. O nacionalismo desse momento de fervor religioso pode ser visualizado por seu caráter integracionista ao proporcionar cada vez mais estreitos contatos entre outros colonos. Além disso, boa parte da Igreja Anglicana dos Estados Unidos não viu com bons olhos o desenrolar dos acontecimentos. Portanto, de forma incidental ou não, esses eventos diretamente proporcionados pelo primeiro despertar deram certa coesão, absolutamente necessária para a “independência de fato”, via armas.

Essa série de fatores amadureceu e preparou a jovem nação para a segunda batalha com a Inglaterra, chamada de outra guerra de independência. De acordo com Gray:

A Guerra de 1812 foi, de certo modo, uma segunda guerra de independência, pois antes dela os Estados Unidos ainda não tinham conseguido ser recebidos em pé de igualdade no seio da família das nações. Depois do tratado que a terminou, nunca mais lhe foi recusado o tratamento devido a uma nação independente.¹⁴

Além desses pontos fundantes, Miller vivenciou também o florescimento das tensões entre o capitalismo no Norte do país e o escravismo no Sul. O algodão, bem como o açúcar e o fumo promoveram a escravidão no sul do Mississipi, especialmente no Texas, cujos reflexos se evidenciaram ainda nos anos 60 do século XX e ainda hoje está longe de ser superada. Embora não tenha vivido o suficiente para visualizar amplamente uma “nova ruptura das igrejas”¹⁵ e a posterior Guerra da Secessão que iniciou 10 anos após sua morte, com toda a certeza presenciou as tensões anteriores a ela.

13 WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

14 GRAY, Wood. **Panorama dos Estados Unidos**. Publicado pelo Departamento Cultural da Embaixada dos Estados Unidos da América. 1969, p. 66.

15 É fato amplamente divulgado a desentendimento de muitas igrejas do Norte e do Sul por causa da Guerra da Secessão. Miller porém, com seu movimento, foi responsável por sensível “cisma” entre várias igrejas tradicionais, como já citado nessas páginas.

Miller assistiu ainda a cadeia de independências na América Latina, a Doutrina Monroe de 1823 e, sem dúvida, percebeu os vestígios da “consciência nacional cada vez mais forte com o advento de uma literatura verdadeiramente norte-americana¹⁶”. Em se tratando de literatura, essa parte do século é de Edgar Allan Poe, um dos grandes “escritores malditos” da literatura universal. Nas lúgubres ruas de Boston, quando não estava alcoolizado ou absorvido pelos perniciosos jogos de azar, escrevia seus contos que posteriormente foram em grande parte sintetizados nas “Histórias Extraordinárias”, edição francesa que conquistou o mundo em grandes traduções e adaptações.

Mas não é só de histórias macabras que nasciam as letras na América: Ralph Waldo, Washington Irving e James Cooper também dominavam as mentes letradas da nação, com poemas e estórias leves (porém, profundas) e vez por outra de cunho moral. Dificilmente, contudo, na década posterior ao falecimento de Miller, outro autor ou autora fez mais sucesso que Harriet Stowe. Filha de pastores abolicionistas, escreveu uma obra hoje clássica de ficção baseada em seu contexto social, “A Cabana do Pai Tomás”. Finalmente, não se pode deixar também de citar Nathaniel Hawthorne com a sua “Letra Escarlata”. Além das obras mencionadas, os pequenos livretos de “quinta categoria¹⁷” contendo os feitos fantásticos dos grandes bandidos e assaltantes de trens e bancos como Jesse James e seu bando povoavam a imaginação dos jovens, dividindo espaço com a leitura da Bíblia e o ensino da Matemática¹⁸, em voga depois da primeira Guerra de Independência.

É interessante imaginar o impacto e o descompasso que todos esses escritores e eventos causaram nas pessoas que viviam nas cidades e vilas dos Estados Unidos, lembrando que as *urbis* eram ainda, em sua maioria, agrícolas, as faculdades, raríssimas e um médico era formado em poucos meses.

¹⁶ GRAY, 1969, p. 67.

¹⁷ É típico na literatura de Ellen White a utilização desse tipo de expressão, o que pode ser evidenciado também na tradução para o português de sua obra. Vide, por exemplo, o livro “Mensagens aos Jovens”, (White, 2003), especificamente em sua abordagem acerca do teatro,

¹⁸ Segundo o já citado livro de Mark Noll, página 192. É bem provável que esse interesse pelos números levasse muitas pessoas a verificar os cálculos de William Miller, aliado à fascinação generalizada provocada pelos estudos das profecias sobre o tempo do fim.

Em meio a todas às rápidas transformações e eventos e como espécie de “cimento” que serviu para unificar o despertar e a identidade norte-americana, as mulheres, fonte de virtudes morais e sacrifícios próprios, foram exaltadas e exaustivamente tomadas como exemplo de cidadãs guerreiras e desejáveis para a República. A professora Phoebe Palmer, Mary Baker e Ellen White, esta última grande expoente da maior denominação descendente do movimento de Miller, são contemporâneas e cada uma, em sua própria esfera, exerceu grande influência e autoridade numa época em que imperava o machismo.

Todos esses fatos e eventos certamente influenciaram e moldaram o viver de Miller e seu movimento, constituindo-se em capítulo no mínimo interessante na História dos Estados Unidos, a tal ponto de sobreviver até hoje em denominações crescentes e pujantes.

1.3 O Movimento Milerita

Depois de analisar em linhas muito gerais o homem Miller e sua época, creio ser possível agora escrever mais especificamente sobre o Movimento Milerita sob um ponto de vista mais histórico do que teológico, levando em consideração o caráter profético do movimento e seu caráter de avivamento evidenciado pelos grandes pregadores da época. No entanto, antes dessa exposição, creio ser importante clarificar três aspectos peculiares do “ministério” do milerismo para que a compreensão de suas características não sejam desvirtuadas e comparadas com o início de alguns movimentos e igrejas pós-modernas¹⁹.

Em primeiro lugar, não foi um movimento nascido no seio de uma igreja ou desenvolvido por filósofos e teólogos eminentes: Miller não costumava ir a sua igreja batista, a não ser para agradar seu tio pregador quando este estava no púlpito. Além disso, não tinha formação acadêmica (algo absolutamente natural no século XIX, mesmo nos grandes centros) e tampouco teológica, embora fosse leitor voraz e sábio ao ponto de ser, como já visto, eleito para cargos de responsabilidade de sua

¹⁹ De forma especial, as denominações que nasceram no bojo do movimento de Miller, como os adventistas da promessa, os adventistas da reforma e os Testemunhas de Jeová.

região.

Em segundo lugar, Miller não tinha a menor intenção de fundar coisa alguma, ao menos no princípio de seus solitários estudos bíblicos. Ou seja, nenhum interesse econômico o motivou. Ao contrário: Miller nunca foi pago e expendeu grande parte de suas economias pessoais ao proclamar a mensagem do Segundo Advento de Cristo. Embora não fosse rico, dispunha de absolutamente tudo o que precisava para sua subsistência e a de seus muitos filhos, mas o fato é que seu movimento só o empobreceu.

Em terceiro lugar, a literatura existente indica que Miller não buscava reconhecimento ou fama pessoal. Não era orador inflamado, mas suas palavras proferidas de forma solene impressionavam os diferentes públicos que o ouviam. Sua conversão pessoal alterou definitivamente seus pensamentos acerca das coisas sagradas e é só a partir de então que seu movimento teve início.

Visto isso, concluímos que o movimento é somente baseado na autoridade das Escrituras Sagradas e interpretações pessoais de um único cristão convertido de acordo com o espírito puritano. Ao ser convidado a expor suas ideias, conquistou adeptos e foi alçado a grandes multidões de crentes expectantes na segunda vinda de Cristo, literalmente, nas nuvens do céu.

O método de estudo bíblico de Miller pode ser esquematicamente assim traduzido, de acordo com Timm:

Miller estudava as Escrituras dentro de uma estrutura hermenêutica provida (1) pelo princípio protestante de tomar a Bíblia como seu próprio intérprete (*sola scriptura*), (2) pelo método histórico-gramatical protestante, e (3) pelo ramo da escola protestante historicista pré-milenial de interpretação profética, que não aceitava a teoria dispensacionista da restauração dos judeus na Palestina como um cumprimento da profecia. Mas a utilização milerita dessa estrutura hermenêutica estava grandemente restrita às profecias das Escrituras quanto ao fim do tempo, pois Miller não hesitou em insistir com seus companheiros de fé a não “entrar em discussão de questões estranhas

àquelas do advento²⁰”

A interpretação pessoal de Miller das Escrituras Sagradas (cuja ênfase era a volta de Cristo em grande glória) se caracterizava como altamente lógico e racional. Segundo Miller, a própria Bíblia seria o guia seguro. Evidentemente, suas conclusões finais equivocadas, porém reiteradas por pastores de diferentes denominações provocaram choro e consternação por parte daqueles que depuseram toda a sua fé e ânimo na expectativa triunfante do retorno de Cristo para libertar os justos de um mundo decadente e dominado pelo mal.

Miller partia do pressuposto de que um dia, em termos de profecia, é equivalente a um ano, divididos em 12 meses de 30 dias, totalizando 360 dias, segundo a literalidade da passagem do trecho bíblico de Números 14:34 e Ezequiel 4: 6-7. Compreendido isso, analisou ele a profecia de Daniel à luz dos capítulos 8 a 12, levando em conta os comentários de Cristo referenciados em Mateus 24: 15²¹. Nesse ponto, Miller chega à conclusão de que a partir do decreto da reconstrução de Jerusalém até a morte do Messias decorreriam 70 semanas. De acordo com H. Grattan Guinness:

Visto que tanto os 2300 anos do capítulo 8, como as “setenta semanas” do capítulo 9 começam do período persa da história judaica ou, noutras palavras, como ambos datam da época da restauração, em seguida ao cativeiro babilônico, seus pontos de partida devem ser idênticos ou estar intimamente relacionados cronologicamente.²²

Esta afirmação, baseada no livro de Daniel (9: 25-27) aparece dividida em 3 períodos, compreendendo 7 semanas, 62 semanas e 1 semana. Assim sendo,

²⁰ TIMM, Alberto. Antecedentes históricos da interpretação bíblica adventista. In: REID, George (Org). **Compreendendo as escrituras: Uma abordagem adventista**. Engenheiro Coelho: Unaspress. 2007, p. 5-6.

²¹ Para informações detalhadas acerca da compreensão adventista das profecias de Daniel e Apocalipse, sugiro as obras “Daniel verso por verso” e “Apocalipse verso por verso” do falecido pastor Henry Feyerabend.

²² Guinness, H. Grattan. **Lights for the Last Days**. Londres: Hodder & Stoughton, 1893, p. 183 In: IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Estudos Bíblicos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003, p. 88.

temos as 70 semanas convertidas em 490 dias, que correspondem a 490 anos em profecia. Sinteticamente, o primeiro período, de 7 semanas ou 49 anos teria início em 457 a.C. com a reconstrução do templo de Jerusalém, que durou até 408 a.C. A segunda e maior porção, 62 semanas, durou do término do Templo ao nascimento de Cristo, perfazendo um total de 434 anos. Finalmente, a semana restante começa em 27 d.C, com o batismo de Cristo e termina em 34 d.C, com o apedrejamento de Estevão.

Para resolver a questão concernente ao referido decreto da reconstrução de Jerusalém, Miller consultou os livros de História comparando-os com as Escrituras. Suas conclusões foram as seguintes: houve três decretos, todos de autoridade persa, sendo o primeiro de Ciro (em 534 a.C. citado em Esdras, capítulo primeiro) e o segundo de Dario (em 519 a.C. citado no sexto capítulo de Esdras), ambos não cumpridos. Finalmente durante o governo de Artaxerxes (457 – 456 a.C), o decreto é levado a cabo em 444 a.C (de acordo com Neemias, capítulo 2), marcando assim o início de um período que encerraria com a morte de Cristo.

Dando continuidade à análise do pensamento de Miller, se levarmos em conta o ano de 457 até a crucificação, temos 490 anos, visto que Cristo, segundo os cálculos de Miller, foi morto aos 33 anos de idade, algo que não pode ser precisado, pois segundo o Evangelho, Cristo nasceu antes da morte de Herodes, o Grande, que faleceu entre 8 e 4 a.C.

Miller prossegue sua explanação frisando e associando a segunda vinda de Cristo à purificação do santuário de acordo com o livro de Daniel (8:13-14). O profeta Daniel cita 2300 tardes e manhãs (portanto, dias) para a purificação do santuário. Miller interpreta esses 2300 dias como sendo 2300 anos e começa a contagem desses anos a partir de 457 ou 456 a.C., quando do decreto. Assim, fazendo uma simples subtração de 457 ou 456 por 2300, se chega facilmente ao solene ano de 1843 ou 1844. (Entre 1º Nissan de 457 até o 1º Nissan de 1844, passaram-se 2330 anos, de acordo com o calendário judeu).

Um dos equívocos de Miller, não levando em conta seu suposto erro de contagem do nascimento e morte de Cristo, foi imaginar que a “purificação do santuário” culminaria com a volta de Jesus. Obviamente, para ele o santuário seria a própria Terra.

Errado ou não em sua interpretação bíblica, seu movimento foi avassalador. A datação e pregação de Miller, que denota acurado conhecimento histórico para um simples fazendeiro, produziu de fato um avivamento. Nas palavras de White:

Muitos dos que não aceitaram suas opiniões quanto ao tempo exato do segundo advento, ficaram convencidos da certeza e proximidade da vinda de Cristo e de sua necessidade de preparo. Em algumas das grandes cidades seu trabalho produziu impressão extraordinária. Vendedores de bebidas abandonavam este comércio e transformavam suas lojas em salas de cultos; antro de jogos eram fechados; corrigiam-se incrédulos, deístas, universalistas, e mesmo os libertinos mais perdidos, alguns dos quais não haviam durante anos entrado em uma casa de culto. Várias denominações efetuavam reuniões de oração, em diferentes bairros, quase a todas as horas do dia, reunindo-se os homens de negócios ao meio-dia para oração de louvor. Não havia nenhuma citação extravagante, mas sim uma sensação de solenidade quase geral no espírito do povo. Sua obra, como a dos primeiros reformadores, tendia antes para convencer o entendimento e despertar a consciência do que a meramente excitar emoções.²³

A despeito de todos os acontecimentos sociais localizados a partir das pregações de Miller e dos pastores que se juntaram à sua voz, alguns sinais externos indicavam explicitamente que haviam começado as “angústias dos últimos dias”, conforme indicara Jesus nos Evangelhos e atestava João no Apocalipse. Todas essas evidências enchiam de esperança e satisfação aqueles que pela fé esperavam o grande Dia do Senhor. Neste tempo final, prelúdio da breve volta de Cristo, terríveis e marcantes eventos deveriam acontecer para cumprir as profecias. Esses eventos deveriam ser aqueles descritos no livro de Apocalipse, 6: 12-13 e aconteceriam de três diferentes maneiras: sob a forma de um grande terremoto; com o escurecimento do Sol e a Lua como sangue e, finalmente, com as estrelas caindo do céu. Segundo os adventistas mileritas, esses eventos ocorreriam na mesma ordem em que o exilado João escreveu em Patmos. O grande terremoto de Lisboa de 1º de Novembro de 1755, que destruiu quase que inteiramente a cidade com

²³ WHITE, 2004, p. 332.

então 150 mil habitantes foi considerado um desses eventos, cumprindo literalmente a primeira parte do texto de Apocalipse 6: 12. O abalo, segundo o texto traduzido por Butler:

(...) foi seguido imediatamente da queda de todas as igrejas e conventos, de quase todos os edifícios públicos, e a quarta parte das casas. Cerca de duas horas depois o fogo irrompeu em diferentes lados, e grassou com tal violência pelo espaço de três dias que a cidade foi completamente desolada. O terremoto ocorreu num dia santo, quando as igrejas e conventos estavam repletos, sendo poucas as pessoas que escaparam... o terror do povo não pode ser descrito. Ninguém chorava: era além das lágrimas. Corriam todos de cá para lá, delirando de horror e pasmo, batendo na face e no peito, gritando: Misericórdia, o mundo vai acabar! Mães esqueciam os filhos, e corriam à roda, carregando crucifixos. Desafortunadamente, muitos corriam às igrejas em busca de proteção; mas em vão foi ministrado o sacramento; em vão as pobres criaturas abraçavam os altares; imagens, sacerdotes e o povo foram soterrados na ruína comum... Noventa mil pessoas se presume terem sucumbido naquele dia fatal.²⁴

Posteriormente, em 19 de maio de 1780, a escuridão foi tamanha que a profecia do escurecimento do Sol parecia ter se cumprido. Uma testemunha ocular, de acordo com White, assim descreveu o evento:

Pela manhã surgiu claro o Sol, mas logo se ocultou. As nuvens se tornaram sombrias e delas, negras e ameaçadoras como logo se mostraram, chamejavam relâmpagos; ribombavam trovões, caindo leve aguaceiro. Por volta das nove horas, as nuvens se tornaram mais finas, tomando uma aparência bronzeada ou acobreada, e a terra, pedras, árvores, edifícios, água e as pessoas tinham aspecto diferente por causa dessa estranha luz sobrenatural. Alguns minutos mais tarde, pesada nuvem negra se espalhou por todo o céu, exceto numa estreita orla do horizonte, e ficou tão escuro como usualmente é às nove horas de uma noite de verão²⁵,

Muitos são os relatos em jornais da época. Em Salém, Massachusetts, o “*The Essex Antiquarian*” publicou a seguinte nota, ainda de acordo com White:

O Dr. Natanael Whittaker, pastor da igreja do Tabernáculo, em Salém, dirigia serviços religiosos na casa de culto e pregava um sermão no qual sustentou que as trevas eram sobrenaturais. Reuniram-se congregações em muitos outros lugares.²⁶

²⁴ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 111.

²⁵ WHITE, 2004, p. 332.

²⁶ WHITE, 2004, p. 307.

Na noite seguinte ao evento, a Lua recusou brilhar, embora fosse seu período mais cheio e brilhante. Finalmente, na manhã de 13 de novembro de 1833 aconteceu a “queda das estrelas”, na verdade, uma admirável queda de estrelas cadentes. O próprio Miller foi testemunha desse evento, considerado como um dos últimos que prenunciariam o retorno de Cristo. Na verdade, a “queda das estrelas” apenas reforçou as certezas de Miller e seu público expectante. Afinal, as evidências pareciam ser muitas para que ele estivesse errado.

É importante frisar que Miller apenas esteve sozinho em sua árdua tarefa nos primeiros momentos de suas pregações, que sempre aconteciam em pequenas cidades e vilas, indo somente “onde o Senhor o enviasse”, embora essa fase tenha sido a mais intensa de seu movimento.

Foi em 1839, e, portanto somente alguns poucos anos antes da propalada volta de Cristo, que ele se encontra com um certo Josué Himes, pregador abolicionista, pacifista e contrário ao consumo de bebidas alcoólicas. Este homem, com certa influência na sociedade, convida Miller a pregar em sua igreja em Boston. Dessa forma, acontece sua primeira pregação em uma cidade importante. A partir de então é que o movimento milerita ganha corpo e começa a conquistar as massas e o púlpito das grandes igrejas tradicionais, mas por pouco tempo. Na verdade, Himes havia sido de tal forma tocado pela clareza das palavras de Miller que resolveu, a partir desse encontro, ser uma espécie de agente. Nas palavras de Maxwell:

Himes estava inflamado. A partir daquele instante, ele depositou a si próprio, sua família, sua reputação e tudo quanto possuía, sobre o altar do Senhor para ajudar Miller até os limites de suas faculdades, até o fim. Imediatamente tornou-se o agente de Miller, dedicando-se à publicidade como um especialista em promoção.²⁷

Muito mais do que simples agente, ele fundou em fevereiro de 1840, sem dinheiro ou assinantes, conforme atesta Maxwell, um periódico, primeira publicação

²⁷ MAXWELL, 1982, p. 17.

adventista, conhecida e publicada até os dias de hoje como *Signs of the Times*²⁸. As primeiras edições desse importante divulgador das ideias mileritas²⁹ continham basicamente 8 ou 10 páginas divididas em 3 colunas, sendo que o primeiro número não trouxe uma única gravura. Logo na segunda edição, porém, a primeira delas é impressa: uma imagem com os chifres da besta descrita por Daniel em seu livro profético, bem como réplica de pregadores contrários às ideias de Miller. Exatamente esse era o tom dessas páginas: as profecias eram exaustivamente examinadas e reexaminadas, não deixando dúvidas sobre a sua eficácia e pronto cumprimento.

A mensagem de Miller, como rastilho de pólvora, foi proclamada alertando as pessoas para sua condição espiritual e servindo como um arauto da primeira mensagem angélica descrita no livro de Apocalipse 14: 6-7: “é chegada a hora do seu juízo”. Sem dúvida seu discurso apocalíptico trouxe inicialmente grandes benefícios às igrejas tradicionais, pois sua mensagem avivalista trazia às fileiras dessas denominações milhares de pessoas que antes se encontravam em estado de letargia espiritual. Segundo Maxwell:

Mediante ele a igreja metodista parece ter ganho 40 mil novos membros no outono de 1844 e a batista, 45 mil. Um único itinerário de seis semanas, realizado por um jovem pregador milerita, acrescentou um milhar às igrejas locais. Em Portland, Maine, quando Miller ali estava, um jovem dissoluto correu até perder o fôlego para um bar e gritou para seus amigos: “Rapazes, há um pregador na Rua Casco que diz que o mundo vai acabar. Não querem parar de jogar para ouvir o que ele tem a dizer?”³⁰

Por tudo isso, muitos ministros das mais diversas denominações se uniam a Miller, que supra-denominacionalmente atendia a todos os convites que podia. Entre esses pastores tão diferentes, havia grandes controvérsias teológicas que beiravam a heresias antigas, como o anti-trinitarismo. Mas nada disso importava para Miller, que fazia da missão de sua vida a pregação de sua mensagem.

²⁸ A revista “Signs of the Times” pode ser acessada em <http://www.signstimes.com/> (Visitado em 9 de Jul, 2008). É interessante notar que a matéria de capa desse mês trata especificamente de uma das bandeiras dos primeiros adventistas, ainda no século XIX: a luta contra o fumo.

²⁹ As primeiras edições dessa periódico podem ser consultadas na íntegra no site <http://www.adventistarchives.org/DocArchives.asp>, acessado em 9 de julho de 2008.

³⁰ MAXWELL, 1982, p. 18.

Josias Litch, pastor metodista e profundo conhecedor das profecias, depois de estudar exatamente o que Miller acreditava, resolveu se unir ao seu grupo, ao crer que sua mensagem não seria contraditória a nenhuma crença do metodismo. Este homem publicou um livro com 200 páginas contendo as pregações de Miller. Logo se une às fileiras do movimento Charles Fitch, que durante um período foi colaborador e assessor do avivalista Charles Finney. Fitch esquematizou graficamente a interpretação profética de Miller, provavelmente utilizada por todos os pregadores mileritas.

Além das igrejas, tendas eram utilizadas para os sermões, “facilmente” transportadas de um lugar ao outro. Essa opção parecia ter dois motivos bem específicos: parecia óbvio que gastar tempo e dinheiro em construções de madeira ou concreto só atrapalhariam a urgência da mensagem a ser pregada e seria absolutamente contrária a ela; afinal, para quê construções sólidas se o mundo acabaria em poucos anos? A segunda justificativa remonta às antigas tendas da tribo da Israel, mas aparentemente estas foram utilizadas por Miller e seus seguidores por sua praticidade e custo. Na verdade, a maior já construída nos Estados Unidos até então, era utilizada. Tinha capacidade para quatro mil pessoas e podia ser desmontada em poucas horas.

Nesse ritmo, não é exagero afirmar que a mensagem chegava praticamente a todo o país - mesmo depois da frustração contida de 1843 com o não retorno de Cristo - impulsionado pela nova tecnologia desenvolvida em 1832 e testada justamente em 1844 por Samuel Morse: o telégrafo.

Nem todos concordaram com as ideias mileritas e muitos aproveitaram o ensejo para ridicularizá-las de forma veemente com todo o tipo de provocação. Ainda segundo Maxwell:

Um legislador apresentou uma proposta para postergar o fim do mundo até 1860; um espertalhão ofereceu lugares reservados em um balão de escape por 200 dólares e um anúncio publicitário declarava: “Chegou o Tempo” – o tempo seria, porém, para tomar o “Bálsamo de Cereja Silvestre de Winstar”

(...)³¹

Alguns, porém, mesmo sem acreditar em Miller, evidenciavam o “fim dos tempos” ao visualizar todo o progresso dos últimos anos, com o advento das máquinas de extrair caroços de algodão, luzes de gás, trens e barcos movidos à vapor. Aliás, a marcação de datas para o fim do mundo já era expediente bastante conhecido. Basta retomarmos a expectativa na virada do ano 999, a peste negra, evidenciando a última etapa da Idade Média e posteriormente, a passagem de 1999 para o ano 2000. De qualquer forma, todas essas contagens citadas eram basicamente baseadas em crenças populares, sem qualquer amparo bíblico e de excitação momentânea.

O fato é que – mesmo diante de tanta esperança, estudo da Palavra de Deus e oração - todo o ano de 1843 havia passado e os cálculos de Miller acerca da vinda do Senhor se mostraram inexatos. Isso, porém, de forma alguma diminuiu as esperanças do expectante povo do advento. Logo se previu um “tempo de tardança”, conforme a compreensão do capítulo 10, verso 37 do livro de Hebreus: “Porque, ainda um pouquinho de tempo, e o que há de vir virá, e não tardará.” Segundo White:

Verdade é que houve erro quanto ao acontecimento esperado, mas mesmo isto não podia abalar-lhes a fé na Palavra de Deus. Quando Jonas proclamou nas ruas de Nínive que dentro de quarenta dias a cidade seria subvertida, o Senhor aceitou a humilhação dos ninivitas e prolongou-lhes o tempo de graça; no entanto, a mensagem de Jonas foi enviada por Deus, e Nínive foi provada segundo a Sua vontade.³²

Logo, o chamado “povo do advento” esperava novamente confiante este pouco tempo a mais que ainda deveria suceder para finalmente então receber Cristo triunfante que voltaria nas nuvens do Céu, porém, dessa vez, não como homem de dores.

Assim sendo, as chamadas campanhas evangelísticas continuavam em

³¹ MAXWELL, 1982, p. 33.

³² WHITE, 2004, p. 408.

grandes proporções, bem como as conversões e mudanças de vida. Foi o já citado pastor Samuel Snow que teorizou e deu forma à nova expectativa, concluindo que Cristo desceria à Terra em 22 de outubro de 1844, finalmente. Foi em agosto desse memorável e importante ano, que, em uma campal realizada em Exeter, New Hampshire, ele visualizou seus cálculos àqueles que lá se encontravam. De acordo com ele, Miller estava certo em toda a sua dinâmica apuração dos dados históricos que culminariam com o mais esperado de todos os eventos, mas deixou de lado alguns pequenos detalhes que agora faziam toda a diferença e provocara essa espera, para que o texto bíblico se confirmasse.

Portanto, segundo Snow, os 2300 anos que começaram na primavera de 457 a.C. e terminaram em 1844, também na primavera, não deveriam ter começado exatamente no início do ano, pelos padrões do calendário gregoriano ou hebreu, mas especificamente conforme a integralidade do princípio das palavras da pena de Daniel, capítulo 9, verso 25 que diz: “Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém (...)”. Continuando essa linha de raciocínio e tomando agora como base o livro de Esdras, capítulo 7, verso 8, esse decreto ou saída da ordem não aconteceu somente 5 meses após o início do ano. Dessa forma, a contagem então deveria se dar somente 5 meses após o início da primavera. Tomando a Páscoa, realizada no primeiro mês do ano bíblico, como o principal festival da primavera e tendo noção de que Cristo foi crucificado justamente na Páscoa – segundo ele, referindo-se a Flávio Josefo, do ano de 31 d.C. , chegou Snow à conclusão que a profecia de Daniel havia sido escrupulosamente cumprida, com a morte de Cristo acontecendo exatamente no meio da septuagésima semana (de anos) de Daniel.

Segundo Snow afirmando que assim como a Páscoa era o grande dia da primavera, o Dia da Expição seria o grande momento do outono. Sabendo que no Dia da Expição o sacerdote purificava o santuário e essa seria a grande tarefa de Cristo conforme Daniel 8: 14, argüiu ele o público que atentamente consultava a Bíblia, perguntando que dia caiu o Dia da Expição segundo o calendário de cerimônias da Bíblia. Assim, chegou-se ao “décimo dia do sétimo mês”. Seus

cálculos escrupulosos indicavam que o décimo dia do sétimo mês, em 1844, cairia justamente em 22 de outubro, portanto, aproximadamente dois meses além da data da pregação de Snow.

Não havia tempo a perder. O tão esperado dia de outubro, que rapidamente se aproximava, guardava em suas horas a fé no cumprimento das profecias, mas também a grandiosa frustração e desapontamento de mais um erro de cálculo não especificado.

O movimento, com esse novo fôlego, reacende as conversações e os avivamentos aqui e ali. Centenas de pregadores mileritas passam os dias e as noites pregando e batizando. Muito dinheiro é espontaneamente doado para os editores que enchem as casas com livretos contendo as profecias e palavras de ânimo. Na verdade, tanto dinheiro, que há recusa deste nas últimas semanas. Uma publicação exclusiva – além da *Signs of the Times* – acerca do grande evento, *Midnight Cry*, é preparada. Irônico e triste pareceu ser o título dessas páginas. Grande foi o choro na meia-noite do dia 22 para o dia 23 de outubro, com a terrível constatação de mais um dia e da postergada volta de Cristo.

Charles Fitch, que desenvolvera o então famoso “Gráfico 1843”, morrerá na feliz expectativa do breve encontro com Cristo em 14 de outubro, em decorrência do frio que passou ao batizar três sucessivos grupos de crentes, em pleno ar livre.

Finalmente, no dia 19 de outubro, as máquinas impressoras param o seu trabalho. Os pregadores voltam às suas casas com o objetivo de esperar o retorno de Cristo junto de seus familiares. Josué Himes pensa que faz sua última viagem deslocando-se a Low Hampton para passar os momentos finais com seu grande admirador, William Miller.

Grande foi o desapontamento e a opressão. Alto foi o choro. A incredulidade tomou conta. O pastor Snow parecia convicto demais para que novamente o movimento incorresse em erro. Muitas famílias haviam vendido suas propriedades e

campos. Precisariam agora, de algum jeito, recomeçar a vida, humilhados e sem dinheiro. Finalmente o milerismo parecia agora morto e já sepultado. Não haveria um segundo “tempo de tardança” marcado para os próximos meses ou breves anos. Embora alguns ainda teimassem em marcar datas – no movimento agora fragmentado – não mais houve muito interesse por elas. Na verdade, a cada uma delas, a tristeza era maior e incontida. O grande interesse pelas complexas profecias acabou eclipsando as simples palavras de Jesus, proferidas no contexto do sermão profético, de acordo com São Marcos (13:32): “Mas, daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai.”

Restava agora, para simples consolo pessoal, tentar saber o que de fato havia acontecido no dia do desapontamento, afinal de contas, a profecia, como toda a Palavra de Deus, é perfeita e, sem dúvida que não estava errada. O que provavelmente acontecera era, novamente, um problema com relação à interpretação ou cálculo.

É nesse momento de dor que o nome de Hiram Edson pode ser evidenciado como um dos pais do moderno adventismo ao prenunciar uma de suas mais caras doutrinas: a doutrina do santuário.

Antes de analisar esta doutrina, contudo, cabe perguntar pela biografia de Edson, conhecendo em linhas gerais sua vida, através de pontos posteriores à sua conversão. Imediatamente após as palavras de Miller, na noite em que seu coração é tocado por “santa e preciosa paz”, Edson, antes de chegar a sua casa, ouve uma voz que o manda à casa de um vizinho, há muito adoentado. Edson deveria orar com aquele moribundo, a fim de que ali acontecesse um milagre, de acordo com a sua fé. É exatamente o que ocorre e muitas conversões se dão naquela família por causa deste fato.

Após este evento, Edson sente-se chamado para pregar a Palavra de Deus a todos os seus vizinhos. Essa tarefa, contudo, aparentemente muito mais fácil do que operar um milagre, é postergada por alguns dias, a exemplo do próprio Miller que

durante 13 anos resolvera se calar antes de iniciar seu ministério. Não mais conseguindo manter o silêncio, Edson passa a pregar a todos a sua volta.

Hiram Edson foi quem animou os crentes desolados na madrugada do dia 23 de outubro. Na manhã daquele dia, reunido com um pequeno grupo no interior de um celeiro, depois de orações suplicantes em busca de alguma paz e quem sabe, resposta, todos resolvem partir para uma pequena comunidade a fim de levar um pouco de tranquilidade aos irmãos que ali se encontravam. Cortando caminho por um milharal, Edson “vê” claramente o que havia acontecido então.

Finalmente, conclui que o que acontecera naquele momento de tragédia para os adventistas nada mais era do que a saída de Cristo do lugar Santo para entrar no lugar Santíssimo do Santuário Celestial, com a solene missão de começar o “juízo investigativo”, ou seja, o julgamento de todos os mortos até finalmente alcançar os vivos contemporâneos para só então, consumado seu trabalho, descer para salvar os justos, mortos ou remanescentes, no grande Dia do Juízo. Em poucas linhas, esta é a doutrina do santuário.

A guarda do Sábado, conforme a literalidade da Lei explícita no livro de Êxodo, capítulo 20, não nasceu na Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas foi uma valiosa contribuição da Sra. Rachel Oakes Preston, então Batista do Sétimo Dia. Porém, a resposta de Hiram Edson à pergunta acerca do quê havia acontecido em outubro dá a futura Igreja Adventista do Sétimo Dia seu caráter profético com uma missão muito bem delineada: proclamar a mensagem de Apocalipse 14, anunciando que a hora é brevemente vindoura e, incidentalmente, promovendo reformas de saúde e temperança.

Porém, nem todos os crentes concordaram com as ideias de Hiram e pequenos grupos de antigos seguidores de William Miller se formam a partir de então. De acordo com Douglass:

No final da década de 1840, os mileritas desapontados dividiram-se em diversos grupos principais, de acordo com suas crenças sobre o que

acontecera em 1844: (1) aqueles que continuavam a crer que a volta de Jesus era iminente e que seu erro consistia na fixação de uma data errada; este grupo incluía os principais líderes mileritas (Miller, Bliss, Hale e Himes); (2) aqueles que criam que na realidade Jesus tinha vindo, mas não como um acontecimento físico; a experiência espiritual por que os crentes passaram se tornou para eles a “segunda vinda”, e assim foram rotulados de “espiritualizadores”; (3) aqueles que acreditaram que a data estava correta, mas que o acontecimento ocorrera no Céu assinalando o início da ministração sumo sacerdotal de Cristo no “lugar santíssimo”, dos quais surgiu a Igreja Adventista do Sétimo Dia.³³

Miller falece em 1849, crente na literalidade de volta de Cristo para algum momento em breve, ainda filiado a Igreja Batista de sua infância e juventude. Há remanescentes mileritas nas mais diversas igrejas cristãs ainda hoje, que da mesma forma que o próprio fundador do movimento, continuam esperando pelo grande dia em qualquer momento da história terrestre, em virtude do já cumprimento de todos os sinais, conforme mencionado.

Aqueles que Douglass chama de “espiritualizadores” são tomados de profundo fanatismo ao tentar provar que foram, afinal de contas, os escolhidos por Deus ao perceberem a Sua volta. Esse movimento, pequeno desde o início, perde sua força e praticamente desaparece poucos anos após o início, sendo os seus membros, quando não totalmente apostatados, reabsorvidos para suas igrejas de origem.

Quanto ao terceiro grupo, o que crê que de fato houve algo cósmico em 22 de outubro de 1844, relacionado à saída de Cristo do lugar Santo para o Santíssimo no Santuário Celestial – cujo povo hebreu enquanto errante possuía réplica desse santuário – este resistiu e hoje constitui primordialmente a Igreja Adventista do Sétimo Dia, com mais de 15 milhões de membros batizados ao redor do mundo.

É importante frisar que a partir da Igreja Adventista do Sétimo Dia, nasce a Igreja Adventista da Reforma e a Igreja Adventista da Promessa, em grande parte por causa de divergências internas e fanatismo generalizado por parte de alguns

³³ DOUGLASS, Herbert E. **Mensagem do Senhor**: o ministério profético de Ellen G. White. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003, p. 134.

líderes dissidentes, que até hoje se recusam a ingerir qualquer medicação e são vegetarianos convictos, mesmo nos casos contra-indicados pela medicina.

Além dessas duas denominações, há ainda uma terceira, conhecida no século XIX como os “Estudantes Internacionais da Bíblia”. Os Testemunhas de Jeová, nome adotado nos anos da década de 1930 tiveram seu líder, Charles Russel, saído das fileiras adventistas. A questão responsável por seu rompimento foi seu caráter anti-trinitariano. A bem da verdade é necessário dizer que assim como ele, os primeiros adventistas oriundos de outras denominações também nutriam dessas ideias e até hoje existe um grupo de “adventistas bereanos³⁴” que continuam afirmando que o trinitarianismo é uma doutrina “herética” herdada do catolicismo romano. O legado de Miller, apesar das divergências, cresce e multiplica em grande medida a sua mensagem original, que afinal de contas não foi outra além de um profundo e sincero reavivamento.

O movimento de William Miller, um simples fazendeiro como muitos outros de seu tempo, teve desde seus primeiros dias um caráter profundamente espiritual e abnegado. Rejeitou a institucionalização e seu foco era simplesmente a verdade redentora do advento de Cristo, calculado primeiramente para algum ponto entre março de 1843 e março de 1844 e finalmente recalculado para o dia 22 de outubro desse mesmo ano.

Pregando em todas as igrejas que lhe abriam as portas, sacudiu cidades inteiras e levou a paz e a conversão a incontáveis pessoas. Amante ardoroso da Bíblia e especialmente da porção destinada às profecias - em ambos os testamentos - seu legado é impressionante.

Passados mais de 150 anos, a semente lançada pelo fazendeiro dos Estados Unidos hoje encontra acolhida em mais de 200 países e cresce francamente levando a mensagem do evangelho aos diferentes pontos do mundo.

³⁴ Utilizo o termo entre aspas por não encontrar esta nomenclatura registrada de forma oficial.

Nota-se, contudo, que não há ainda nessa fase do processo de formação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, uma decidida sistematização do conceito de santificação, visto que não era propósito de Miller e seus adeptos criar raízes, dada a iminência da volta de Cristo. Portanto, em se tratando da construção conceitual do termo, há aqui apenas uma gênese um tanto quanto embrionária, levando em conta que a ênfase incide quase que diretamente nas interpretações bíblicas do apocalipse judaico e cristão, sendo ainda pouco explorado o termo sob o ponto de vista da graça evangélica. Pode-se dizer neste momento da história denominacional, que a estrita observância aos ditames interpretativos de Miller criou tal senso de emergência que a santificação em si era o exercício prático de desvencilhamento dos processos e necessidades terrenas em franca preparação para uma espécie de ascensão e vida eterna. Esse quadro, embora muito gradativamente, mudaria com Ellen White, que passou a sistematizar o conceito a partir da percepção dos erros de cálculo de Miller e a suprema necessidade de se buscar a Deus em espírito e verdade, diariamente, como um processo, ainda que totalmente dependente da graça de Deus, ainda que não desprezando a brevidade da volta de Cristo exatamente nos moldes já mencionados por Miller.

2. BIOGRAFIA DE ELLEN WHITE

No primeiro capítulo, foi abordado o nascimento do movimento espiritual organizado por William Miller. Nesse capítulo, o tema tange a biografia concisa de Ellen White, co-fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, analisando de forma sintética, aspectos da sua vida e obra.

Biografar é reconhecer e engrandecer personalidades que de alguma maneira marcaram época. Esse conceito bem poderia ser utilizado até o início ou metade do século XX, quando o pós-modernismo, na teoria de Jameson³⁵, “decretou” o fim da grande narrativa e, sob certo ponto, a linearidade histórica. Compreendida e inserida no também novo conceito de micro-história aliado ao advento da história oral como técnica e metodologia³⁶, a contemporaneidade criou múltiplas possibilidades de confecções de biografias de pessoas comuns, que, em épocas anteriores, desprovidas da qualidade de “agentes da História”, perfilariam fora da documentação oficial, nesse caso, tida como séria e “verdadeira”.

Surge agora, portanto, um grande e promissor desafio surgido dessa nova concepção: deve o biógrafo ser ainda mais fremente em sua busca, explicitando suas reais motivações ao elencar determinado cidadão anônimo a condição de “imortal”, ao tornar público às gerações futuras seu respectivo legado. Se não for dessa forma, esse gênero pode ficar mercantilizado (o que em boa parte já é

³⁵ JAMESON, Fredric. "Pós-modernidade e sociedade de consumo". In: **Revista Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, nº12, 1985.

³⁶ É importante notar aqui que a História Oral ainda é, para muitos historiadores e biógrafos conservadores, “incipiente” e relegada a um incômodo segundo plano. Isso se deve, em grande medida, por seu caráter de “novidade”. No Brasil, apenas no início dos anos 80 do século XX é que ela encontrou o subsídio de alguns teóricos. Nos Estados Unidos e na França, há um preconceito menor, mas ainda existente.

verdadeiro) e as personalidades escolhidas são descritas porque momentaneamente representam algo apenas no presente. A “imortalidade”, nesse caso, fica em um incômodo e longínquo segundo plano.

Partindo desse princípio, fatalmente surgem questões de primeira grandeza. Afinal de contas, quem, nesse novo universo que se abre, deve ser considerado digno de ser biografado? Qual seria a finalidade dessa obra? Não é mais tão simples encontrar unanimidades em nossa época, mesmo entre aquelas personalidades até então quase que totalmente consideradas heróicas, como é o caso de Napoleão Bonaparte³⁷, que vem sendo reconstruído de forma às vezes bastante dura.

Se toda uma polêmica há em torno de personagens da grande história geral, o que dizer de biografias confessionais ou biografias de figuras específicas de determinadas denominações religiosas? Como analisá-las além das linhas denotadamente apologéticas que permeiam muito de seus autores?

Este capítulo portanto, como afirmado, tentará, em parte, abordar alguns aspectos principais da vida e obra de Ellen White a partir principalmente de seus escritos e literatura confessional, mas também levando em conta questões abordadas por alguns de seus críticos mais comentados na atualidade.

O ministério de setenta anos de Ellen White deixou um legado de aproximadamente cem mil páginas – em sua grande maioria manuscritas³⁸ – sob forma de diários, cartas, artigos em publicações da denominação e livros que passam desde aconselhamentos pastorais a comentários bíblicos e profecias. Até hoje, 93 anos após seu falecimento, em 1915, na Califórnia, Estados Unidos, suas páginas são consideradas desde polêmicas e contraditórias até divinamente inspiradas. Eis por si só, grande relevância histórico-social que justifica uma investigação séria e desapaixonada em busca de fontes que melhor caracterizem a

³⁷ Apenas no final do século XX é que biografias que tratam da violência “libertária” de Bonaparte ganharam algum destaque no Brasil. Antes disso, a esquematização “datas e fatos principais” ainda era a tônica.

³⁸ A máquina de escrever só passou a ser utilizada por ela e suas assistentes na década de 1880, sendo que seus escritos remontam 30 anos antes.

vida e obra da pesquisada autora.

Para uma melhor visualização e entendimento, o presente capítulo desse trabalho foi dividido em duas distintas, mas correlacionadas partes. Em primeira análise, uma condensada contextualização histórica da Europa foi esboçada, verificando a situação dos Estados Unidos no mesmo período, através da perspectiva de seu contraste com o Velho Mundo. Paralelamente, para dar vazão e completude a esse primeiro plano, efetuou-se um breve levantamento da situação religiosa nos dois lados do Atlântico no período que abrange o século XIX. Feito isso, a segunda etapa deste capítulo se deterá em especificar dados biográficos da infância e juventude de Ellen White antes e depois de sua assinalada conversão ao metodismo e posterior saída da denominação ao aceitar a mensagem de William Miller. Utilizar-se-á como fonte primária sua própria autobiografia, além de outras publicações de sua pena e outros autores. É importante frisar que no tocante a sua vida (excetuando a sua produção), existem poucos argumentos contraditórios sérios por parte de seus críticos. De qualquer forma, estes serão citados.

2.1 Contextualização Histórica – A Europa e os Estados Unidos no Século XIX

A vida de Ellen White, em sua infância e juventude, não foi diferente daquela vivida por milhares de pessoas que nasceram, viveram e morreram nos Estados Unidos, na primeira metade do século XIX.

O país ainda não figurava entre as potências mundiais, que era ocupada isoladamente pelo grande Império Britânico, com suas possessões que configuravam grandes porções em todos os continentes do globo, perfazendo, em seu auge, um terço de todo o território mundial. De fato, o grande exército e nada desprezível corpo burocrático proporcionaram tamanhas conquistas que, literalmente, para os cidadãos sob a coroa inglesa o Sol nunca se punha.

O manifesto oponente, a França pós-revolucionária e pós-napoleônica (mas

ainda Bonapartista) usufruía de prestígio filosófico e industrial, mas em pouco podia ser comparada à força das máquinas a serviço do reino britânico, senhor também dos mares.

Nesse contexto, os Estados Unidos não passavam de um país emergente e em grande medida agrícola, que ganhava certo prestígio e notoriedade nas Américas, principalmente através da Doutrina Monroe de 1823 que preconizava “A América para os americanos”, afirmação que pode ser ambigualmente entendida³⁹, mas que de afirma as expectativas hegemônicas estadunidenses para essa parte do globo, ainda a única possível. Assim, nas palavras de Osborn:

É provável que não tenha havido nem uma outra década no século dezenove que tenha testemunhado crescimento mais rápido e acontecimentos mais momentosos do que as décadas de 1830 e 1840. Os Estados Unidos se unificaram de costa a costa. Durante essas duas décadas, sete Estados se uniram à União, juntamente com a Califórnia, que, em 1850, se tornou o trigésimo primeiro Estado. A guerra contra o México acabou com grandes anexações territoriais. A população dos Estados Unidos elevou-se de cerca de 5 milhões em 1800 para mais de 20 milhões em 1850.⁴⁰

Precisamente nessa época, podia ser presenciado na América, toda a sorte de manifestações sociais e políticas, sociedades secretas, perfeccionismo e uma já bastante acentuada riqueza por parte de fazendeiros e novos burgueses. O advento das cidades maiores, que em grande medida provocava o asco da maioria protestante (“um mundo estranho e hostil desesperadamente impregnado de aguardente e catolicismo romano”, segundo Osborn) constituía uma espécie de problema moral, que pode facilmente ser associado aos altos índices de alcoolismo. Os Estados Unidos foram descritos por certo historiador, como uma “república de alcoólatras”.

Toda essa dinâmica estadunidense, contudo, é eclipsada por teóricos renomados da historiografia mundial contemporânea, constituída em sua maioria por

³⁹ A América poderia ser para os habitantes das Américas ou privilegiadamente para os habitantes dos Estados Unidos da América...

⁴⁰ OSBORN, Ronald E. *The Spirit of American Christianity*. New York: Harper & Brothers, 1958, p. 18-21 In: DOUGLASS, Herbert. **Mensagem do Senhor**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003, p. 334.

escritores europeus optantes pelo tradicionalismo factual, de cunho marxista. Assim sendo, somente no século XIX é que os Estados Unidos definitivamente, entrariam na fase industrial e, portanto, superior e digna de figurar nos grandes manuais. É importante lembrar que este foi o século da “antropologia das classificações”, tão combativa no período posterior.

Além do já frisado caráter profundamente econômico que distinguia os Estados Unidos da Europa, a questão religiosa deve figurar no topo da lista para se entender as dinâmicas e divergências do oitocentismo estadunidense. De acordo com Rémond:

o fato religioso, seja o que for que se pense a respeito de suas origens e de seu conteúdo, constitui um aspecto importante da vida das sociedades contemporâneas, contribuindo para especificá-las. (...) Sendo assim, a religião suscita a existência de comunidades confessionais dentro da sociedade global e esta não pode mais ignorar o fator religioso e se desinteressar pela presença das Igrejas, assim como as Igrejas não podem ignorar que seus fiéis pertencem a uma nação e são os cidadãos ou os súditos de um Estado.⁴¹

Por mais claras e definitivas que possam ser as palavras do catedrático francês da Paris X, houve no século XIX uma ruptura do pensamento religioso e do pensamento científico na Europa. Nos Estados Unidos as igrejas, principalmente protestantes, se proliferavam em grande número, mas na Europa cada vez maior era o desinteresse pela vida religiosa.

A pujança da nova tecnologia e ciência diariamente sendo projetada e fabricada em larga escala, pela primeira vez desde as origens do Cristianismo europeu sobrepujaram o fascínio ou o temor que os templos outrora exerceram. Não por acaso o século XIX foi considerado o “Século da História”. Enquanto o Renascimento havia aberto as possibilidades para uma vida mais focada no homem como centro de todo o universo, o século XIX europeu dramaticamente, em certa medida, alterou esse *status quo* em virtude do racionalismo em grande medida estar infundido nas igrejas. Nesse momento já não é mais tão simples fazer uma análise

⁴¹ RÉMOND, Rene. **O século XIX** (1815-1914). São Paulo: Cultrix, 1974,p. 164.

maniqueísta apontando ciência e religião como dois opostos irreconciliáveis. Portanto, uma análise mais demorada na questão mostrará que o discurso religioso típico do puritanismo – para citar um exemplo – é basicamente aquele mais estritamente fundamentado na razão. O notório historiador marxista Eric Hobsbawn declara que:

a sociedade burguesa de nosso período [o tempo delimitado em seus estudos] estava confiante e orgulhosa de seus sucessos. Em nenhum outro campo da vida humana isso era mais evidente que no avanço do conhecimento da “ciência”. Homens cultos do período não estavam apenas orgulhosos de suas ciências, mas preparadas para subordinar todas as outras formas de atividade intelectual a elas.⁴²

É certo que essas ideias de certa forma estavam sendo devidamente “importadas” para os Estados Unidos, mas ali o espírito simplesmente, em grande medida, era outro. Benaerts, reforça a conjectura europeia ao afirmar que

a crença em verdades filosóficas saiu tanto de moda, que nem o público nem os acadêmicos se dispõem a receber mais obras desse tipo [religioso], exceto como produtos de puro academicismo ou curiosidade histórica.⁴³

Nesse sentido, pode-se pressupor que houve um desencantamento ou “desmágicação” do mundo por parte dos estudantes e intelectuais europeus, no sentido específico de Max Weber (*Entzauberung der Welt*). Novamente Hobsbawn é bastante claro e específico ao publicar justamente que

portanto o mundo da ciência andara para frente nos seus próprios trilhos intelectuais, e o seu progresso posterior parecia, como o das ferrovias, oferecer perspectivas da colocação de mais trilhos do mesmo tipo em novos territórios. Os céus pareciam conter pouco daquilo que teriam surpreendido velhos astrônomos, afora uma série de novas observações através de telescópios mais poderosos ou instrumentos de medição melhores (ambos desenvolvimentos alemães) e o uso da nova técnica de fotografias, assim como da análise espectroscópica, pela primeira vez aplicada à luz das estrelas em 1861, que viria a transformar-se num instrumento de pesquisa

⁴² HOBBSAWN, Eric. **A Era do Capital**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 349.

⁴³ BENAERTS, P. ET al. Nationalité et nationalisme. Paris, 1968 In: HOBBSAWN, 1996, p. 623.

extremamente poderoso.⁴⁴

É possível afirmar com bastante clareza, diante dos exemplos apresentados, que esse desapego espiritual com relação às instituições clássicas de culto e adoração, substituindo a instituição “igreja” pelo ainda etéreo termo “ciência” foi retumbante. Tentativas de conciliação foram apresentadas, de forma a “cientificar” o espaço transcendente sem chocar a dissidência alocada em ambas as partes. É justamente aqui que outra vez Hobsbawn tenta elucidar parte da questão:

(...) também havia tendência genuína a substituir as consolações da religião pela idade da ciência. A “Ciência Cristã”, fundada por Mary Backer Eddy (1821-1910), que publicou seus escritos em 1875, indicava uma dessas tentativas. A impressionante popularidade do espiritualismo, que teve a sua primeira voga na década de 1850, é talvez provavelmente devida a essa tendência.⁴⁵

Interessante notar que Mary Backer Eddy, presidente da Faculdade de Metafísica de Massachusetts e Pastora Emérita da Primeira Igreja de Cristo, Cientista em Boston, em seu proeminente livro “Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras” se refere a Deus como Mente. Afirma Eddy:

O mundo desmoronaria sem a Mente, sem a inteligência que encerra os ventos nos seus punhos. Nem a filosofia, nem o cepticismo podem impedir a marcha da Ciência, que se revela a supremacia da Mente.⁴⁶

Mary Backer faz sua tentativa de reconciliar a Ciência e o Sagrado, mas não deixa de afirmar, ainda no prefácio do citado livro, a Fonte primária de sua pesquisa: “Oh! Tu ouviste a minha oração; E sou abençoada! Esta é a Tua magna promessa: Estares aqui, e em toda a parte.”

Nos Estados Unidos desse mesmo período, de forma geral, o clima não era

⁴⁴ HOBBSAWN, 1996, p. 378.

⁴⁵ HOBBSAWN, 1996, p. 378.

⁴⁶ EDDY, Mary Backer. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. The Christian Science Board of Directors. Boston, 1971.p. 202.

tão propício a essa concepção metafísica. As cidades ainda não podiam ser consideradas “centros urbanos” e grande parte da vida cotidiana de um estadunidense comum podia ser tripartida na conjuntura “Igreja, família e trabalho”, sendo o lazer incorporado justamente no encontro de amigos durante as celebrações, feriados patrióticos e raras festas, em grande medida organizadas pela própria Igreja.

Em meio a essa sociedade em expansão, não é possível falar em uma dicotomia total nos dois lados do Atlântico e o próprio deísmo de Thomas Paine e dos pais fundadores pode ser, em alguma medida, exemplo dessa diversidade. Mas, exceções à parte, naquele território novas manifestações religiosas fluíam com pujança⁴⁷.

Em meio às rápidas transformações sociais estadunidenses surge a primeira religião tipicamente americana, diferente do que foi importado da Europa e sem elementos conhecidos dos nativos americanos⁴⁸. A atual Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, cujos membros são comumente denominados mórmons (provavelmente em alusão a distintiva publicação que leva exatamente esse nome, contendo como subtítulo “*o outro evangelho Cristo*”), fundada por Joseph Smith Jr.. De acordo com a descrição do próprio fundador na introdução ao Livro de Mórmon, a Igreja surgiu a partir de seu desejo sincero de “conhecer a verdade”. Conta Smith que a essa indagação, um anjo lhe disse para não se unir a nenhuma das igrejas já estabelecidas e que ele deveria desenterrar placas de ouro divinamente guardadas contendo uma nova designação evangélica⁴⁹. A obra, posteriormente traduzida com o auxílio do anjo Morôni e do próprio apóstolo João, se tornou baluarte da religião

⁴⁷ É importante notar que em grande medida a perseguição religiosa impulsionou os primeiros ingleses a bordo do Mayflower à inauguração das Trezes Colônias, precursoras dos atuais Estados Unidos da América. A primeira emenda da Constituição Americana, já evidencia essa predisposição total à tolerância.

⁴⁸ Indico, para uma rápida e incisiva leitura acerca de religiões aborígenes, a primeira parte do livro “Religiões do mundo: em busca de pontos comuns”, de Hans Küng, publicado pela Verus Editora em 2004.

⁴⁹ Logo no prefácio do Livro de Mórmon essa narrativa pode ser encontrada, bem como os respectivos nomes das testemunhas que viram as placas, antes destas serem levadas pelo anjo.

que hoje mais cresce no Brasil⁵⁰.

A respeito da citada igreja, o conceituado crítico Harold Bloom escreve sobre a visceral diferença entre ela e as anteriormente constituídas:

O judaísmo normativo é a religião da lei verbal, a forte interpretação da Bíblia realizada pelos grandes rabinos do segundo século da Era Cristã. O cristianismo é a religião dos Pais da Igreja e dos teólogos protestantes que se separaram da Igreja. Tanto os católicos quanto os protestantes imitaram os sábios rabinos ao fazer interpretações definitivas que mudaram as Escrituras. Na religião estadunidense, a diferença do judaísmo e do cristianismo, é na realidade bíblica, enquanto oferece e exalta textos alternativos também.⁵¹

Os livros alternativos citados pelo crítico são, além do “Livro de Mórmon”, a “Pérola de Grande Valor” (composta de uma grande gama de textos diversificados) e “Doutrinas e Pactos” (que contém as definições doutrinárias e textos dos oficiais da Igreja). Bloom ainda escreve que “apesar dos erros, Smith foi um autêntico gênio religioso, único em nossa história nacional”. A “imaginação criadora” de Smith foi exaltada por Bloom⁵² “apesar dos seus erros”.

As igrejas fundadas por Joseph Smith, Jr. e Mary Backer Eddy, não eram as únicas opções para o estadunidense. Basta para isso dizer que o protestantismo histórico era fervoroso⁵³ e dominante.

Foi nesse contexto histórico-religioso que nasceu e foi apresentada à comunidade Ellen Gould Harmond e sua irmã gêmea, Elizabeth. Não há informações de que ela tenha sido influenciada por Smith, Backer Eddy ou qualquer outro

⁵⁰ Para informações a esse respeito, consultar: LOPES, Adriana Dias. País tem quase 1 milhão de mórmons e Igreja não pára de crescer. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: Caderno Vida. Domingo, 10 de Dezembro de 2006.

⁵¹ BLOOM, Harold. **La religión en los Estados Unidos**: el surgimiento de la nación poscristiana. México, Fondo de Cultura Económica, 1994. p. 85.

⁵² É visível ainda hoje a exaltação ao profeta através do próprio hinário dos Santos dos Últimos Dias. O hino 70, nomeado “Louvor ao Profeta” reza na primeira estrofe: “Hoje ao profeta rendemos louvores; Foi ordenado por Cristo Jesus para trazer a verdade aos homens, para os povos trazer nova luz” As últimas linhas do hino pressupõe o martírio de Smith: “Os seus algozes cruéis e impiedosos; Por seu delito cruel pagarão”. (Hinos IJCSUD. Missão Brasileira da IJCSUD, 1959)

⁵³ Para visualizar sua multiplicidade e diversidade, recomendo o livro do historiador Mark Noll chamado “A History of christianity in the United States and Canada”. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1992.

personagem religioso de sua época além de John Wesley. O fato devidamente documentado⁵⁴ é que ela nasceu e cresceu em uma pequena cidade no estado de Maine, sendo sua família metodista wesleyana⁵⁵, o que mais tarde ficaria patente nas suas próprias obras.⁵⁶

2.2 Ellen White – Da infância à conversão (1827 – 1841)

Segundo White em sua autobiografia “Vida e Ensinos”

Nasci em Gorham, Estado do Maine, em 26 de novembro de 1827. Meus pais, Roberto e Eunice Harmon, residiram por muitos anos nesse Estado. Já em sua infância tornaram-se membros fervorosos e dedicados da Igreja Metodista Episcopal. Naquela igreja, desempenharam papel saliente, e trabalharam, durante um período de quarenta anos, pela conversão de pecadores e em prol da causa de Deus. Durante esse tempo tiveram a alegria de ver seus filhos, em número de oito, convertidos e reunidos no aprisco de Cristo.⁵⁷

Uma rápida análise do texto, originalmente publicado no ano de morte de Ellen White, 1915, evidencia grande admiração pelo empenho de seus pais em prol da causa de Cristo, que ela própria herdou e admoestou tantos outros. Em rápidas palavras, eis exatamente o conteúdo de suas tantas páginas escritas.

Contudo, ao analisar os primeiros anos de vida de Ellen White, essa confiança e felicidade em Cristo não pode ser encontrada tão facilmente. A pequena e frágil garota viveu anos tristes e desesperançosos. Aos nove anos de idade foi seriamente ferida em seu rosto por uma pedra lançada por uma menina mais velha, ocasionando grave dano não percebido imediatamente. Durante as semanas

⁵⁴ Arthur White e Herbert Douglass são apenas dois dos muitos autores que retrataram a biografia de Ellen White. Em relação ao primeiro, o livro em português é “Ellen White, mensageira da igreja remanescente” (Tatuí: CPB, 2000) e quanto ao segundo o livro é “Mensageira do Senhor” (Tatuí: CPB, 2005).

⁵⁵ Utilizo o termo “metodista wesleyano” para não ser confundido com o metodista George Whitefield, que posteriormente tornou-se calvinista e se uniu à Igreja Presbiteriana. Ellen White, no livro “Santificação”, (Tatuí: CPB, 2006) clarifica o conceito adventista de santificação, não necessariamente o mesmo que o “perfeccionismo” de John Wesley, visualizado principalmente em seu “Sermão 40” e devidamente reestruturado ao longo de sua vida.

⁵⁶ O livro “Caminho para Cristo” (Tatuí: CPB, 1987) é evidência, mas seu conteúdo não é metodista).

⁵⁷ WHITE, 2004, p. 13.

seguintes, Ellen ficaria entre a vida e a morte. Na verdade, bastante agitada ficou ao receber muitas visitas e, em uma delas, entrevistou acerca de seu estado e da possibilidade real de nunca mais deixar o leito.

Passado o trauma inicial, a recuperação muito lenta fez com que ela perdesse a companhia de colegas e da escola. Notou que sua aparência pessoal (seu rosto ficou para sempre marcado) “muitas vezes estabelece diferença no tratamento que recebemos dos companheiros.”⁵⁸ O futuro, afinal de contas, parecia muito menos promissor que o passado.

Ellen White não pode nunca mais retomar seus estudos regulares e mal podia escrever. Sua caligrafia era ruim, sua mão tremia, as letras embaralhavam e era tudo sempre muito penoso demais. De fato, não era inválida, mas não podia sequer trabalhar manualmente (antes do acidente ajudava seu pai, chapeleiro) e sua qualidade de vida estava aquém das poucas expectativas de um estadunidense interiorano de seu século.

Em sua citada biografia, ela narra acerca de sua pior tristeza e decepção:

Minhas professoras aconselharam-me a abandonar a escola, e não retomar os estudos antes de minha saúde melhorar. Foi a mais forte luta de minha juventude, ceder à fraqueza e decidir que deveria abandonar os estudos e renunciar a toda esperança de instruir-me.⁵⁹

É justamente nesse contexto de dor que Ellen White resolve se apegar com mais forças a piedosa religião da família, muito embora não conseguisse enxergar em Cristo Jesus verdadeiramente seu Amigo e Consolador. Seu coração sempre pesaroso não era suficientemente bom e puro para ser um com o de seu Salvador.

⁵⁸ WHITE, 2004, p. 14.

⁵⁹ WHITE, 2004, p. 15.

2.3 Ellen White – Da conversão ao Desapontamento (1841 – 1844)

Seu aparente pessimismo com relação às coisas espirituais, facilmente justificado por sua vida até então desafortunada não a tornou rebelde e irreligiosa, como já referimos. Isso pode ser notado pelo fato dela ter ido assistir às reuniões do Sr. William Miller, acerca das profecias bíblicas que indicavam a volta de Cristo, muito embora os questionamentos de Miller, naquela época, atraíssem muitos curiosos apenas pelo “fator novidade” e por sua sagacidade ao expor a História de acordo com as profecias. Ela assistiu às reuniões de Miller na companhia de amigas, em uma região onde dificilmente acontecia algo de novo e diferente.

Ellen White foi testemunha ocular do movimento do Advento, que anos mais tarde culminaria com a formação da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Dessa denominação ela consta como co-fundadora, sem, contudo, marcar uma data para o fim dos tempos e fortemente desencorajar os que pretendiam tal empreitada⁶⁰.

Em 1841, ainda com seu coração pesaroso, Ellen vai com seus pais às reuniões metodistas no Maine, onde obtém, de certa forma, consolação, muito embora ainda pairassem dúvidas em seu espírito sobre sua real “conversão” por não sentir a “paz de uma convertida”. Afinal, John Wesley desde 1725 dizia explicitamente que a pessoa poderia com certeza absoluta sentir o perdão de Deus.⁶¹

Ellen White, ao contrário de Wesley, escreveu acerca de sua “conversão”:

Passei então a ver mais claramente o meu caminho, e as trevas começaram a dissipar-se. Ardorosamente busquei o perdão de meus pecados, e esforcei-me para entregar-me inteiramente ao Senhor. Meu espírito porém, debatia-se muitas vezes em grande angústia, pois eu não experimentava o êxtase espiritual que considerava deveria ser a prova de minha aceitação da parte de

⁶⁰ “De 1845 em diante, Ellen White passou a aconselhar veementemente contra a marcação de datas – costume que alguns adventistas mileritas continuaram a praticar após 1844, inclusive José Bates [pioneiro adventista do sétimo dia, que convenceu por primeiro sua denominação a guardar o sábado] até 1851” (DOUGLASS, Herbert. Mensageira do Senhor. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005, p. 487) Vide ainda o livro Primeiros Escritos, de Ellen White, (publicado originalmente em 1851).

⁶¹ WESLEY, John. **Letters**. Oxford: Oxford University Press 1980-82 In: HEITZENRATER, Richard. Wesley e o povo chamado metodista. São Bernardo do Campo: Edteo, 1996

Deus, e não ousava crer que, sem isso, estivesse convertida. Quanto necessitava eu de instrução no tocante à simplicidade da fé!⁶²

Pouco tempo depois Ellen White é batizada nas águas do Oceano Atlântico, que banhava as praias de Portland. No mesmo dia, foi recebida na Igreja Metodista com todas as prerrogativas de membro.

Em linhas gerais, eis a infância e a adolescência de Ellen White até seu batismo, aos 14 anos de idade. A partir desse momento, observa-se nela um aguçado senso de responsabilidade e oração. Ellen empreenderia grande parte de seus esforços no sentido de se aproximar o máximo possível da “perfeição cristã” e assim sendo, ficar apta para o grande dia de Deus. Como wesleyana convicta, exprimia sua insatisfação interna em relação ao seu próprio “progresso cristão”:

Por algum tempo senti uma constante insatisfação própria com o meu progresso na vida cristã, e não experimentava o sentimento vívido da misericórdia e amor de Deus. Sobrevinha-me uma sensação de desânimo, o que me causava grande ansiedade de espírito.⁶³

Sem dúvida, William Miller e suas exposições pontuais das profecias de alguma forma impressionaram a jovem Ellen, visto que ela, depois de seu batismo, continuou assistindo suas palestras. Dessa vez, porém, em 1842, Miller já não tinha mais acesso aos púlpitos das mais diversas denominações cristãs e alguns pastores já se levantavam na tentativa de expor os erros daquele que consideravam fanático. Logo, centenas de membros que seguiam Miller seriam sumariamente excluídos de suas denominações, o que em breve aconteceria com a família Harmon, de Ellen White⁶⁴.

Justamente por esse tempo, entre 1842 e 1844, Ellen White tem seu primeiro sonho, angustioso, “o sonho do templo e do cordeiro”, quando viu um templo com muitas pessoas reunidas, sendo que as de fora dele escarneciam das que entravam.

⁶² WHITE, 2004, p. 18.

⁶³ WHITE, 2004, p. 21.

⁶⁴ Ellen Gould Harmon adotaria o sobrenome White depois de seu casamento com o pastor adventista James White em 30 de agosto de 1846.

No centro havia uma grande coluna e acorrentada a ela um cordeiro lacerado e ferido, sendo que todos os que ali estavam deveriam se aproximar dele e confessar seus pecados. Ali mesmo, em assentos altos, pessoas muito felizes observavam tudo. Ellen também se via ali no sonho mas, de súbito, todos os personagens desapareceram, ficando ela só. Contrapondo este sonho ruim, ela tem um novo, agora com Cristo, sendo que este foi balsâmico e alentador, dando a então perturbada Ellen, esperança e fé.

Passados estes momentos, Ellen vai consultar-se com o pastor Stockman, metodista, que pregava acerca do Segundo Advento de Cristo. O pastor renova as esperanças de Ellen, que voltou para sua casa “confortada e animada”, conforme escreveria posteriormente.

A partir de então, renovada, Ellen faz sua primeira oração pública em um grupo de oração, testemunha aqui e acolá e trabalha fervorosamente em prol de suas jovens amigas. A conversão deveria ser experimentada por todos; deveria existir plena certeza de salvação. Não deveria haver espaço para a dúvida. Os temores, aparentemente, haviam sido dissipados pela benévola imagem de Cristo renovando as esperanças e as forças de uma débil e frágil adolescente.

Ademais, além da Igreja Metodista, frequentava grupos particulares de estudo da Bíblia e mantinha firme sua fé do Advento, bem como toda a sua família. Finalmente, por essa crença, foram excluídos. Diz Ellen White acerca desse fato:

O ministro não tentou citar um único texto que provasse estarmos em erro, desculpando-se, porém, com a alegação de falta de tempo. Aconselhou-nos a que silenciosamente nos retirássemos da igreja, e evitássemos a publicidade de um processo regular de exclusão.⁶⁵

Pouco depois, em 22 de outubro de 1844, as profecias de Miller malogram e

⁶⁵ WHITE, 2004, p. 44.

Cristo não volta. Em seu lugar, vem o chamado Desapontamento⁶⁶ e com ele, os dias felizes e expectantes tornaram-se negros e amargos como fel. Evidentemente havia um erro de contagem ou algo semelhante, embora se achasse que qualquer criança poderia compreender o cálculo e a exposição dos mileritas, conforme relato posterior de Ellen White.

No dia seguinte ao Desapontamento, Hiram Edson, em meio a um milharal, depois de meditação e oração, recebeu uma visão⁶⁷ acerca do que de fato aconteceu no dia anterior e concluiu que de fato o santuário foi purificado (conforme a profecia das 2300 tardes e manhãs de Daniel 8:14), com Cristo deixando o lugar Santo e entrando no Santíssimo⁶⁸. A partir desse ponto, a vida de Ellen White não mais poderá ser dissociada de sua obra e não tardou para que ela recebesse suas primeiras visões. Seriam aproximadamente 2000 até quase o fim de sua vida.

2.4 As visões de Ellen White

2.4.1 Um pequeno histórico acerca dos profetas bíblicos: motivação e inspiração

Sonhos e visões sempre constituíram o universo bíblico - judaico ou cristão. Profetas visionários são facilmente encontrados nas páginas das Escrituras Sagradas e nunca surgem no cenário histórico sem uma função específica⁶⁹. Quando do Dilúvio, Noé foi chamado para, além de pregar sua arca, literalmente pregar acerca do arrependimento e do que brevemente haveria de vir. Assim também foi com Abraão, cujo filho foi fruto direto de profecia divina; no exílio surgiu a figura de Moisés e posteriormente, para as mais diversas situações, Isaías,

⁶⁶ O Desapontamento ou o Grande Desapontamento ainda hoje é lembrado na Igreja Adventista do Sétimo Dia como uma data especial e significativa.

⁶⁷ A visão de Hiram Edson em grande parte serviu para minimizar o sofrimento dos desafortunados mileritas, que passaram a ser cruelmente ridicularizados. De qualquer forma, houve um profundo estudo posterior que “confirmou” a visão.

⁶⁸ Embora o Sábado seja a mais evidente bandeira dos adventistas, sua doutrina mais destoante do cristianismo tradicional é justamente a doutrina do Santuário Celestial, a 23ª de um total de 28 doutrinas. Para maiores informações, recomendo o livro “Nisto cremos” (CPB, 2007)

⁶⁹ O profeta bíblico Amós, no capítulo 3, verso 7 afirmou: “Pois o Senhor Iahweh não faz coisa alguma sem antes revelar o seu segredo a seus servos, os profetas”.

Jeremias e João Batista, apenas para citar os mais conhecidos.

Apesar de todo o contexto bíblico, dada a culturalidade da época claramente privilegiar a figura masculina, a Bíblia também faz alusão a mulheres que profetizaram. Além de Ana e das filhas de Filipe, no Novo Testamento, bem como outras, o Antigo também faz sua alusão. De acordo com Douglass:

Quando Josias (621 a.C.) identificou as Escrituras perdidas havia longo tempo (provavelmente Deuteronômio, ver II Crôn. 34:14), tremeu ante os iminentes juízos preditos sobre o povo de Deus em consequência de sua apostasia. Estava em dúvida se ele e seus líderes dispunham de tempo suficiente para instituir uma reforma nacional. Seus líderes religiosos leais – Safã, o escriba; Hilquias, o sumo sacerdote e muitos levitas que ensinavam – ficaram igualmente perturbados. Todos queriam saber o significado das Escrituras, que prometiam tanto bênção como maldição. A quem recorreram em busca de conselho? À profetisa Hulda!⁷⁰

Ao analisar as passagens bíblicas dos personagens acima citados, fica claro que Deus se utilizou tanto de homens como de mulheres, dando-lhes a inspiração necessária para que transmitissem determinada e urgente mensagem. Não havia inspiração verbal, palavra por palavra, mas inspiração de pensamento. Assim sendo, o profeta ou escritor bíblico escrevia de acordo com o seu grau de conhecimento e erudição⁷¹. Erros aqui e acolá, que absolutamente não influenciaram a confecção dos textos, podem ser encontrados⁷². De acordo com Pfandl:

Em Atos 7:16, Estêvão diz que Abraão comprou a caverna de Macpela da Hamor, pai de Siquém. Quando porém, lemos o relato dessa compra em Gênesis 23:7-17, descobrimos que Abraão comprou a caverna não de Hamor, mas de Efrom o heteu. Além disso, de Gênesis 33:18-19 aprendemos que Jacó comprou seu pedaço de terra dos filhos de Hamor, pai de Siquém. Entretanto, Deus não achou apropriado corrigir Lucas, nem corrigiu Mateus quando ele escreveu que as palavras “tomaram as trinta moedas de prata...” (Mt 27:9) são de Jeremias, quando, de fato, a fonte principal é Zacarias 11:13. Deus obviamente não considerou esses detalhes históricos suficientemente

⁷⁰ DOUGLASS, 2003. p. 411.

⁷¹ Harold Bloom, no livro “La Religion em los Estados Unidos” (1994, p.161), afirma que os textos de Ellen White são de uma “monotonia terrível”. Presumo que em grande parte o comentário foi tecido ao constatar o autor, depois de apreciar alguns de seus textos, a mísera educação formal da Sra. White, que, de fato não era uma grande erudita.

⁷² Nesse ponto pode surgir uma discussão sobre os manuscritos utilizados, mas de qualquer forma, a idéia de que o profeta não é possuído por alguma força superior, mas escreve de acordo com as suas próprias características, continua válida.

importantes para dar uma visão para a sua correção.⁷³

Nos casos acima especificados, o autor não parece exprimir dúvidas quanto à autoria dos textos, ou seja, de onde provém a inspiração. Porém, há uma contribuição humana que inegavelmente permeia e enriquece esses escritos. De acordo com Rahner, acerca da inspiração bíblica, podemos saber que:

Deus é a causa eficiente literária da Sagrada Escritura, isto é, seu Autor. Êste é o ensinamento dogmático do Concílio de Trento e do Vaticano I, pelo menos se entendermos à luz da Tradição as expressões "Deum habent auctorem", "Spiritu Sancto dictante", "Spiritu Sancto inspirante", referentes a êste assunto. Por outro lado, conforme a doutrina comum dos teólogos, não se pode negar que também o homem, como causa eficiente da Escritura, é seu verdadeiro autor, no sentido literário do termo. Os autores humanos da Sagrada Escritura não são simples secretários, não são meros copistas de um ditado divino. Não são apenas secretários, mesmo se exercessem tal ofício sob a luz e moção divinas, de modo a entenderem intelectualmente o que fazem e a fazerem-no por sua livre e espontânea vontade. É que os afiógrafos, de fato, são causa eficiente de seu escrito (Urheber). São seus autores (Verfasser). Devemos, portanto, afirmar: não são menos autores da Sagrada Escritura do que os demais homens com relação ao que escrevem. A autoria divina não entra em concorrência com a humana. Não importa em uma diminuição desta. Conseqüentemente, a autoria humana nem é impedida nem é rebaixada ao exercício de mera função de secretário.⁷⁴

Ao tomar a Bíblia como Palavra de Deus e devidamente inspirada pelo Espírito Santo, não parece ser possível falar em diferentes graus de inspiração. Nesse caso, Amós não foi "menos inspirado" que Isaías, por exemplo. Assim fosse e a Bíblia poderia ser facilmente desconsiderada em grande porção – ou seja, relativar os profetas menores e maiores – ao apresentar textos "superiores" e "inferiores", como fez Lutero.

2.4.2 Ellen White e a Hermenêutica

Os adventistas do sétimo dia, em grande medida, consideram Ellen White uma escritora inspirada pelo Espírito Santo, da mesma forma que os profetas

⁷³ PFANDL, Gerhard. *Ellen G. White e a Hermenêutica* In: REID, 2007, p. 324.

⁷⁴ RAHNER, Karl. *Sobre a Inspiração Bíblica*. São Paulo: Herder, 1967. p.15-17.

bíblicos o foram, e por esse motivo tomam muito a sério seus escritos. Na verdade, conforme o já citado teólogo Herbert Douglass (2006)

Os adventistas do sétimo dia têm procurado seu conselho em praticamente todas as questões que a igreja enfrenta. Seus escritos volumosos, bem organizados e com índice, são lidos e discutidos em grau muito maior do que os metodistas citam John Wesley ou os luteranos os escritos de Martinho Lutero.⁷⁵

De um total de mais de cem mil páginas manuscritas e datilografadas de White, cinquenta por cento falam sobre estilo de vida e temperança⁷⁶, enquanto a outra metade fala sobre a história da redenção, o tema do grande conflito cósmico entre Cristo e Satanás⁷⁷ e, eventualmente, alguma profecia específica⁷⁸.

Porém, em seus inícios, quando da desestruturação do movimento de William Miller, o simples fato de alguém alegar ter sonhos ou visões era motivo para ser visto com severa desconfiança. Ellen White precisou passar por crivo ferrenho de grande parte de seus companheiros para só então ser reconhecida como profetisa ou mensageira do Senhor. De acordo com Butler:

Embora líderes mileritas como o próprio Miller, Carlos Fitch e Josué Himes se opusessem aos “fenômenos carismáticos”, o movimento era “normalmente criticado” por esses “fanatismos” como curas, falar em línguas, visões e profecias. Depois do dia 22 de outubro de 1844, para a maioria dos mileritas e para o mundo religioso zombador em geral, os fenômenos carismáticos como

⁷⁵ Revista Eletrônica Diálogo Cristão. Disponível em http://dialogue.adventist.org/articles/10_1_douglass_p.htm, acessado em 13 de novembro de 2008.

⁷⁶ Em grande medida, o material foi escrito e sistematizado sob a forma de “conselhos”. Para citar apenas um exemplo acerca da temperança, vide o livro “Conselhos sobre o Regime Alimentar”. Na compilação de seus escritos para a juventude cristã, cito o “Mensagens aos Jovens”.

⁷⁷ “O Grande Conflito entre Cristo e Satanás”, ou simplesmente “O Grande Conflito” é contemporaneamente a obra mais lida e encontrada de Ellen White. Nesse caudaloso volume, ela expõe – atrás da História, como Deus agiu e age através de pessoas inspiradas, conduzindo Seu povo à vitória final, ou seja, a Nova Jerusalém, não sem antes passar por duras provas e perseguições. Especialmente interessante é a descrição dela dos primeiros reformadores como “arautos da verdade”.

⁷⁸ Existe um pequeno livro em português, traduzido como *Eventos Finais* (CPB, 2004) em que aparecem algumas das suas poucas predições específicas sobre o futuro. De qualquer forma, elas não deixam de fazer algum sentido, dentro de um contexto muito bem delineado. Sugere – entre outras coisas, inclusive de acordo com outros grupos denominacionais, que em nossos tempos o ideal seria, se possível, abandonar as cidades e viver serenamente no campo, abdicando em grande medida de alimentos cárneos, assunto que ela aborda também em outras publicações, bem como um desapego material e uma ligação muito mais intrínseca com o Criador.

visões eram altamente suspeitos. Os mileritas, ofendidos por serem rotulados de fanáticos, ficaram bastante desconfiados de quem quer que afirmasse ter visões.⁷⁹

Contudo, somente nos anos 70 do século XX é que pela primeira vez desde a morte da autora, em 1915, alguns eruditos leigos adventistas passaram a interpretar hermeneuticamente seus escritos⁸⁰. Foi só a partir desse momento que os pastores fizeram o mesmo. Até então, poucos, dentro da igreja, ousavam questionar o conteúdo de sua pena. Assim mesmo, a dissidência nunca foi diminuta.⁸¹ Em certa medida, não é exagero dizer que em algumas comunidades, geralmente de interior, os textos de Ellen White eram empostados com a mesma autoridade da Bíblia, minimizando o tão caro princípio *Sola Scriptura*. Foi somente no final dos anos 80 que a Igreja Adventista do Sétimo Dia, através de seus evangelistas mais conhecidos, em populares programas de televisão e grandes encontros evangelísticos, obtiveram êxito ao minimizar a arraigada ideia de “legalismo” da igreja (com relação aos não adventistas) para uma posição mais “evangélica”, enfocando muito mais a graça que as doutrinas específicas.⁸²

Assim sendo, pode-se concluir com facilidade que estudar hermeneuticamente os escritos de Ellen White ainda é tarefa nova para os adventistas do sétimo dia. Por outro lado, não é possível levar à sério os textos dos primeiros críticos, pessoalmente ressentidos e pouco profundos em seus argumentos.

Contudo, isso não significa que não se empreenda sinceros e ardorosos

⁷⁹ BUTLER, Jonathan. The making of a new order, p. 196 In: DOUGLASS, 2003, p. 134.

⁸⁰ McADAMS, D. Shifting views of inspiration: Ellen G. White studies in the 1970s. **Spectrum**, v. 10, n. 4, Março de 1980.

⁸¹ O “maior” de todos os dissidentes encontrados na bibliografia adventista do sétimo dia é D.M. Canright, que em 1887 escreveu o livro “Seventh-Day Adventist Renounced”. Canright foi membro da igreja durante 28 anos, chegando mesmo a ser pastor. Concluiu que o adventismo pode ser resumido em um “charco de erros, enganos e fanatismo”. Porém, chorou amargamente no sepultamento de Ellen White, mostrando grande ambiguidade em seus pensamentos. Conta-se que em alguns anos antes de sua morte, abandonado e miserável, depois de ter passado pelas fileiras batistas, renegou seus escritos. Para uma resposta às críticas de Canright e R. Pitrowsky, vide o livro de A.B. Christianini, “Subtilezas do Erro” (CPB, 1981).

⁸² O pastor peruano recém aposentado, Alejandro Bullón, o falecido pastor canadense Henry Fairabend, apresentador do popular programa canadense *It is Written* e o estadunidense Mark Finley contribuíram para essa transformação.

esforços no sentido de conhecer e interpretar suas páginas. O depósito dos seus escritos, na Conferência Geral da Igreja em Washington, está aberto ao público pesquisador. Além disso, está disponibilizado eletronicamente, via internet e discos magnéticos, todos os seus textos, inclusive os ainda não exaustivamente pesquisados.

Os pressupostos utilizados pelos adventistas para considerar Ellen G. White uma mensageira⁸³ do Senhor são fundamentalmente bíblicos, como se verá logo adiante. Seguindo essa mesma lógica, seus escritos são hermeneuticamente considerados tal qual a Bíblia o é. Ainda assim, “a igreja não faz dos escritos dela uma segunda Bíblia, ou mesmo, uma adição ao cânon sagrado da Palavra de Deus”⁸⁴. Assim sendo, uma pessoa pode encontrar Cristo e ser salva sem nunca ter lido uma linha sequer de Ellen White, sendo que a Bíblia é a única fonte, teste e autoridade de todas as crenças dos adventistas do sétimo dia. Contudo, de acordo com Alberto Timm:

Nem todos os profetas literários, porém, se encontraram como autores de obras que mais tarde seriam adicionadas ao cânon do Velho ou do Novo Testamento. Pelo menos oito profetas literários mas não-canônicos são mencionados por nome no Velho Testamento. Jasar foi o primeiro, quinze séculos antes de Cristo, talvez só uns 40 anos após o tempo de Moisés. Embora o Livro de Jasar seja mencionado tanto em Josué 10:13 quanto em II Samuel 1:18 (ARA - Livro dos Justos), este livro não foi incluído no Velho Testamento.⁸⁵

⁸³ Surge aqui uma questão semântica: enquanto muitos adventistas consideram Ellen G. White como uma profetisa, ela própria não se via dessa forma, tomando para si o termo “mensageira”. Ela escreve as seguintes palavras no periódico da igreja, *Review and Herald*, de 26 de Julho de 1906 (transcrito por Arthur L. White na obra “Ellen G. White: mensageira da igreja remanescente” (CPB 2000): “Por que não pretendi ser uma profetisa? Porque nestes dias, muitos que ousadamente pretendem ser profetas são um vitupério para a causa de Cristo; e porque minha obra inclui muito mais do que significa a palavra “profeta”. No mesmo artigo, escreve também: “Ainda em minha mocidade, várias vezes fui inquirida com esta pergunta: Você é uma profetisa? Sempre respondi: Sou a mensageira do Senhor. Sei que muitos me chamam profetisa, porém jamais reclamei este título. Meu Salvador declarou que sou Sua mensageira”.

⁸⁴ TIMM, Alberto. **Ellen G. White e a Bíblia**, p. 2 Centro de Pesquisas Ellen White Brasil. Disponível em http://www.centrowhite.org.br/textos.pdf/02/referência_01c.pdf. Acessado dia 15 de agosto de 2008.

⁸⁵ TIMM, Alberto. **Ellen G. White e a Bíblia**, p. 3 Centro de Pesquisas Ellen White Brasil. Disponível em http://www.centrowhite.org.br/textos.pdf/02/referência_01c.pdf. Acessado dia 15 de agosto de 2008.

Ellen White é, portanto, considerada uma mensageira ou profetisa, segundo a visão adventista do sétimo dia – mesmo não fazendo parte de qualquer cânon e apesar de ter nascido somente do século XIX depois de Cristo - por se enquadrar nos mesmos requisitos que os profetas bíblicos cumpriram. Esses requisitos são basicamente quatro e todos eles, indistintamente devem ser cumpridos para que exista a compreensão e aceitação da comunidade adventista. Além disso, conforme foi citado, não é possível falar em diferentes graus de inspiração e autoridade em se tratando da inspiração do Espírito Santo.

Os comentados quatro testes bíblicos, na ordem de aparecimento, de acordo com T. Housel Jemison⁸⁶ são os expostos em Isaías 8:20, Mateus 7:20, Jeremias 28:9 e 1ª João 4:2. Eles complementam o texto de Números 12:6, que assim reza: “Disse Iahweh: Ouvi, pois, as minhas palavras: Se há entre vós um profeta, é em visão que me revelo a ele, é em sonho que lhe falo”⁸⁷. Sem os quatro pressupostos bíblicos, abaixo expostos, creem os adventistas, o profeta não é verdadeiro, visto que entre os falsos também podem existir aqueles que recebem sonhos e visões, bem como manifestações físicas semelhantes aos profetas divinamente inspirados.

Quanto ao texto de Isaías 8: 20 (“À instrução e ao testemunho! Se eles não falarem de acordo com esta palavra, certamente não nascerá para eles a aurora”), a compreensão parece ser bastante clara: Ellen White não modificou ou descontextualizou nenhum texto sagrado para adequá-lo aos seus próprios escritos. Na verdade, nunca foi exegeta, mas comentarista. “Creio nas declarações de uma Bíblia inteira⁸⁸”, escreveu ela. Não criou nenhuma doutrina (nem mesmo a do Santuário) e não fundou uma religião cristã com conteúdo revolucionário e questionável, do ponto de vista tradicional do cristianismo. A igreja que ela ajudou a fundar e sistematizar é, conforme os adventistas, totalmente bíblica, sendo que a grande diferença reside justamente na compreensão e respeito ao Decálogo - com ênfase no quarto mandamento apenas em virtude do seu “esquecimento” - em

⁸⁶ JEMISON, Housel T. **A prophet among you**. Boise: Pacific Press Publishing Association, 1955. p. 100-116.

⁸⁷ De acordo com a Bíblia de Jerusalém.

⁸⁸ WHITE, Ellen. **Mensagens Escolhidas**. v. I Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001 p. 17.

relação a misericordiosa graça divina, compreendida pela fé. A justificação pela fé é aceita em sua totalidade em 1888. Na verdade, nenhuma linha dos seus escritos questiona a autoridade bíblica, mas, ao contrário, exalta o livro sagrado. Ela própria costumava utilizar a analogia “luz menor, luz maior”, dizendo que seus textos, uma pequena luz, indicavam a grande luz, a Santa Bíblia.⁸⁹

Em relação ao segundo teste bíblico, expresso em Mateus 7:20 (“É pelos seus frutos, portanto, que os reconheceréis”), julgam os adventistas que Ellen White também passou. “A influência da vida do profeta, bem como suas mensagens individuais ou coletivas, devem ser boas”⁹⁰. As afirmações nesse sentido são embasadas pelo fato dela ter tido uma vida humilde, respeitável e condizente com sua missão. Nunca acumulou riqueza (pelo contrário, passou muitas necessidades ao longo de sua vida) e sua hospitalidade era amplamente reconhecida. Mostrava-se sempre disposta e absolutamente preocupada com a vida de sua comunidade. Falando sobre o profetismo em Israel, Isaltino Gomes, descreveu uma característica que se enquadra com a personalidade de Ellen White. Diz ele que:

O profeta não é um temperamental emburrado. A angústia de Jeremias mostra um homem que vê o que está por acontecer ao seu povo e que sofre com isso. Ele não se alegra com a desgraça, mas chora por causa dela: “Ah! Meu coração! Meu coração! Eu me contorço em dores. Oh! As paredes do meu coração! Meu coração se agita! Não posso calar-me, porque ouves, ó minha alma, o som da trombeta, o alarido de guerra” (Jr 4.19).⁹¹

Além disso, o tempo pode ser tomado como prova para a mensagem de uma pessoa. A esse respeito, Douglass, escreveu:

Contando com apenas cem crentes em 1850, o movimento adventista tornou-se um movimento internacional, que cresceu para mais de 10 milhões de adeptos. Obsevadores não adventistas, bem como adventistas, declaram enfaticamente que Ellen White é a razão para essa influência mundial A Igreja Adventista não se sobressai apenas no ministério da pregação; ela patrocina

⁸⁹ Segundo Ellen White, em seu livro Mensagens Escolhidas, v. 3, p 30: “Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior”.

⁹⁰ JEMISON, 1955. p. 104.

⁹¹ GOMES, Isaltino. **Profetismo em Israel**. Disponível em <http://www.ibcambui.org.br/estudo/O%20PROFETISMO%20EM%20ISRAEL.pdf>. Acessado em 11 de novembro de 2008, p. 8.

o maior sistema de escolas protestantes do mundo. Seu programa médico também é internacionalmente conhecido, produto em grande parte do estímulo de Ellen White. Esses programas mundiais incluem a ADRA [Agência de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais], jamais teriam atingido suas principais realizações sem a previsão e os princípios expostos por Ellen White. A Universidade de Loma Linda, por exemplo, com sua internacionalmente conhecida Escola de Medicina, nem mesmo existiria se não fosse pela visão e tenacidade de Ellen White.⁹²

Acerca do exemplo citado, os frutos não são apenas os relativos a sua pessoa, mas a sua obra em si. De fato, ela foi mulher de prática e ação vigorosa, sendo que suas visões serviram, durante décadas, para dirimir dúvidas institucionais e mostrar o reto caminho a seguir, de forma bastante específica.

O próximo teste bíblico a que Ellen White foi submetida, é o de Jeremias 28: 9 (“o profeta que profetiza a paz, só quando se realizar a palavra do profeta é que será reconhecido como profeta que lahweh realmente enviou!”). Segundo a compreensão adventista, ela também logrou êxito neste ponto. O profeta não necessita, prioritariamente, apenas prever e antecipar as desgraças ou benesses do futuro. Eventualmente isso acontece em sua vida e, nesse caso, as predições devem ser, todas, corretas. À exceção se dá apenas naquelas profecias de caráter condicional, ou seja, quando há possibilidades ou outras opções. O caso clássico de profecia condicional, conforme a Bíblia, parece ser o descrito no livro de Jonas. Pode ser ainda um pouco recente demais afirmar com todas as letras que uma ou outra profecia de Ellen White parece estar errada. Afinal, sua morte aconteceu menos de um século atrás. Porém, tomando como base seus conselhos e escritos, não há dúvidas, para os adventistas do sétimo dia, que suas profecias cumprir-se-ão no tempo determinado.

Como testemunho disso, alguns exemplos podem ser levados em consideração: Em fins do século XIX, escreveu ela acerca do ecumenismo, afirmando que o catolicismo, o protestantismo e o espiritismo haveriam de dar as mãos e isso praticamente se tornaria uma união. Foi escrito em uma época em que esses grupos pouco dialogavam. Hoje há uma confraternização ecumênica

⁹² DOUGLASS, 2003, p. 515.

praticamente a nível mundial. Em grande parte dos lares hoje, o espiritualismo está bem presente, como parte da cultura cristã. Além disso, ela se antecipou também ao sugerir uma noção psicossomática de saúde. Falou ainda sobre o regime alimentar e sua influência sobre o intelecto, em 1890.

Ela escreveu também sobre a gordura e vasos sanguíneos, como que antecipando as doenças que acozzam prioritariamente a população dos Estados Unidos. Escreveu Ellen White em 1896:

Tanto o sangue como a gordura de animais são consumidos como iguarias. Mas o Senhor deu instruções especiais quanto a não deverem ser comidos. Por quê? Porque seu uso ocasionaria uma enorme corrente sanguínea enferma no organismo humano. A desconsideração das direções especiais do Senhor tem trazido uma porção de dificuldades e doenças aos seres humanos... Se eles introduzem no próprio organismo aquilo que não pode formar carne e sangue de boa qualidade, tem de suportar os resultados de seu menosprezo à Palavra de Deus.⁹³

Em 1905, no livro “Ciência do Bom Viver”, Ellen White fez referências a germes de câncer. Cerca de trinta anos mais tarde, grandes nomes da ciência declararam que não existe germe de câncer. Em 1956, Wendell Stanley, Nobel de Química em 1946, declarou acreditar que a maioria dos cânceres humanos são causados por vírus. Ele descreveu os vírus como "germes" minúsculos que se manifestam, dentre outros motivos, por indiscrições dietéticas. Por declarações como essas, juntamente com outras características, considerável parcela dos adventistas do sétimo dia não costumam questionar em grande medida o “dom profético” de Ellen White.

Finalmente, há ainda o último teste bíblico que se encontra na Primeira Epístola de São João, capítulo 4, verso 2. (“Nisto reconheceis o espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus;...”). Para Ellen White, o evangelho era Jesus, e não algo sobre Ele. Seu testemunho falava acerca da indissociável natureza de Jesus Cristo como sendo totalmente divina e totalmente

⁹³ WHITE, Ellen. **Conselhos sobre regime alimentar**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004. p. 393 – 394.

humana. Ela comenta logo nas primeiras páginas de sua biografia o seguinte a respeito de Cristo:

Teria sido uma quase infinita humilhação para o Filho de Deus, revestir-Se da natureza humana mesmo quando Adão permanecia em seu estado de inocência, no Éden. Mas Jesus aceitou a humanidade quando a raça havia sido enfraquecida por quatro mil anos de pecado. Como qualquer filho de Adão, aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade⁹⁴.

Os profetas, segundo entendimento dos adventistas do sétimo dia, podem ou não apresentar reações físicas enquanto em visão. De qualquer modo, essas reações não caracterizam um profeta como sendo divinamente inspirado. Para tanto, é necessário que ele passe nos “testes do profeta”, conforme visto nas linhas acima. Ademais, essas reações podem ser: perda de força, profundo sono, falta de respiração, lesão física temporária, consciência da sobrenaturalidade, bem como outras, menos evidenciadas, que não precisam acontecer simultaneamente.

Ao analisarmos a vida e a obra de Ellen White, podemos encontrar evidências de que ela realmente agiu de forma semelhante aos profetas do Antigo Testamento, ao enviar uma mensagem de alerta e representar uma espécie de baluarte moral em uma sociedade que rapidamente se secularizava. De acordo com Gomes⁹⁵, ao elencar as funções do profeta, Ellen White parece se encaixar com suas características. Segundo ele, o profeta deveria encorajar o povo de Deus, admoestar o povo de que sua segurança dependia da fidelidade a Deus, alentar o povo quanto às coisas futuras. De fato, suas cartas de estímulo ainda hoje merecem ser lidas. Escritas individualmente a pessoas desesperançosas, elas exaltam a fidelidade e misericórdia divinas. White, por meio de suas cartas, alertava quanto aos perigos imediatos de seus atos, mas falava também da salvação eterna, de que cada ato interferia na questão.

Mantendo essas particularidades em vista, os princípios básicos da

⁹⁴ WHITE, Ellen. **O Desejado de Todas as Nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005. p. 49.

⁹⁵ GOMES, Isaltino. **Profetismo em Israel**. Disponível em <http://www.ibcambui.org.br/estudo/O%20PROFETISMO%20EM%20ISRAEL.pdf>. Acessado em 11 de novembro de 2008, p. 3.

hermenêutica aplicada aos estudos dos textos de Ellen White e dos textos Bíblicos são universalmente conhecidos: deve-se conhecer a língua original em que o texto foi concebido, bem como a contextualização histórica; a identificação do tipo de forma literária deve ser levado em conta e deve-se saber o que as afirmações bíblicas significavam nos dias do profeta. Para o adventista do sétimo dia, a questão da infalibilidade deve ser considerada. Segundo Douglass:

Infalibilidade é uma característica que pertence só a Deus, não a Seus mensageiros. Seres criados não podem, de forma alguma, ser infalíveis; eles estão sempre dependendo do seu Criador, sempre carentes da perfeição máxima, sempre se tornando aquilo que Deus pretende que eles sejam. Embora a mensagem que Deus revela por meio de Seus mensageiros seja destituída de erro, ela é transmitida por meio de mensageiros falíveis e propensos a erros. Esta é a razão por que Ellen White chamava os profetas de escritores e Deus, e não sua pena.⁹⁶

Ainda existem evidências internas que permeiam as regras básicas de interpretação, como a aceitação que os escritos bíblicos e de Ellen White são frutos da inspiração de pensamento, não da inspiração verbal. É sabido que o sentido das palavras também pode mudar com o tempo. O profeta pode se utilizar de hipérboles, expressões podem ser imprecisas.

Resta dizer que não há consenso entre os adventistas, que todos os escritos de Ellen White ainda hoje devem ser seguidos, justamente por sua contextualização. Como exemplo, ela explicita que as pessoas não devem ir ao cinema, expondo suas motivações. Hoje, com as televisões de alta definição e o advento dos computadores, essa declaração é vista com muitas ressalvas. Enfim, a obediência cega, mesmo em supostamente se tratando de uma profetisa de Deus, deve ser refletida.

A notável obra de Ellen White aponta para sua biografia, que em si, é bastante prosaica e pouco diferente de tantas outras histórias de vidas de cidadãos estadunidenses da zona rural. A mudança pode ser verificada justamente a partir de

⁹⁶ DOUGLASS, 2003. p. 376. Nesse mesmo livro, as regras de interpretação interna e externa, no tocante a hermeneutica, são apresentados.

sua crise existencial – ainda na juventude – que fez com que ela gradativamente deixasse de lado a religião formalista em que sua família estava inserida durante tantas décadas, para procurar por algo que lhe proporcionasse novo senso de pertença em Deus. A excitação do movimento de Miller certamente encontrou nela respaldo e, com suas alegadas visões, logo foi elencada a liderança institucional. Foi a partir de seus escritos que o tema central da mensagem adventista, ou seja, o tema da santificação, toma forma tanto no púlpito quanto no prelo. A construção do conceito de santificação em Ellen White deixa o tom legalista e interpretativo de Miller para se aliar a misericórdia de Deus e a gratuidade da salvação. Como posteriormente será visto, a Igreja Adventista do Sétimo Dia deve a Ellen White a sistematização do conceito como fundamental para torná-la idônea e genuinamente cristã do ponto de vista doutrinário.

3. HISTÓRIA CONCISA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

3.1 Introdução preliminar

Para os adventistas do sétimo dia, em sua maioria, não há dúvidas quanto ao “dom profético” na pessoa de Ellen G. White. Uma rápida leitura nas linhas acima parece confirmar essa certeza. Para estes, ela não só passou nas provas bíblicas que a tornam uma mensageira de Deus, mas serviu de alento e norte especificamente para a causa da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Mas não só. Seus escritos até hoje, quase cem anos depois da sua morte, continuam testificando seu espírito de humildade cristã. O livro “Passos para Cristo” a tornou mundialmente conhecida e uma das escritoras mais traduzidas da História, com cópias em 120 línguas diferentes. Só no Brasil, mais de 54 milhões de exemplares foram vendidos ou distribuídos.

Apesar dessa alta estima, Ellen White é estudada com rigor acadêmico e seus escritos considerados hermeneuticamente, embora esse processo tenha começado apenas mais de meio século após seu falecimento.

Contemporaneamente, a crítica embasada e construtiva têm servido para fomentar ainda mais o estudo sério acerca dessa proficiente escritora. Eis, em linhas gerais, uma espécie de conclusão do capítulo anterior, que serve como introdução a esse, que trata a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia enquanto instituição.

Escrever acerca da gênese de uma denominação religiosa concebida no

século XIX não parece ser tarefa das mais fáceis. Afinal, em seu arcabouço há indissociavelmente toda a história anterior de um cristianismo incipiente, idealizado a partir de uma grande tradição religiosa milenar.

Portanto, há no bojo dessa contextualização muito mais que a história incidental de dois séculos passados: o cristianismo em suas inumeráveis vertentes, enquanto sistema político e religioso dominante do mundo ocidental durante todo o período posterior desde aproximadamente trezentos anos após seu nascimento deve ser considerado. Sem levar em conta esses elementos fundantes, é virtualmente impossível empreender esforços no sentido de desvelar a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Há ainda uma outra questão, não menos importante: a Igreja Adventista do Sétimo Dia, na irrefutável concepção de seus primeiros líderes fundadores, nasceu atendendo a um chamado profético. Portanto, teria de dimanar e fluir exatamente no momento histórico em que efetivamente surgiu, com todos os seus elementos constitutivos e ainda outros que, posteriormente, ampliariam os pressupostos básicos dessa nova denominação cristã.

Ademais, a título introdutório, é preciso considerar também os elementos tradicionalmente não cristãos incorporados pela Igreja Adventista do Sétimo Dia desde seus primórdios. Esses preceitos extraídos do Pentateuco até hoje fomentam discussões acerca do professado cristianismo da denominação. Por outro lado, autores luteranos (e portanto os precursores históricos das Reformas do século XVI) consideram os adventistas como protestantes⁹⁷. Apesar disso, pode ser encontrado na “genética” da Igreja Adventista do Sétimo Dia, raízes anabatistas, tão combatidas pelos primeiros reformadores, bem como traços evidentemente carismáticos e reavivamentistas.

Mesmo levando todos esses elementos em consideração, não se pode

⁹⁷ Acerca do tema, vide KILPP, Nelson. FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. GENERAL CONFERENCE OF SEVENTH-DAY ADVENTISTS. **Lutherans and Adventists in conversation**: Report and papers presented 1994-1998. Silver Springs: General Conference of Seventh-day Adventists, Geneva: Lutheran World Federation, 2000.

esquecer ainda, apesar da homogeneidade das 28 crenças fundamentais da instituição, as disparidades culturais presentes nos locais em que a igreja se encontra. Citamos como exemplo a inserção desta em lugares tão distintos como o Iraque, China, Estados Unidos e Brasil, perfazendo um total de duzentos países. Ainda assim, pode-se dizer que a igreja, que beira os 15 milhões de membros, possui certa coesão doutrinária.

Como último elemento introdutório, cabe mencionar que é bastante difícil falar da história dessa denominação sem citar, primária ou secundariamente, o norteador trabalho de Ellen White, que apesar de dividir opiniões mesmo dentro da denominação, é majoritariamente considerada uma “mensageira” para os “últimos dias”. Seus livros continuam sendo baluarte e benfazejo conforto a um incontável número de pessoas dentro e fora das fileiras do adventismo.

Objetivo pois, desse capítulo, é sinteticamente abordar a evolução histórica da Igreja Adventista do Sétimo Dia, salientando seu tortuoso início e o pensamento de seus mais proeminentes líderes de então, bem como comentar acerca da atual situação da igreja em suas conquistas e desafios.

3.2 O movimento milerita como ponto de partida

3.2.1 Premissas gerais

William Miller, de acordo com seus biógrafos e testemunhos, foi um homem prático, de ação firme e de “uma palavra só”. Sua vida, a partir de sua conversão pessoal, foi permeada por viagens com o intuito de pregar a breve volta de Cristo. Seu ensino quase cartesiano das profecias de Daniel e Apocalipse levavam centenas de pessoas às tendas e igrejas. Muitos que não tinham como prática a leitura das Escrituras e da oração, sentiram que era hora de uma mudança de costumes. Afinal, Cristo estava às portas e viria reclamar os Seus. Portanto, de acordo com toda a sorte de evidências, o tempo era de conversão, remissão dos

pecados e preparação para o Segundo Advento.

Na verdade, como já abordado, o movimento de William Miller pode ser contextualizado dentro do período conhecido como Segundo Grande Despertamento. Essa segunda edição que havia acontecido nos Estados Unidos durante pelo menos 50 anos foi permeada pelo cuidado dos líderes eclesiásticos em conter os excessos do século XVIII. Segundo Walker:

Iniciado num tempo em que os modelos tradicionais cristãos não demonstravam muita eficácia, e numa época de expansão do racionalismo e de confusão cultural, o despertar não apenas levou a tremendo impulso a vida cristã, mas ainda transformou os conceitos sobre a maneira de se entrar nessa vida de tal modo que afetou profundamente a maioria das igrejas americanas. Neste aspecto o Grande Despertamento foi análogo ao pietismo na Alemanha e do despertar evangélico na Grã-Bretanha. Enfatizou uma mudança transformadora, regenerativa, uma “conversão”, como a maneira normal de entrada na igreja.⁹⁸

Também H. R. Niebuhr (1992) no capítulo de sua mais conhecida obra em que trata sobre denominacionalismo e regionalismo na América, não deixa de citar com ênfase o Despertamento como um dos elementos mais característicos da religião estadunidense:

As características deste primeiro reavivamento religioso em solo americano têm sido frequentemente descritas. Pregações fervorosas, ricas em imagens, nervosas agitações se estendendo de pessoas para pessoas, de cidade para cidade, súbitas aquisições de paz, tudo muito semelhante ao fenômeno quase contemporâneo do reavivamento metodista na Inglaterra. O Despertamento permaneceu sob a liderança de um clero que havia sido treinado nos presbitérios de fronteira e em Yale; a pregação leiga não era muito praticada, mas a organização sectária era a consequência inevitável de todo movimento com ênfase na conversão.⁹⁹

Em poucas linhas, no século XIX, a vigilância em relação aos entusiastas seria maior, para evitar a perda da identidade constituída havia séculos pelas igrejas tradicionais. Assim sendo, mesmo sendo o movimento iniciado por Miller, cujo ápice

⁹⁸ WALKER, W. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: Aste 2006, p. 712

⁹⁹ NIEBUHR, H. Richard. **As origens sociais das denominações cristãs**. São Paulo: ASTE, 1992. p. 95.

aconteceu no tão propalado ano de 1844, apenas mais um dentre as miríades de outros que desde o século XVI pontilharam a Europa e posteriormente os Estados Unidos. Este grupo pode ser classificado dentro daquilo que os historiadores da Igreja chamam de Reforma Radical ou anabatismo. Em poucas e ríspidas palavras, pertence aquele grupo que Lutero chamou, de *Schwärmer*, “o zumbido incontrolável das abelhas em volta de uma colmeia”¹⁰⁰ O Reformador Calvino, indo mais longe, tripudia ao chamá-los de “fanáticos, iludidos, desmiolados, imbecis, tratantes, cães danados.”¹⁰¹

O anabatismo – constituído por vários grupos distintos – propôs uma reforma mais incisiva no seio da própria Reforma. Isso pode explicar o porquê da vociferação dos reformadores clássicos, mas certamente não dá conta de contextualizar a multiplicidade infindável e ainda hoje presente desses grupos.

Inicialmente, esses reformadores radicais discordavam do batismo de crianças, mas não só. Aceitavam a teoria de uma única igreja invisível, porém, na prática, isso não foi interiorizado e efetivado por esses grupos do século XVI e até hoje, vias de regra, funciona assim. Com isso, o exclusivismo virou tônica. Desse ponto em diante, com uma prática geralmente legalista e de extremo controle social, surgiram alguns líderes – autênticos ditadores locais – com plenos poderes inclusive sobre a vida e a morte de seus membros, como Jan Mathijs “que acreditava, como Müntzer, que os ímpios não tem o direito de viver”. Nesse sentido, de acordo com Lindberg:

Para eles, a Igreja verdadeira e una consistia somente de crentes autênticos. Para verificar a presença de crentes autênticos, podia-se recorrer a testes de conduta e de crença. Aqueles e aquelas que não se conformassem aos padrões exigidos para ser membro da Igreja deveriam ser expulsos e banidos. Os anabatistas ofereceram uma alternativa radical às “igrejas estatais” de luteranos, zwinglianos e católicos, que acreditavam que a Igreja invisível abrangia todos os cristãos professos.¹⁰²

¹⁰⁰ GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 252.

¹⁰¹ GEORGE, 1994. p. 253.

¹⁰² LINDBERG, Carter. **As Reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 241.

Porém, três séculos mais tarde, no ápice da Era Vitoriana, não é possível afirmar que o movimento de William Miller, precursor da Igreja Adventista do Sétimo Dia, tivesse em seu bojo as características pejorativas mais marcantes do anabatismo. Contudo, inegavelmente, ainda de acordo com Lindberg,

a motivação e o objetivo dos movimentos anabatistas era restaurar o cristianismo verdadeiro da comunidade bíblica em face de sua degeneração no corpus Christianum defendido por católicos romanos, luteranos e zwinglianos. Os anabatistas tinham uma sensibilidade bastante acentuada para a dissonância entre o batismo com água e o batismo pelo Espírito Santo.¹⁰³

O pressuposto básico de Miller era retornar a Bíblia, ao que ele considerava o verdadeiro cristianismo, extirpando da reta doutrina todos “os carrapatos” que durante séculos a ela se apegaram, alterando seus significados e ações. Nesse sentido, Miller era uma espécie de reformador radical até a medula. Expunha sem medo aquilo que considerava doutrinariamente errado e admoestava as pessoas para uma verdadeira conversão e santificação. Pacifista convicto, certamente contrariaria a alas mais radicais do século XVI como Thomás Müntzer e Jan Mathijs, por exemplo, adequando-se àquele anabatismo suíço posterior aos Artigos de Schleithem de 1527.

Obsevava Miller em sua proposta de reforma, além de um movimento religioso profético, algo como uma espécie de revolução social às avessas, ao propor uma mudança de atitude coletiva a partir do racionalismo que ele impunha ao estudar a Bíblia. Devia esse racionalismo perpetrar diretamente ao coração, por mais paradoxal que isso possa parecer, fazendo com que comunidades inteiras deixassem os absurdos erros do passado. Isso contudo, não as fecharia nelas mesmas, mas traria crescimento exponencial ao grupo, por seu exemplo de vida. Ninguém seria obrigado a se converter. Aos pecadores, a misericórdia, não a morte!

Tão ardoroso foi Miller em sua tentativa de reforma nos Estados Unidos do século XIX, que ele não se conformou aos luxos e rápidas transformações de seu

¹⁰³ LINDBERG, 2001. p. 248.

país, mas voltou seus olhos à esperança mais cara do cristianismo primitivo: a literal volta de Cristo em poder e majestade, nas nuvens do céu. Novamente, essa particularidade é nitidamente radical, de acordo com Braaten:

A esperança inicial de um retorno iminente de Cristo gradativamente cedeu lugar a uma esperança de bem-aventurança eterna no céu. A fé cristã, tendo se tornado uma religião majoritária, estabeleceu-se firmemente nesta terra por meio de seus sacramentos, liturgias e dogma. Essa crescente aculturação foi rejeitada por movimentos entusiásticos de reforma, que forçaram continuamente a Igreja a reconsiderar sua própria autocompreensão como instituição interina.¹⁰⁴

Assim agindo, Miller não se importava em ver diminuir dramaticamente suas economias, pois logo não mais precisaria delas, nem de sua fazenda ou outro meio de subsistência. Ele conseguiu estabelecer essa sua visão de muita fé ao seu povo, que crescendo, dava suporte ao seu intento, o que não necessariamente significava suporte financeiro.

Outra característica marcante de Miller, que o classifica anabatista foi sua ideia de não constituir igreja. Ele queria alertar aos crentes sinceros de todas as denominações que estivessem dispostas a ouvi-lo, sobre a necessidade de santificação. Ao não propor a institucionalização de seu movimento, estava Miller acordando com Fischer: "A santa igreja cristã, a comunhão dos santos. A igreja é obra do Espírito Santo, o qual traz as pessoas à fé em Cristo através da instrumentalidade da Palavra de Deus (o Evangelho). Assim, essas pessoas são santificadas diariamente, e são igreja santa, ou povo cristão santo."¹⁰⁵

Além disso, conforme testemunhos e de acordo com farta documentação, seu esforço, no bojo do Segundo Despertamento, trouxe pessoas de todos os lugares e denominações. De acordo com White:

¹⁰⁴ BRAATEN, Carl; JENSON, Robert (eds) **Dogmática cristã**. São Leopoldo, Sinodal, 1990. Vol I, p. 502.

¹⁰⁵ FISCHER, Joaquim. O conceito "Igreja" de Lutero segundo seus escritos "dos Concílios e da Igreja" e "Contra Hans Worst" In: **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, ano 6, n. 4, 1966, p. 161-175.

Efetuarão-se reuniões especiais em que os pecadores podiam ter oportunidade de buscar a seu Salvador e preparar-se para os terríveis acontecimentos que breve ocorreriam. Terror e convicção espalharam-se por toda a cidade. Realizavam-se reuniões de oração, e havia um despertamento geral entre as várias denominações; pois mais ou menos todos sentiam a influência do ensino da próxima vinda de Cristo.

Quando os pecadores foram convidados a ir à frente, para o lugar daqueles que desejavam auxílio cristão especial, centenas atenderam ao apelo. E eu me coloquei entre os que buscavam aquele auxílio.¹⁰⁶

É de fundamental importância denotar em linhas gerais algumas tônicas características históricas dos Estados Unidos no período para entendermos parte das convicções de Miller. No sentido de não almejar erigir uma nova instituição com pastores ordenados certamente tinha que ver com o fato do individualismo vigente no país fazer a sua igreja, a médio prazo, voltar aos perigos dos tempos anteriores ao Primeiro Despertamento. Isso significa comunidades estáticas e frias, pastoreadas por um líder muitas vezes desestimulado e não tocado pelo Espírito Santo. Necessitava Miller de jovens pregadores, dispostos a morrer pela verdade, se assim fosse necessário, mas ao mesmo tempo, pregadores efetivamente familiarizados tanto na teoria, como principalmente, na prática do Evangelho, o que prescindiria necessariamente uma conversão pessoal e desejo ardoroso de levar pessoas ao mesmo sentimento. Essa sua concepção, porém, não parece ser única e exclusiva, de acordo com as palavras do já citado Niebuhr:

o mesmo individualismo que se ressentia da ausência de qualquer controle na vida política e econômica e que estimulava o habitante do Oeste a buscar uma religião individual na mediação da experiência, induzia-o a olhar com suspeita para toda administração da religião através de autoridades superiores ordenadas por Deus ou pelos homens.¹⁰⁷

O fato de anos mais tarde surgir a partir dos “cacos do millerismo” o adventismo do sétimo dia enquanto instituição decorre da multiplicidade de grupos oriundos depois de 1844, no sentido de dar coesão e identidade a nova igreja nascente.

¹⁰⁶ WHITE, 2004. p. 16.

¹⁰⁷ NIEBUHR, 1992. p. 91.

Mesmo sendo um pregador aos moldes dos radicais, Miller e seu grupo pareciam conscientes de alguns excessos que possivelmente acompanhariam alguns adeptos de suas ideias. Dessa forma, estavam firmes em condenar com veemência qualquer tipo de manifestação carismática. Ellen White, logo após o Desapontamento, precisou dar provas de seu propalado “dom profético” para ser aceita entre o grupo dos remanescentes mileritas ainda firmes às doutrinas mais caras do grupo original, destoantes do cristianismo tradicional, a saber, a doutrina do Santuário e a da volta literal de Cristo antes do período de mil anos, doutrinas centrais e indissociáveis da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

3.2.2 A Igreja Adventista do Sétimo Dia: remanescente anabatista, pietista e puritana

Entre a ruína do movimento milerita e a institucionalização da Igreja Adventista do Sétimo Dia, quase duas décadas se passaram. Miller pereceu em 1849 sem ver Cristo voltar e particularmente nunca falou na guarda do Sábado do sétimo dia, frequentado, no fim de sua vida, a Igreja Batista à qual era filiado. É lembrado como um dos fundadores do adventismo e frequentemente retomado nos sermões das manhãs de Sábado. A ênfase é posta em sua coragem desmedida e em como Deus o utilizou para pregar ao mundo acerca da brevidade da vida e do retorno de Cristo, motes do moderno adventismo do sétimo dia. Em poucas palavras: foi a partir desse trabalho de reavivamento que Deus “levantou um povo” para hastear a bandeira das esquecidas doutrinas cristãs primitivas para preparar o mundo para a volta de Cristo.

No entanto, ao retomar o que restou daquilo que um dia foi um grande movimento, pode-se dizer que quase todos os seus antigos adeptos haviam ou abandonado para sempre o diminuto grupo e não mais tomado gosto por assuntos religiosos ou voltado para suas igrejas de origem, renunciando ao “fanatismo” anterior e recebendo olhares zombeteiros e irônicos dos membros dessas igrejas.

O movimento em si, como já abordado, a partir do pouquíssimos que

sobraram para não deixá-lo morrer, dividiu-se em vários pequenos grupos dos quais destacaram-se três: os que ainda hoje persistem nas mais diversas denominações cristãs, cujos membros esperam pela volta de Cristo para qualquer momento, em virtude do cumprimento de todos os sinais da história terrestre, conforme já mencionados; um segundo, de cunho fanático e já extinto, que tentara provar inutilmente ser eles os escolhidos e dizendo que de fato Cristo havia voltado, em espírito, em 1844. O terceiro grupo, hoje com 15 milhões de membros em mais de 200 países, são os que constituem a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Não podemos deixar de mencionar, novamente, os Testemunhas de Jeová, grupo fundado por um ex-adventista na década e 1870, de cunho anti-trinitariano, até os dias de hoje. Embora os Testemunhas de Jeová acreditem que Cristo iria voltar secretamente em 1914¹⁰⁸, não há nenhuma evidente relação destes com o grupo dos espiritualizadores, citados acima, que afirmavam ser eles os escolhidos.

3.3 Os primeiros anos da Igreja Adventista do Sétimo Dia (1863-1888)

Muito pouco ou quase nada do que foi a Igreja Adventista do Sétimo Dia em seus primeiros anos de História pode ser encontrado na igreja contemporânea. Em linhas gerais, esta pode ser dividida em dois grandes períodos muito distintos: aquele que vai de sua fundação até o ano decisivo de 1888 e desse ano para diante. É lógico que divisões mais específicas podem e devem ser feitas, porém, nada mais fundamental para sua compreensão como um todo do que a primeira tentativa de proposição.

Para se ter uma ideia básica dos primeiros dias da Igreja Adventista do

¹⁰⁸ Charles Russel, fundador do grupo “Estudantes da Bíblia”, mais tarde conhecido como “Testemunhas de Jeová”, escreveu que provavelmente a data do fim do mundo se daria em 1914, conforme publicado no mensário **The Bible Students Monthly**, v. VI, no.1: “Se temos a correta data e cronologia, os Tempos dos Gentios findarão este ano — 1914. O que significa isso? Não sabemos com certeza. A nossa expectativa é de que o domínio ativo do Messias começará por volta do fim da concessão de poder aos gentios. A nossa expectativa, certa ou errada, é que ocorrerão maravilhosas manifestações dos julgamentos divinos contra toda a injustiça, e que isto significará o colapso de muitas instituições atuais, se não de todas.”

Sétimo Dia, basta dizer que a vários dos seus líderes certamente não concordariam com algumas das doutrinas vigentes hoje. Aliás, é certo que sequer concordariam com alguns dos conselhos mais efusivos de Ellen White. Um claro exemplo disso pode ser tirado com relação a doutrina mais conhecida da igreja: nenhum adventista do sétimo dia primitivo guardava o Sábado ou tinha qualquer mínimo entendimento acerca do assunto. A opinião geral era aquela das igrejas protestantes tradicionais e o “Dia do Senhor”, o Domingo, era aquele escolhido para os cultos e celebrações importantes.

Em geral os membros tinham um estilo de vida bastante desregrados, se comparados aos adventistas do século XXI. Na verdade, eram autênticos filhos do século XIX e em nada podia-se dizer que sob os ombros daqueles homens pesava um “encargo profético” para os últimos dias do planeta. Comiam carne suína – que os adventistas consideram maléfica ao corpo – bebiam vinho, fumavam cigarros de tabaco e não costumavam tomar banho, como de praxe.

Os pregadores, em grande medida, conheciam muito bem a Bíblia Sagrada e eram excelentes polemistas, mas pouco refinados e muitas vezes despreocupados com a missão evangélica por eles incumbida. Quase sempre propunham debates públicos com os clérigos locais e, apesar de “vencer” os debates, faziam poucos adeptos, dada a falta de humildade e grande soberba.

Mesmo alguns anos depois, quando a doutrina do Sábado foi incorporada ao cabedal de crenças fundamentais e a igreja contava com vários templos, sanatórios conhecidos nacionalmente, bons escritores e dirigentes inspirados, não parecia haver significativa melhora nesses costumes. É por isso que Ellen White se vê obrigada a escrever duras palavras a esse respeito. Diz Knight:

Indo além dos pontos que “não eram vitais”, Ellen White ressaltou o que considerava essencial. “Existe o perigo”, enfatizou ela, “de nossos ministros insistirem demais em doutrinas, pregando em demasia sobre assuntos inteiramente argumentativos, quando as almas precisam de piedade prática. [...] Demoram muito pouco nas maravilhas da redenção. Carecemos de que esses assuntos sejam apresentados de maneira mais completa e constante. [...] Existe o perigo de se conservar os discursos e os artigos no periódico

como as ofertas de Caim: sem Cristo.”¹⁰⁹

O formalismo era grande e a descrição de Bunyan, em seu clássico, aqui se encaixa perfeitamente: "Enganai-vos redondamente se supondes que vos salvarão as leis e os mandamentos, e não entrastes pela porta estreita.”¹¹⁰

Como visto nos parágrafos anteriores, grandes eram as dificuldades da igreja nascente em se firmar como uma denominação autônoma e efetivamente protestante, ainda que de cunho anabatista. Como se não bastasse o estigma de seu conturbado nascimento e do legalismo predominante, havia uma grande desconfiança por parte de outros cristãos denominacionais em perderem sua salvação ao se misturarem ao povo do advento e suas questionáveis doutrinas, quando comparadas às tradicionais.

Essas dúvidas em grande medida sérias e sinceras por parte desses cristãos ligados a outras denominações - tanto católicos¹¹¹ quanto protestantes¹¹² - tinham algum fundamento e devem ainda hoje ser levadas em consideração, no mínimo como espécie sempre presente de lembrete daquilo que pode acontecer quando Cristo deixa de ser o centro da fé, substituído pelo legalismo farisaico, sob a capa de uma falsa piedade evangélica.

O teórico Paul Tillich, ao descrever o processo de salvação no seio das igrejas protestantes históricas em contraste com as radicais evangélicas parece

¹⁰⁹ KNIGHT, George R. **A mensagem de 1888**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004, p. 44.

¹¹⁰ BUNYAN, João. **O Peregrino**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1957. p. 55.

¹¹¹ A Igreja Adventista do Sétimo Dia, apesar de em seus inícios adotar uma postura um tanto anti-católica para contrastar e assim firmar uma identidade peculiar, atraiu dessa forma, ou seja, "expondo os erros do papado", pessoas de todas as denominações, inclusive do clero católico. Foi o caso do ex-sacerdote franciscano europeu e pioneiro adventista M.B. Czechowski. Seu zelo era freqüentemente citado em um dos períodos adventistas, o Review and Herald. Czechowski almejava voltar a Europa e levar as novas do advento a seus compatriotas, embora por suas próprias mãos e a revelia da instituição, o que acabou se mostrando desastroso a médio prazo. Assim mesmo, esse ex-sacerdote católico pode ser considerado um dos primeiros missionários adventistas do sétimo dia no além-mar.

¹¹² Para uma relação bastante efetiva dos nomes das denominações protestantes presentes nas fileiras do adventismo do sétimo dia através de seus antigos membros - muitos dos quais ex-pastores - vide o bastante citado livro Mensageira do Senhor de Herbert Douglass.

expressar esse questionamento. Em sua *Teologia Sistemática* (2005), encontramos, nesse sentido:

No protestantismo clássico, salvação é salvação da lei, da ansiedade que suscita em nós e do seu poder de condenação. No pietismo e no reavivamento, a salvação reside no triunfo sobre o estado de impiedade através da conversão e transformação daqueles que se convertem. No protestantismo ascético e liberal, a salvação consiste na vitória sobre pecados especiais e no progresso em direção à perfeição moral.¹¹³

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, no entanto, ainda de acordo com Paul Tillich, adota, assim como o calvinismo, o “terceiro uso da Lei”, o que pode apresentar alguns perigos, segundo o autor:

As igrejas nascidas do radicalismo evangélico da Reforma adotaram do calvinismo o terceiro uso da lei e a disciplina como instrumento no processo de santificação. Mas, em contraste com Calvino, elas perderam a compreensão do caráter paradoxal das igrejas e da vida do indivíduo nelas. Elas praticamente negam o significado sempre válido do grande “apesar de” no processo de santificação. Neste ponto, retornam às tradições ascéticas católicas: a perfeição pode ser alcançada nesta vida por indivíduos e grupos que foram eleitos para ser portadores do Espírito divino.¹¹⁴

O temor justificado básico daqueles tempos e também do período contemporâneo era e é justamente aquele inerente a auto-salvação, o que, se tratando de uma igreja de cunho profético, pode constituir acontecimento bastante presente e por demais grave e incisivo. Segundo Jonas Roos, com relação ao legalismo e a questão da auto-salvação:

O legalismo pode ser compreendido essencialmente como uma distorção do sentido da lei, tendo consequências tanto para o entendimento de salvação quanto para a ética cristã. Do ponto de vista da salvação, trata-se de uma busca por auto-salvação, onde o indivíduo procura se justificar a partir da observância da lei. Do ponto de vista ético, trata-se do entendimento de que a ação ética da pessoa cristã tenha como fundamento a observação da lei. No legalismo a lei é, em geral, cumprida como formalismo e implica em

¹¹³ TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. 5ª ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2005.p. 451.

¹¹⁴ TILLICH, 2005, p. 673.

autocentrado.¹¹⁵

Não é por acaso que, nesse contexto doutrinário o Sábado do sétimo dia, característica doutrina encampada pelos adventistas, foi rapidamente diminuída pelos protestantes tradicionais e, logicamente, pelos católicos romanos. Nem mesmo o processo histórico do cristianismo dos primeiros séculos, em especial a mudança do Sábado para o Domingo efetuada por Constantino foi motivo suficientemente forte para os cristãos adventistas “convencerem” os outros de sua “reta doutrina”, como bem tentavam nos já aludidos debates públicos. A questão primordial ainda era a da auto-salvação e, talvez, principalmente, aliado à guarda do Sábado, de todo o resgate de algumas tradições judaicas descritas no Antigo Testamento, como o evitamento a todo custo da ingestão da carne de porco e frutos do mar assim como as regras alimentares do livro de Levítico como um todo. Assim sendo, o temor dos outros cristãos com relação a Igreja Adventista do Sétimo Dia do século XIX parecia ser muito bem arraigada.

Especificamente, eram esses os temores, e não o simples fato de ser a Igreja Adventista do Sétimo Dia fruto do anabatismo o que fez com que muitos pastores criticassem desde o início, às vezes justificadamente, a instituição nascente. Ainda de acordo com Paul Tillich:

Tendências desse tipo existiam muito antes da Idade Média, mas Lutero as libertou da repressão a que eram sujeitas. Quase todas as ênfases de Lutero foram bem recebidas pelos evangélicos radicais, mas eles foram além. Sentiam que Lutero ficara no meio do caminho. Em primeiro lugar, atacaram a doutrina de Lutero a respeito da Escritura. Deus não falara apenas no passado, tornando-se mudo no presente. Sempre falou; fala nos corações ou nas profundezas de qualquer ser humano preparado para ouvi-lo por meio de sua própria cruz. O Espírito habita nas profundezas do coração, não o nosso, naturalmente, mas o de Deus. Thomas Müntzer, o mais criativo dos evangélicos radicais, acreditava que o Espírito podia sempre falar por meio de indivíduos. No entanto, para se receber o Espírito era preciso participação na cruz. “Lutero, dizia ele, prega um Cristo doce, um Cristo do perdão. Devemos também pregar o Cristo amargo, o Cristo que nos chama a carregar a sua cruz”. A cruz, diríamos, representava a situação limite. Era externa e

¹¹⁵ ROOS, J. **Legalismo**. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson; MUELLER, Enio Ronald; WONDRACECK, Karin Hellen Kepler; ADAM, Júlio César; HOCH, Lothar Carlos; WACHS, Manfredo Carlos; STRÖHE. **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

interna. Surpreendentemente, Müntzer expressa esta ideia em termos existencialistas modernos. Quando percebemos a finitude humana, desgostamo-nos com a totalidade do mundo. E nos tornamos pobres de espírito. O homem é tomado pela ansiedade de sua existência de criatura e descobre que a coragem é impossível. Nesse momento Deus se manifesta e ele é transformado. Quando isso acontece, o homem pode receber revelações especiais. Pode ter visões pessoais não apenas a respeito de teologia como um todo, mas sobre assuntos de vida diária.¹¹⁶

O adventismo primitivo, ao aparentemente evidenciar muito mais a “pesada cruz” do que a graça, tornava-se um tanto quanto denso demais e pouco atrativo para inspirar novos crentes a ingressar em seu movimento, embora ainda assim crescesse, todavia vagarosamente. A “graça barata” de Lutero acabava sendo por demais encarecida com esforçosos sacrifícios que até poderiam “justificar” o pecador, mas pouco aliviariam suas angústias. Ao contrário dos batistas, não havia a certeza da salvação para os primeiros adventistas, e o não cumprimento da Lei mosaica era cabal prova dessa não justificação, e, portanto, perdição. Na verdade, ainda hoje para os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia a busca pela santificação e, assim sendo, para a salvação, deve ser tarefa diária, mas a concepção da salvação pela graça e a concepção de Cristo como sendo além de Salvador, um Amigo¹¹⁷, torna a tarefa aprazível e alcançável, como se abordará mais tarde.

Ao mesmo tempo, no entanto, o trinômio “evolutivo” “seita-comunidade-igreja” de Max Weber era cada vez mais evidenciado. Cada vez ficava mais claro que, com a avanço da obra adventista, o senso de “pequena comunidade” havia ficado para trás. Os novos pastores eram rigorosamente preparados, a igreja ia se refinando em sua burocracia, novos campos iam sendo abertos e associações criadas. De acordo com e a diferença entre seita e igreja, conforme Ernst Troeltsch, clarifica a situação do momento, ou seja, essa transformação gradativa ao afirmar que “a Igreja enfatiza a ideia da graça e a torna objetiva; a seita enfatiza e realiza a ideia de uma perfeição subjetiva. Nas Escrituras a igreja adere para a fonte da redenção, enquanto a seita

¹¹⁶ TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. 2ª ed. ASTE: São Paulo, 2000. p. 238.

¹¹⁷ Para melhor compreensão da acepção desse termo, ver o livro de Ellen White “Caminho para Cristo”, capítulo intitulado “O privilégio de falar com Deus”.

adere para a Lei e em Jesus Cristo”.¹¹⁸

No adventismo, embora a afirmação de Troeltsch pudesse ser aplicada, como já visto acima, com o passar dos anos, embora a expectativa da vinda do Reino de Cristo continuasse primordial, um certo acomodamento pôde ser sentido, principalmente a partir da segunda geração. O patrimônio da igreja, embora não fosse grande, aliado aos investimentos em escolas e sanatórios, indicavam que esta vinda, outrora iminente, poderia tardar muito e, portanto, embora a Lei ainda fosse basilar, era necessário levar a mensagem do advento a “todo povo, tribo e língua”, conforme o Apocalipse de João.

Se o caráter anabatista da igreja parece estar um tanto quanto demonstrado nas linhas acima, ainda falta, para aludir ao título desde capítulo, comentar acerca do pietismo e do puritanismo embutidos na denominação desde os seus inícios. Com relação ao pietismo, suas características podem assim ser resumidas, de acordo com Dreher:

Vejamos algumas características do pietismo. O ideal de perfeição, dever-se-ia manifestar em renovação espiritual e ética. Ambas estão centradas no indivíduo. Em razão desse acento, houve alteração no conceito de Igreja, do que é ou seja a Igreja: os reformadores protestantes haviam acentuado o lado "objetivo" da Igreja - a Palavra e os Sacramentos. Neles se tem a verdadeira Igreja. Já o Pietismo acentuou o lado "subjetivo" da Igreja: a congregação, a comunidade. A Igreja é, então, uma associação de pessoas regeneradas ou renovadas. Com isso foi estimulada a tendência ao separatismo e à formação de conventículos de ecclesia in ecclesiae (a igreja em na Igreja). Com a Igreja centrada em Palavra e Sacramentos estava ligada ao Estado, surgiu muitas vezes entre pietistas o acento radical na concepção da separação entre Igreja e Estado. O acento na renovação ética gerou uma série de iniciativas para a renovação da sociedade. Como, no entanto, o Pietismo acentuava a necessidade de renovação do indivíduo, a tônica sempre foi que a renovação da sociedade depende da renovação do indivíduo. Com isso as propostas de reforma social jamais foram além de obras de caridade, individuais ou na forma de livre associações. Finalmente, ao criticar o que

¹¹⁸ TROELTSCH, Ernst. **The Social Teaching of the Christian Churches**, Vol I, Londres: Westminster John Knox Press, 1992, p.337. No original: “The Church emphasizes the idea of Grace and makes it objective; the sect emphasizes and realizes the idea of subjective holiness. In the Scriptures the Church adheres to the source of redemption, whereas the sect adheres to the Law of God and Christ”. Para entender o conceito de seita pelo referido teórico, vide MATA, Sérgio da. Religião e modernidade em Ernst Troeltsch. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 20, n. 2, Nov. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000200012&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 14 de Dezembro de 2009.

chamava de formalismo da Ortodoxia, o Pietismo acentuou a recepção do Espírito Santo e da experiência religiosa, questões que retornam em nossos dias em movimentos pentecostais ou carismáticas.¹¹⁹

Martin Dreher afirma que a grande marca pietista é seu “princípio da experiência”, para usar um termo de Paul Tillich. Aqui é fundamental notar que essa experiência, centrada unicamente na Palavra de Deus, embora obviamente levada em consideração pela igreja, não foi seguida totalmente pelos adventistas do sétimo dia tal como o evangelicalismo nascente e o pentecostalismo que nas décadas seguintes surgiria, principalmente no tocante às manifestações do Espírito.

Embora todas essas manifestações fossem aceitas, Ellen White precisou “provar” que de fato recebia mensagens inspiradas. Isso se deveu pelo fato de surgirem, por aquelas décadas, vários “falsos profetas” em muitos lugares nos Estados Unidos e na Europa. Além disso, o próprio movimento de Miller, donde afinal de contas surgiu a igreja, estava muito sensibilizado pela hostilidade geral após a não vinda de Cristo em 1844. Nesse caso, qualquer manifestação poderia ser facilmente considerada fanatismo, que era tudo o que a igreja adventista não deveria fomentar.

Mesmo adotando um caráter mais tradicional, até hoje os textos de Ellen White, oriundos de seu “dom de profecia” são aceitos pela igreja, por sua precisão e francas admoestações, embora a Bíblia, como não poderia deixar de ser, sempre ocupe um local muito mais alto nessa espécie de hierarquia literária.

Inegavelmente houve desde o início um forte sentimento pietista no adventismo, começando pelo Metodismo que acabou sendo incorporado nas estruturas da denominação. A “religião do coração”¹²⁰ de Wesley podia ser visualizada na igreja através de suas longas vigílias de orações e jejum, bem como as orações intercessórias e os acampamentos onde por muitas horas seguidas se

¹¹⁹ DREHER, Martin N. **Para entender fundamentalismo**. São Leopoldo: Unisinos, 2002. p. 17.

¹²⁰ WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.p. 95.

orava intercaladamente, a sermões e muitos testemunhos. Ainda hoje esse pode ser considerado o mote da igreja.

Para esses primeiros anos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, mesmo o pietismo parecia “atravessado”, ao contrastar com o sentimento de embate tão presentes em muitos dos antigos pregadores. Segundo Walker:

O cristianismo é muito mais vida do que conhecimento intelectual. A controvérsia a ninguém aproveita. É desejável um melhor preparo dos clérigos; deve ser exigido deles um conhecimento experimental da religião e uma vida condigna. Deve ser praticado um novo tipo de pregação, destinada a edificar a vida cristã dos ouvintes, ao invés de ser principalmente controversa ou exibidora das habilidades de argumentar do pregador.¹²¹

Embora a oração, base fundamental da religião, fosse grandemente utilizada cotidianamente, os embates públicos e a rispidez de muitos dos primeiros pregadores faziam desse pietismo adventista algo um tanto quanto incipiente, que a partir de 1888, como se verá posteriormente, ganhou ímpeto permeando a Igreja Adventista do Sétimo Dia de maneira indissociável até os dias de hoje.

Quanto ao puritanismo e ao pietismo, estes podem ser percebidos apenas aos poucos no seio da igreja, com um conhecimento gradual do “Assim diz o Senhor” aplicado às admoestações práticas de Ellen White. Enquanto uma recusa de certos tipos de alimentos, de acordo com a proposta de saúde do livro de Levítico foi amplamente aceita, ela vociferava contra o fumo e a bebida alcoólica com seu ímpeto e estilo particular. Para exemplificar, basta a rápida leitura de um trecho da carta que ela escreveu a um viciado em bebidas e fumo: “Se você tivesse deixado o fumo completamente e nunca mais tocado naquela erva imunda depois que começou da última vez, você poderia ter vencido mais prontamente o apetite pela bebida forte.”¹²²

Para finalizar a contextualização do primeiro período da igreja, uma forma

¹²¹ WALKER, 2006, p. 690.

¹²² WHITE, Ellen G. **Carta 1**, 1861 In: DOUGLASS, Herbert. Testemunhas oculares. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

interessante de resumir e analisar a estrutura do adventismo do sétimo dia é conhecendo seus primeiros presidentes e líderes mais atuantes. É importante notar que o órgão máximo da Igreja Adventista do Sétimo Dia foi e é a Associação Geral, nome emprestado do Metodismo. Atualmente, a cada 5 anos, há uma Reunião da Associação Geral, com líderes do mundo inteiro, onde as crenças fundamentais¹²³ são revistas e assuntos práticos e burocráticos são levados a pauta.

John Byington, primeiro presidente, fora outrora ministro wesleyano, evidenciando assim a proximidade, em termos, entre as duas denominações. Sua mais árdua tarefa foi “incentivar a harmonia e unidade entre os cristãos”, tarefa premente e de inquestionável validade em seus dias. Ao manter a coesão em seus dois anos de mandato, permitiu que o próximo presidente, com sua grande capacidade de sistematização, trabalhasse em prol do desenvolvimento da obra.

Tiago White, o segundo presidente, esposo de Ellen, obreiro incansável, havia se convertido durante os tempos do movimento de Miller, aceitando seus ensinamentos e passando, a partir desse momento, e com muito êxito a pregar. Sistematizou as doutrinas, foi redator do primeiro jornal da denominação e compôs vários dos primeiros hinos de fé que animaram os comumente abatidos cristãos adventistas. Morto muito possivelmente de exaustão, dois dias depois de completar sessenta anos de idade, reflete em grande medida seus esforços em prol da causa. Não recebendo remuneração, trabalhava durante meio turno no campo, como lenhador e o que mais fosse preciso. Seu falecimento, dez anos após assumir novamente a presidência, provocou grande lacuna na denominação. Até hoje Tiago é considerado referência.

A partir de então, percebe-se lentamente por parte de alguns líderes, esforços no sentido de sacralizar o trabalho de Ellen e Thiago White, fazendo assim com que a reacionária e radical história da igreja fosse sendo transformada em um ambiente

¹²³ A Igreja Adventista do Sétimo Dia não chama seus princípios norteadores básicos de “dogmas”, dado o caráter de imutabilidade presente no termo. Prefere o termo “crenças fundamentais”, mais maleável. Assim sendo, na última reunião da Associação Geral, realizada em St. Louis, 2005, votou-se nova crença, a 28ª .

tradicionalista e com a tentativa de imposição de alguns dogmas. Nesse sentido, é muito importante notar que, desde os primeiros dias do adventismo, a única regra de fé é e sempre foi a Santa Bíblia. Porém, aproximadamente uma geração depois da institucionalização da igreja, com a precisão e o direcionamento claro dos escritos de Ellen G. White, houve quem buscou elevá-los ao mesmo *status* da Bíblia. Assim fazendo, teria a igreja, quem sabe até os dias de hoje, um caráter um tanto sectário e normativado por tradições, exatamente como o catolicismo romano, instituição com a qual tanto combateu – teoricamente – desde os primeiros dias de sua história.

Com J. N. Andrews, o terceiro presidente, essa faceta (ou seja, da aceitação de outra norma que não a Bíblia) não é perceptível em virtude de sua sagacidade. Profundo conhecedor do Novo Testamento e estudioso das línguas antigas, foi, além de presidente, um dos mais capazes teóricos da igreja, sendo posteriormente o primeiro missionário adventista na Europa. Porém, a estratificação pode ser nitidamente percebida com George Butler. Este homem, posteriormente apelidado de “coração rude”¹²⁴ apesar de um grande poder de liderança, de acordo com Knight, achava-se superior, com “pontos de vista mais claros que os outros”, sendo uma espécie de “cão de guarda doutrinário”. Acerca de sua própria personalidade, Butler escreveu: “Eu ... tenho..., em minha natureza, muito do ferro e não o suficiente amor de Jesus”¹²⁵

George Butler parece matizar com todas as cores a real situação do adventismo do sétimo dia exatamente em um ano fundamental para a história da igreja – que significou o seu último ano de mandato. O aludido ano, 1888, que aparentemente começou sem grandes dificuldades, terminaria como sendo um dos mais importantes para o adventismo pelo teor da assembléia da Associação Geral daquele ano, em Minneápolis. Sem a mudança de rumo por ela estabelecida, certamente ou o adventismo teria sucumbido de dentro para fora, em face da rudeza pouco evangélica de boa parte de seus líderes, ou provavelmente se manteria como mais uma seita farisaica e nesse caso muito disciplinada e ordeira, mas sem a

¹²⁴ O epíteto foi utilizado como título de uma biografia acerca de George Butler, escrita por Emmet K. Vande.

¹²⁵ KNIGHT, 2004, p. 24.

essência do cristianismo.

3.4 A Assembléia da Associação Geral de 1888 como ponto de partida para um adventismo evangélico:

Se até 1888 a Igreja Adventista do Sétimo Dia ainda não era efetivamente considerada cristã por outras denominações, isso contemporaneamente pode ser compreendido com certa facilidade, conhecendo as características gerais da denominação até aquele ano. Ainda assim, deve-se argumentar que doutrinariamente os elementos cristãos característicos estavam presentes desde o início, com uma grande exceção: a Trindade, não aceita pelos primeiros líderes, embora compreendida cabalmente por Ellen White e por parte da cúpula da Igreja. Sua aceitação oficial, no Anuário da instituição apenas acontece em 1931, sendo aceita oficialmente em 1980.

Com relação à doutrina do Sábado, esta pode ser vista como uma compreensão diferente, mas não menos cristã, evidenciando o caráter totalmente evangélico radical. Mostra que o adventismo cavou fundo suas origens, não se conformando nem mesmo com alguns pontos “esquecidos” pelos primeiros reformadores, embora estes, desde o início tenham sido levados em grande consideração como “divinamente inspirados”. Contemporaneamente, a compreensão do trabalho desses homens na Igreja Adventista do Sétimo Dia continua a mesma, com o grande mérito sob os ombros de Lutero, ao propor a salvação pela graça, aceita e exaustivamente pregada pela igreja.

A questão ainda hoje controversa da doutrina do Santuário Celestial, única no mundo cristão é a que parece destoar do cristianismo tradicional e histórico, mas absolutamente não interfere a ponto de descaracterizar os princípios básicos do adventismo, ou seja, aqueles firmemente baseados nas Santas Escrituras. A própria concepção doutrinária do Santuário é bíblica, porém por demais escatológica para ser levada a sério por um protestante histórico. É sabido que nem Lutero, nem

Calvino sabiam exatamente o que fazer com o Apocalipse de João, em relação ao resto do cânone.

Aliás, nesse sentido, é precípua afirmar que o adventismo sempre esteve entre uma espécie de senso pietista e puritano muito aguçado, enriquecendo às custas de árduo trabalho no melhor princípio da ética protestante, mas com os olhos voltados para o Céu, esperando literalmente a gloriosa vinda de Cristo para salvar os justos. Não é difícil perceber então que os dízimos, de forma geral, eram fielmente devolvidos e a estrutura social da Igreja, embora ainda incipiente, oferecia aos membros o acolhimento necessário.

Em 1888, como abordado abaixo, parecia que efetivamente se daria a volta de Cristo, no exato momento em que a Igreja Adventista do Sétimo Dia precisaria se purificar, enfrentando uma reforma dolorosa mas extremamente necessária em suas próprias fileiras.

Tudo o que Miller pregou mais de três mil vezes durante uma década e tudo o que se ouvira falar durante 40 anos, estava prestes a acontecer. Em alguns lugares dos Estados Unidos, uma Lei Dominical entrava em vigor sendo que esta deveria logo ser sancionada e válida para todos os Estados. Vários adventistas foram presos sob fiança que variava de aproximadamente cem até quinhentos dólares, uma quantia absurda para aqueles tempos. Em contrapartida, outros cristãos e até mesmo judeus que eram presos pelo mesmo motivo, acabavam quase sempre sendo liberados mais rapidamente e sem qualquer tipo de pagamento.¹²⁶

Portanto, para os crentes adventistas, claramente era chegada a hora da perseguição e de fato a guarda do Sábado era um sinal de Deus, visto que, mais do que nunca, com essa Lei Dominical o comércio abria normalmente durante o Sábado para fechar as portas no Domingo sem prejuízos maiores.

¹²⁶ De acordo com Knight em seu citado livro *A Mensagem de 1888*, esse assunto, como pano de fundo da Assembléia da Associação Geral de 1888, deu ao evento caráter definitivo e profético, onde as vozes contrárias só poderiam provir do “inimigo de Deus”.

Porém, apesar da dramaticidade dos eventos, o fim do mundo não era o tema em pauta, mas três principais, a saber: a justificação pela fé em Cristo, a natureza humana de Jesus e a questão do perfeccionismo. Em suma, faltava a Igreja parar de procurar por direcionamentos nos homens e confiar mais no próprio Deus, além do senso da pregação da mensagem ao mundo, conforme transcreveu Knight (2004):

A menos que torne a ocupação de sua vida contemplar o Salvador levantado, e pela fé aceite os méritos que é seu privilégio suplicar, não mais poderá o pecador ser salvo do que podia Pedro andar sobre as águas, a não ser que se conservasse os olhos bem fixos em Jesus. Ora, é o propósito determinado de Satanás eclipsar a visão de Jesus e levar os homens a olhar para o homem, a serem educados a esperar auxílio do homem. Por anos tem estado a igreja olhando para o homem, e dele muito esperando, sem olhar para Jesus, em quem se centraliza nossa esperança de vida eterna. Portanto, Deus deu a Seus servos um testemunho que apresentava a verdade como esta é em Jesus, e que é a terceira mensagem angélica, em linhas claras e distintas.¹²⁷

Dois grupos distintos e importantes nas fileiras do adventismo lutavam para manter seus pontos de vista. De um lado, a velha guarda representada por G. Butler e Uriah Smith e do lado oposto, dois jovens pregadores, Jones e Waggoner. Os dois mais velhos eram considerados peritos em profecias e um primeiro embate, ainda anterior a Assembléia, sobre a questão dos dez chifres da profecia de Daniel, de antemão ascendeu os ânimos. O ponto central, afinal de contas, não dizia respeito à questão em si da profecia, mas, em Smith reconhecer seu erro e humildemente corrigi-lo. Essa postura por si só mostrava como a Igreja Adventista do Sétimo Dia em 1888 estava engessada, negando suas origens anabatistas e se firmando em tradições, ainda que estas não estivessem de todo corretas.

Outra questão, dessa vez primordial, era a questão da lei em Gálatas. Até então a igreja entendia que ela significa as leis cerimoniais, e assim ensinava. Os dois jovens pregadores afirmavam justamente o contrário, dizendo que a lei em questão era a aquela do Decálogo. O que aparentemente pode parecer uma tola discussão doutrinária, deu margem ao jovem Waggoner a discutir a partir de então, a questão da justificação pela fé. Segundo Knight (2004):

¹²⁷ KNIGHT, 2004. p. 19.

De acordo com a teologia de Waggoner, os dez mandamentos são o aio que nos conduz “a Cristo para que possamos ser justificados pela fé”. Embora não concordasse inteiramente com todas as posições dele, Ellen White o apoiou naquele ponto crítico da batalha.¹²⁸

Durante os dias seguintes, que se passaram em grandes e tensas discussões, a igreja, apesar de machucada, saiu purificada. Logo depois, Butler deixa a presidência da Associação Geral e quase vem a perecer por esgotamento nervoso.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia entende a mensagem da justificação pela fé trazida à luz por Jones e Waggoner e não é por acaso que nos anos posteriores , Ellen White escreve aquela que vem a ser sua mais popular obra, “Caminho a Cristo”, livro de referência entre os adventistas, que expressa importância de se entregar a Cristo sem formalismos e afetações.

3.5 O Adventismo do Sétimo Dia depois de 1888

Com as devidas reformas nas estruturas da denominação, a Igreja Adventista do Sétimo Dia finalmente parece ter encontrado uma fórmula equilibrada e sincera para enfrentar suas questões internas de forma coesa e evangélica. Isso permitiu um novo olhar por parte das outras denominações, com elogiosos artigos exaltando o adventista como cristão exemplar e admoestando os protestantes ortodoxos a um novo olhar do adventismo. Dessa forma, grande parte das críticas inclusive por parte de ex-adventistas puderam ser mais claramente respondidas. Um redator batista da revista Eternity publicou as seguintes palavras:

Este redator leu todas as publicações antiadventistas publicadas nos últimos 57 anos arroladas no catálogo da Biblioteca do Congresso e da Biblioteca Pública de Nova Iorque. Menos de 20 por cento daquelas obras são atuais ou contêm a exata posição dos adventistas do sétimo dia como é pregada e publicada nos meios adventistas contemporâneos. [...] Este redator de modo algum é adventista do sétimo dia, e tampouco – como batista que é – poderia sustentar as doutrinas distintivas dos adventistas... porém um estudo

¹²⁸ KNIGHT, 2004. p. 55.

imparcial dos fatos, cobrindo um período de sete anos, entrevistas com líderes da igreja adventista, e sobretudo através de conhecimentos de uma infinidade de publicações adventistas e contra eles, conduziu-me como pesquisador a crer que um reexame da crença do adventismo do sétimo dia é necessidade imperiosa nos círculos evangélicos ortodoxos de nossos dias.¹²⁹

Artigos como esse podem ser facilmente encontrados, mas também trabalhos de pós-graduação. A tese doutoral de G. J. Paxton mais tarde transformada em livro sob o título “O Abalo do Adventismo” é um exemplo. Na verdade, pode-se encontrar aí, resumidamente, o “credo” adventista e a compreensão de que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma instituição genuinamente cristã e protestante:

A impressão de que o adventismo do sétimo dia é um pouco melhor do que uma seita não cristã não resiste a um exame sério. Os adventistas crêem na Santíssima Trindade, na divindade de Cristo na nascimento virginal, vida sem pecado e sacrifício expiatório de Cristo sobre a cruz, na sua ressurreição corpórea e ascensão à destra do Pai. Este não é um credo de uma seita não cristã. Além disso, os adventistas do sétimo dia creem na salvação pela graça, mediante a fé somente, tão ardorosamente quanto o crê a maioria dos evangélicos. Creem na santificação pela posse do Espírito Santo e no breve retorno de Cristo, em grande poder e glória. Não, seja o que for que pensemos sobre essa ou aquela doutrina particular adventista, temos de reconhecer o movimento como sendo cristão.

Alega-se, às vezes, que os adventistas do sétimo dia pregam a salvação pela guarda do sábado. Mas, em meus contatos com eles, jamais ouvi tal coisa. Os adventistas não creem que são aceitos por Deus porque observam o sábado mais do que por praticarem a monogamia!¹³⁰

Ademais, a Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma igreja franca e aberta. Não se encontra monopolizada por sua cúpula e seus teólogos têm a liberdade de propor novos caminhos, ampliando os debates e as compreensões de temas outrora considerados esgotados. O próprio Comentário Bíblico Adventista, obra de referência, está permeado de conceitos escritos muito depois da morte de Ellen White. Livros de historiadores da igreja em grande medida esclarecem de forma sincera e humilde os erros do passado. Nos dias de hoje, a compreensão luterana de “igreja invisível” é pregado com maior ênfase nas rádios da igreja e a acessibilidade dos estudos bíblicos fomentados pela Igreja Adventista do Sétimo Dia,

¹²⁹ Eternity. Outubro 1956, p. 38 In: CHRISTIANINI, A.B. **Subtilezas do Erro**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1981. p. 9.

¹³⁰ PAXTON, G.J. **O Abalo do Adventismo**. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. p. 13 e 14.

com o advento da internet, dá a conhecer as doutrinas da igreja a qualquer pessoa interessada.

É certo que somente a partir dos anos 80 do século XX que a igreja lentamente começou a perder seu caráter “legalista” para adentrar ao mundo evangelical¹³¹. O trabalho de populares tele-evangelistas contribuiu em grande medida para essa nova concepção.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia hoje conta com mais de quinze milhões de membros, sendo mais de um milhão deles no Brasil, o país com maior número de adventistas no planeta – e é uma das denominações que mais cresce no mundo. Todos os dias novas igrejas são inauguradas e a cada 15 segundos há um batismo. Esse número surpreendentemente para uma igreja de cunho puritano acaba provocando alguns estranhamentos. É certo que poucos anos atrás, para um membro ser aceito na igreja, era necessário muito estudo da Bíblia e entendimento detalhado das doutrinas. O recém-prosélito já era recebido na comunidade com autoridade para dar estudos bíblicos e discutir com certa profundidade praticamente qualquer aspectos da igreja, seja doutrinário ou organizacional. Hoje, em três meses ou até menos tempo qualquer pessoa pode se tornar um cristão adventista, com um conhecimento apenas mediano da Bíblia. Isso pode ser explicado pelo temor da igreja em voltar ao legalismo de outrora, mas também pela forte concorrência com as outras denominações e, infelizmente, pressões internas, de cunho financeiro.

Assim mesmo, esse crescimento não tão concreto (visto que não poucos deixam a igreja após um ou dois anos) parece ser salutar para a denominação, que cada vez mais deixa seu templo em busca de sua verdadeira vocação, que é pregar as três mensagens angélicas, ou seja, o 14º capítulo do Apocalipse de João, acerca da brevidade da volta de Cristo.

¹³¹ Utilizo o termo refletindo acerca das denominações cristãs contemporâneas mais populares e de cunho principalmente neo-pentecostal, mas não só, que em grande medida desconsideram os preceitos do Antigo Testamento bem como muitas das obrigações do Novo Testamento, deixando de ver os desígnios e a justiça de Deus como característica de Seu amor.

Por outro lado, ainda em virtude dessa não acomodação, em vários lugares no Brasil e no mundo, há um real perigo de perda da identidade. Um exemplo cabal e elementar é no tocante a música. A Igreja Adventista do Sétimo Dia desde os tempos de Tiago White foi conhecida como uma igreja que canta e, desde sempre, seus compositores e músicos figuraram entre os mais inspirados do mundo protestante. A música sempre foi tão conservadora quanto a própria denominação, com o predomínio de quartetos e música instrumental. Instrumentos como guitarra e bateria eram expurgados das fileiras como música mundana. A própria música *gospel* em si, não caracteriza exatamente a música adventista, mas nos últimos tempos, por causa de muitos membros novos oriundos de outras denominações, cada vez mais o som da bateria pode ser ouvido e sentido nos templos.

O “perigo” alegado pelos pregadores é que, com o passar dos anos, muitos dos elementos pietistas mais caros à igreja deixem de ser levados em consideração e logo não exista mais diferença entre os adventistas e os “outros”. Novamente aí, surge a questão anabatista de sempre se reformar e “purificar”, mas talvez o mais perigoso caminho que a Igreja Adventista do Sétimo Dia pode enfrentar, enquanto igreja engajada com a volta de Cristo é deixar de lado o tão propalado “desencantamento do mundo” esquecendo do tema tão elementar nas pregações. O mundo, sempre tão ruim e caótico, pode acabar por se tornar ameno e confortável para muitos membros que vivem na opulência e não mais leem as publicações institucionais. Eis certamente o motivo, visualizado ainda no século XIX, pela busca de uma vida santificada.

4. A CONSTITUIÇÃO DO CONCEITO DE SANTIFICAÇÃO NA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

4.1 Revisitando os primórdios denominacionais

No primeiro capítulo do presente trabalho, foi contextualizadamente analisada a história concisa da gênese do movimento adventista. Naquele breve período de pouco mais de uma década, a iminência do fim dos tempos – através de uma análise conjuntural muito particular de certos textos bíblicos – e, por esse motivo, a preparação para a volta de Cristo foi o tema único e exclusivo das pregações desses ministros¹³². William Miller, o precursor do movimento e seu primeiro pregador, imbuído do já comentado cientificismo racionalizante da primeira metade do século XIX não sistematizou suas premissas teológicas de cunho apocalíptico. Nem mesmo seus ministros o fizeram. O legado documental desse movimento são panfletos com sermões e explicações doutrinárias¹³³, bem como um pequeno e extinto jornal, com nove edições, o *Advent Herald*¹³⁴, de caráter marcadamente apologético. Além

¹³² Pode-se claramente afirmar que o milerismo era um movimento de uma doutrina só: a doutrina da volta de Jesus. Seus ministros podiam responder publicamente apenas sobre esse tema. Por esse motivo, ministros de qualquer denominação, ainda que com ideias diferentes, podiam se associar a Miller, desde que apenas pregassem sobre sua doutrina mais cara, de acordo com: KNIGHT, George. **Em busca de Identidade**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005, p. 73.

¹³³ Algumas vezes eram publicados panfletos com contribuições doutrinárias e, posteriormente, novos panfletos, agora com sermões sobre aqueles temas. É o caso do ministro metodista George Storrs, que publicou o texto “*Are the Souls of the Wicked Immortal?*” Acerca de sua explicação sobre a mortalidade da alma e, um ano depois, em 1841, publicou “*Are the Souls of the Wicked Immortal? In Six Sermons*” a partir de seus pressupostos, segundo KNIGHT, George. **Em busca de Identidade**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

¹³⁴ O citado jornal pode ser acessado na íntegra a partir do página <http://www.adventistarchives.org/documents.asp?CatID=146%20%20&SortBy=1&ShowDateOrder=True>, acessada em 1º de Dezembro de 2009.

disso, um gráfico simplesmente conhecido como “1843¹³⁵” foi confeccionado pelos evangelistas do movimento, mostrando precisamente o então atual momento da história como o mais solene e último deles, antes do início da reestruturação do planeta com a extinção do pecado.

Devido à urgência desta mensagem e pragmatismo de seus arautos, não é possível encontrar de forma clara um conceito, ainda que embrionário, de santificação ou de qualquer outra doutrina¹³⁶, a não ser a partir dos próprios textos bíblicos citados por Miller. Estes textos, além dos próprios versículos de Daniel e Apocalipse, eram, em grande medida, os escritos de Paulo aos Galátas, acerca dos frutos do espírito em contraposição às obras da carne, dentre outros que facilmente permitiam acepções concretas. Portanto, a construção conceitual do termo no seio do movimento foi iniciada a partir da práxis discursiva de Miller.

A preparação para a volta de Jesus requeria de seus adeptos, de fato, a aplicação prática dos sermões, sempre que possível fosse. Assim, pais e filhos promoviam reconciliação, antigas dívidas eram pagas e todo um ambiente de serenidade era tecido, apesar da grande e crescente hostilidade por parte de um não pequeno grupo de céticos, oriundos de dentro e fora das igrejas cristãs estabelecidas.

De fato, Miller havia criado, direta ou indiretamente, um grupo de cristãos não identificados ou classificados como pertencentes a qualquer outro nominal e devidamente institucionalizado. Porém, esse novo grupo tinha a certeza, ainda que também fundamentada pela lógica da interpretação histórica adventista – e não somente pela fé – de que possuía e estava com a verdade. No primeiro livro de Ellen White, essa acepção pode ser facilmente compreendida, ao ela afirmar que:

Nós que cremos na verdade devemos ser muito cuidadosos para não dar

¹³⁵ O “Gráfico 1843” não mais era que uma representação das profecias de Daniel e Apocalipse. Ainda hoje, uma versão deste é utilizada na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

¹³⁶ A questão da santificação, na Igreja Adventista do Sétimo Dia está especificada em uma de suas vinte e oito crenças fundamentais e em inúmeros textos, principalmente de Ellen White, como será visto ao longo deste capítulo.

ocasião de falarem mal de nossas virtudes. Devemos ter certeza de que todo passo que dermos esteja de conformidade com a Bíblia, pois aqueles que odeiam os mandamentos de Deus triunfarão sobre nossos erros e faltas, como fizeram os ímpios em 1843.¹³⁷

O citado texto, que revisitou os acontecimentos de 1843¹³⁸, deixa claro que o grupo internamente se considerava como o exclusivo receptor da salvação por ser o exclusivo detentor da verdade. Havia portanto, notadamente, uma distinção por parte desses adventistas entre eles mesmos e os “outros” integrantes da sociedade, cristãos professos ou não. Deste modo – exatamente por isso – a estigmatização por parte dos já arraizados (ou seja, os não-adventistas) não se lograva exitosa, em primeiro lugar porque esses adventistas, apesar de minoritários, se consideravam superiores pois justamente eram os exclusivos possuidores da verdade, mas não só: além dessa acepção particular da verdade transcendental, menos preconizada, estava aliado o “descobrimento” e entendimento dos textos que mostravam a iminência do fim, pela via da cognição. Era a humildade cristã expressa no grupo, a partir da busca da perfeição necessária para deixar esse mundo, que evidenciava essa pretensa superioridade. Eis novamente, a procura, ainda não sintetizada, da santificação como claro pressuposto de inclusão nesse grupo, embora não legitimado por meio único da fé.¹³⁹

Segundo Norbert Elias e John Scotson “um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído”¹⁴⁰. Não havia, nesse caso específico, um poder temporal que pudesse estigmatizar o movimento. Na verdade, o próprio grupo foi por ele mesmo em grande medida estigmatizado quando do desmoronamento de sua fé

¹³⁷ WHITE, Ellen. **Primeiros Escritos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007, p. 70.

¹³⁸ William Miller calculou pela primeira vez a volta de Cristo para 1843 e somente mais tarde para a conhecida data de outubro de 1844.

¹³⁹ É interessante notar que a expressão “humildade cristã” foi propalada pelos próprios escritores e panfletários da posterior denominação para, quem sabe, criarem ainda que artificialmente essa atmosfera. O fato é que o movimento juntou diante dos líderes um grande grupo de pessoas que, certamente, dadas às solenes circunstâncias, mudaram algumas práticas em suas vidas, conforme relatos pontuais encontrados nos “Primeiros Escritos” de Ellen White. Por outro lado, logo após o fim do movimento, é possível encontrar algumas discussões teológicas internas ferrenhas, que às vezes ultrapassavam os textos e viraram disputas pessoais, contrapondo as idílicas descrições de um povo santo e em franca preparação para o encontro com Cristo.

¹⁴⁰ ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 23

racional, com o não aparecimento de Cristo nas nuvens do Céu, de acordo com suas próprias predições. A implosão do movimento, nesse caso, aconteceu de dentro para fora, com a quebra total do paradigma de coesão. Segundo White, isso não poderia ser diferente, visto que:

Não é a oposição do mundo o que mais ameaça a igreja de Cristo. É o mal abrigado no coração dos crentes que acarreta suas mais graves derrotas, e mais seguramente retarda o progresso da causa de Deus. Não há maneira mais certa de debilitar a espiritualidade que acariciar a inveja, a suspeita, a crítica e as vis desconfianças. Por outro lado, o mais forte testemunho de haver Deus enviado Seu Filho ao mundo é a existência de harmonia e união entre os homens de variados temperamentos que compõe Sua igreja.¹⁴¹

De acordo com Thomas Kuhn, paradigma “é uma forma culturalmente determinada e socialmente compartilhada de valorar, interpretar e intervir na natureza, na sociedade, na história.”¹⁴² No caso do movimento estudado, pelo fato dos seus valores se inserirem em um plano supra-histórico a partir de uma interpretação histórica particular é que justamente ocorreu o rompimento pela constatação dessa falibilidade do eixo central. Foi essa ruptura que minou os pressupostos teóricos do movimento, abalando a fé que daí se originava, obrigando seus membros remanescentes a se firmarem muito mais alicerçados, necessariamente, no paradigma da fé, mas não sem antes participarem do próprio “expurgo” impetrado pelos estabelecidos, que, agora sim, voltavam a possuir, perante muitos dos próprios crentes adventistas, poder para tal ato. Precisamente nesse ponto da história do movimento, seus membros viveram “à beira da falésia”, afastados das já antigas certezas e próximos da inquietude, parafraseando o título de famosa obra de Roger Chartier.

É a partir desse grande acontecimento, que internamente, a exemplo dos cristãos primitivos, conforme escrito de Ellen White, o grupo ruiu, se dividindo em vários outros. Segundo ela:

Os crentes começaram a olhar os defeitos uns dos outros. Demorando-se sobre os erros, dando lugar a severo criticismo, perderam de vista o Salvador e Seu amor. Tornaram-se mais estritos na observância de cerimônias

¹⁴¹ WHITE, Ellen. **Atos dos Apóstolos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007, p. 549.

¹⁴² KUHN, Thomas S. **A estrutura da revolução científica**. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 218.

exteriores, mais rigorosos na teoria que na prática da fé. Em seu zelo para condenar os outros, passavam por alto seus próprios erros. Perderam o amor fraternal que Cristo lhes ordenara, e, o que é mais triste, não tinham consciência dessa perda. Não reconheceram que a felicidade e a alegria lhes estavam abandonando a vida, e que, havendo excluído o amor de Deus do coração, estariam logo andando em trevas.¹⁴³

Eis o limiar do desaparecimento do movimento adventista para sua constituição denominacional, tema do terceiro capítulo da dissertação, visto que no segundo capítulo, foi abordado biograficamente Ellen White e sua obra.

Portanto, nesse terceiro capítulo, tratou-se especificamente da gênese da Igreja Igreja Adventista do Sétimo Dia enquanto instituição. Esta nasce nos anos 60 do século XIX, a partir de alguns membros oriundos dos destroços do milerismo¹⁴⁴. Assim mesmo, não é possível afirmar que aqueles antigos membros simplesmente foram os pais fundadores da nova denominação visto que houve um refinamento de algumas antigas ideias mileritas, com a adição, pouco a pouco, de doutrinas que logo seriam corporificadas nas chamadas crenças fundamentais.

Uma das diferenças teológicas básicas entre os mileritas e os adventistas do sétimo dia é a concepção da chamada “primeira mensagem angélica”, expressa no capítulo XIV do livro de Apocalipse. Segundo Knight:

Enquanto os mileritas haviam associado a cena de juízo de Daniel 7 à purificação do santuário de Daniel 8:14 e “à chegada da hora do Seu juízo” de Apocalipse 14:7 com o juízo a ocorrer no segundo advento, os sabatistas passariam a interpretar essas passagens como se referindo a um juízo pré-advento (ou, como eles o chamavam, um “juízo investigativo”).¹⁴⁵

Além disso, não estando mais apenas entrelaçado na questão da volta de

¹⁴³ WHITE, 2007, p. 548.

¹⁴⁴ Embora a Igreja Adventista do Sétimo Dia apenas nascesse oficialmente – já com esse nome – em 1860, desde dezembro de 1844, Ellen White alega ter visões e esta logo seria elencada a líder dos adventistas. Em 1845 um de seus pioneiros, Joseph Bates, adota o Sábado como dia de descanso bíblico. O jornal do movimento, *Day Star* continua em plena circulação e conferências sobre o Sábado são realizadas. Ainda em 1849 James White publica um novo jornal, o *Present Truth*, onde as doutrinas particulares dos adventistas são apresentadas e, em 1850 o periódico – ainda em publicação – *Advent Review* sai do prelo pela primeira vez, segundo LAND, Gary. **Historical Dictionary of the Seventh-Day Adventists**. Lanham: Scarecrow Press, 2005, pg. xv e xvi.

¹⁴⁵ KNIGHT, 2005, p. 80.

Jesus, a mensagem do Sábado passou a vigorar como central, bem como a doutrina distintiva do santuário celestial, já abordado no primeiro capítulo deste trabalho. A partir da formação desse quadro, a identidade adventista é formada ainda que embrionariamente, muito embora a concepção exclusivista de “detentora da verdade” fosse, tal qual seu movimento originador, bastante presente¹⁴⁶. O historiador Knight comenta que:

Os adventistas sabatistas verdadeiramente tinham encontrado sua identidade. Passaram a se considerar o povo da profecia. Por causa de suas convicções, muitas vezes se referiam a seu movimento como a “terceira mensagem angélica”. A seu ver, o tempo da dispersão que se seguira ao desapontamento de outubro de 1844 havia acabado e chegara o tempo do ajuntamento, durante o qual deviam pregar sua mensagem escatológica aos remanescentes do milerismo.¹⁴⁷

De qualquer forma, pregação inicial deveria ser, ao menos segundo os objetivos da igreja, estendidos a todos os cantos do mundo, para que a “luz da verdade” fosse universalmente resplandecida. Isso pode ser evidenciado em White:

Nosso campo é o mundo. Repito de novo e de novo. Nosso campo é o mundo¹⁴⁸. Nós nos regozizamos por aqueles que alegremente têm oferecido seus bens ao Senhor. Nós encorajamos todos a ajudar com seus recursos para a causa de Deus. Cristãos que se encontram plenamente despertos à necessidade do trabalho não gastarão o dinheiro destinado ao Senhor desnecessariamente.¹⁴⁹

Além dos fatores acima apresentados, há ainda outros que, em conjunto, podem ajudar a constituir teologicamente as diferenças entre os adventistas do

¹⁴⁶ Apenas em 1998, a Federação Luterana Internacional reconhece oficialmente os adventistas como continuadores da Reforma e os adventistas reconhecem que não são os exclusivos remanescentes, ou seja, os únicos possuidores da “verdadeira doutrina”, conforme KILPP, Nelson. FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. GENERAL CONFERENCE OF SEVENTH-DAY ADVENTISTS. **Lutherans and Adventists in conversation: Report and papers presented 1994-1998**. Silver Springs: General Conference of Seventh-day Adventists, Geneva: Lutheran World Federation, 2000.

¹⁴⁷ KNIGHT, 2005, p. 78.

¹⁴⁸ É quase impossível não notar a semelhança da frase “nosso campo é o mundo” de White com a frase “o mundo é minha paróquia”, de John Wesley, encontrada em WHITEHEAD, John. **The Life of the Rev. John Wesley, M.A.:** Some Time Fellow of Lincoln College, Oxford. Boston: Dow & Jackson, 1845, p.351.

¹⁴⁹ WHITE, Ellen. Sowing beside all waters. **Pacific Union Recorder**. Westlake Village, CA: 18 de Julho de 1907. No original: “Our field is the world. Repeat it again and again. Our field is the world. We rejoice for those who have made a willing offering of their property to the Lord. We encourage all to help with their means in the cause spend the Lord's money needlessly”.

sétimo dia e os outros grupos também oriundos do movimento de Miller. É importante visualizar que em todos os outros, o tema da santificação é constantemente abordado, mas de forma bastante diversa da denominação em questão. Conforme Butler:

Ao comparar outros milenaristas da época como os mórmons e as testemunhas de Jeová, historiadores e sociólogos consideram “extraordinária” a rápida transição da instabilidade pós-milerita para a “organização bastante estável e uniforme” alcançada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Sugerem-se cinco razões para esses fenômenos na expansão dos adventistas sabatistas: (1) eles se separaram dos outros grupos pós-mileritas e milenaristas “após a reformulação de ideias”; (2) eles pregavam não apenas o advento, mas as condições para ele; (3) essas condições eram validadas pela inspiração divina, por cujo meio o grupo adquiria uma fonte independente de inspiração, à parte das Escrituras; (4) eles “estabeleceram um ministério profissional, o que abriu caminho para outras agências especializadas”; e (5) eles desenvolveram interesse adicional pela educação, regime alimentar, cuidado médico, liberdade religiosa e rigorosa observância do sábado, o que promoveu o avanço da denominação tanto do ponto de vista ideológico quanto institucional.¹⁵⁰

Na prolapada “reformulação de ideias” segundo o texto de Butler, havia a noção de uma sistematização teológica com o intuito de, além de institucionalizar o adventismo do sétimo dia, clarificar e, principalmente, distingui-los de todos os outros. Nesse movimento, o conceito de santificação é grandemente abordado e divulgado, mantendo a práxis de Miller, mas também através de centenas de citações em dezenas de livros. Nessa fase, especificamente com o intuito real e urgente de fazer dos adventistas do sétimo dia um grupo distinto e livre de fanatizações, muitos esforços foram empreendidos no sentido de publicar e divulgar ao maior número de pessoas que não professavam a nova fé, os ideais adventistas do sétimo dia, sendo a doutrina da santificação uma das mais abordadas.

No tocante aos grupos fanáticos oriundos de Miller e suas acepções com temas diretamente relacionados à santificação, muitos são os casos claros de deturpação dos textos bíblicos no contexto de uma teologia descabida e sem lastro ou pressuposto teológico. Nesse sentido, não sem razão, o milerismo foi

¹⁵⁰ BUTLER, Jonathan, NUMBER, Ronald L. **The Disappointed**: Millerism and Millenarianism in the nineteenth century. Knoxville : University of Tennessee Press, 1993, p.199

considerado como “a doutrina religiosa da imediata destruição do mundo - que foi extensivamente ensinada neste país pelo Sr. Miller e outros, durante dois ou três anos atrás” e pelo menos 32 pacientes foram recebidos em hospitais psiquiátricos sob o diagnóstico de “insanidade atribuída ao Milerismo”, de acordo com o “The American Journal of Insanity.”¹⁵¹

Os mais claros exemplos dessa deturpação, excitação e exagero podem ser visualizados nas palavras de Schwarz e Greenleaf:

Provavelmente, a prática mais radical, finalmente promovida por Pickands e Enoch Jacobs, editor do Day Star [jornal milerita], era o “casamento espiritual”. Afirmando que Cristo já tinha vindo, eles asseveravam que estavam no Céu; portanto, não deviam se casar ou dar-se em casamento. Usavam a declaração de Cristo de que o homem devia deixar pai, mãe, esposa e filhos para justificar o abandono de suas famílias e a formação de uniões “espirituais”, desprovida de sexo, com novos parceiros. Jacobs finalmente levou seus seguidores para uma colônia shaker. Igualmente bizzara era a crença, mantida por alguns, de que eles tinham agora passado para o grande sábado milenar de Cristo e não deviam fazer trabalho secular de espécie alguma.¹⁵²

Portanto, para nortear os princípios básicos dessa nova fé, ao mesmo tempo em que combatiam os grupos por eles mesmos considerados fanáticos¹⁵³ mas que se utilizavam da alcunha “adventistas”, foi preciso recorrer ao lastro teológico dos reformadores protestantes, principalmente de cunho wesleyano – mas não só – o que aconteceu quase que de forma natural visto que os maiores vultos da igreja nessa época eram oriundos da Igreja Metodista.¹⁵⁴

¹⁵¹ **The American Journal of Insanity**. Edited by The Officers of the New York State Lunatic Asylum, Utica, Vol I. Utica: Bennet, Backus & Hawley, 1844-45, p. 249-250.

¹⁵² SCHWARZ W. Richard, GREENLEAF, Floyd. **Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2009, p. 54.

¹⁵³ Dezenas de artigos e/ou capítulos de livros foram escritos pelos adventistas do sétimo dia sobre esse assunto, inclusive sob o prisma da Psicologia, ainda que incipiente na segunda metade do século XIX, demonstrando mais uma vez a utilização do cientificismo do século em questão para subjugar grupos considerados minoritários. Este tema foi magistralmente trabalhado pelo francês Michel Foucault, principalmente em uma das suas obras clássicas, a *Arqueologia do Saber*. Em Ellen White, o artigo “A Mente Fanática”, encontrado em seu livro *Mente, Caráter e Personalidade* (WHITE, Ellen. **Mind, Character and Personality**, vol I. Nashville: Southern Publishing Association, 1977, p.43) aborda a questão da “carne santa”, onde alguns membros ditos adventistas afirmavam não mais serem pecadores. Ela aproveitou o ensejo, mais uma vez, para escrever sobre a verdadeira santificação.

¹⁵⁴ Além dos reformadores clássicos, foi encontrado na biblioteca de Ellen White, quando de seu falecimento, escritos de Henry Melvill, um famoso pregador inglês do século XIX, evangelical, cuja a obra homônima “*Sermões*” parece tê-la influenciado.

Não se cansou Ellen White de escrever elogiosamente sobre os reformadores do passado, citando ela Calvino mais de 40 vezes em sua obra; 80 vezes John e Charles Wesley, especificamente o trabalho deste acerca da santificação pessoal, enfatizando suas biografias. Jonathan Edwards aparece indiretamente pelo menos uma dúzia de vezes, embora de forma expressa seu nome esteja contido no apêndice da primeira edição do clássico “O Grande Conflito”¹⁵⁵. Finalmente, Lutero é citado 900 vezes em toda a sua obra, já desde a primeira, ainda em 1844 e durante os seus setenta anos de ministério¹⁵⁶.

Procedendo dessa maneira, a igreja poderia se afirmar protestante, ao concordar com os célebres reformadores e – ao mesmo tempo – agir (segundo a própria denominação afirmava) além do protestantismo, promovendo um trabalho de verdadeiro reavivamento e, portanto, santificação. Clarificando, Whidden, explicita que:

somos [os adventistas] inteiramente protestantes no sentido de que tomamos a autoridade bíblica como última instância em questões de fé e prática (ao contrário da tradição e autoridade eclesiásticas e mesmo de profetas pós-bíblicos ou de revelações), e enfatizamos a justificação pela fé e não as obras humanas como base da salvação. (...) além disso, temos importantes e apropriados elementos oriundos do (1) wesleyanismo/arminianismo, especialmente na nossa forma de governo eclesiástico, como também no respeito de Deus pela integridade da escolha humana e na ênfase à restauração da simplicidade primitiva da igreja do Novo Testamento, edificando "as antigas ruínas", reparando as "brechas" e restaurando as "veredas para que o país se torne habitável" e (2) da tradição batista, com sua ênfase no batismo dos crentes por imersão e a liberdade religiosa. Estamos plenamente de acordo, portanto, com a ortodoxia básica da tradição cristã e somos inteiramente protestantes.¹⁵⁷

¹⁵⁵ Em Ellen White, muito mais a prática de Jonathan Edwards foi por ela apreendida, por meio William Miller, que sua obra em si. Edwards, como precursor do primeiro grande reavivamento nos Estados Unidos, ainda no final do século XVIII, abriu caminho ao posterior movimento *Holiness* e, exatamente por isso, ao mais caro dos pontos do adventismo do sétimo dia, ou seja, a santificação. De qualquer forma, há interessantes semelhanças, inclusive linguísticas, entre o pequeno manuscrito de Edwards, “The Beauty of the World” (EDWARDS, **Jonathan. Images or Shadows of Divine Things**. New Haven: Yale University Press, 1948, p.135-137) e o primeiro capítulo de “Passos para Cristo”, (WHITE, Ellen. **Steps to Christ**. Mountain View: Pacific Press Publishing, 1956, p.9-11) seu livro mais vendido, indicando, talvez, maior proximidade entre os dois autores.

¹⁵⁶ Há uma referência direta às Institutas de João Calvino no apêndice da Edição de 1911 de *O Grande Conflito* e, ao longo da obra dela, será possível perceber várias semelhanças entre suas teologias.

¹⁵⁷ WHIDDEN, Woodrow. **Ellen White e a Humanidade de Cristo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004, p. 109.

A nova religião incipiente é diversa da teologia luterana, principalmente no tocante à questão da santificação visto que

“os adventistas querem afirmar a justificação pela fé e a "presença" de Jesus no sacramento da Santa Ceia. O adventismo, entretanto, não tem se sentido confortável com a ênfase luterana confessional na "fé somente", que tende a excluir a ênfase na santificação.”¹⁵⁸

Tal declaração pressupõe, portanto, a dialética constante oriunda do binômio “fé-obras” pincelada em toda a teologia adventista, mas que, nesse ponto, se aproxima da concepção metodista, visto que “Wesley advertiu que a justificação não devia ser depreciada a fim de "exaltar o estado de santificação completa". Ao mesmo tempo, a ênfase no *sola fide* não deveria excluir a necessidade de se incitar ao arrependimento e "às obras próprias do arrependimento", antes da justificação.”¹⁵⁹ Aliás, Wesley, de acordo com Gundry, dá à Lei a mesma acepção que Ellen White, exaltando seu papel na busca pela santificação pessoal, ao afirmar que:

Wesley relaciona o cumprimento das obrigações da lei moral ao processo e propósito da santificação, em vez de relacioná-lo às concepções mais objetivas da ortodoxia reformada, que considera o ato de justificação do crente o cumprimento e a satisfação da exigência moral da Lei. (...) [ele] sempre considerou a Lei boa e santa. Para ele, não há a forte tensão entre Lei e Evangelho que permeia a teologia de Lutero.¹⁶⁰

A construção do conceito de santificação por Ellen White, passa pela delimitação da própria esfera denominacional, em oposição aos adventistas espúrios, da mesma forma que quer se colocar ao lado do protestantismo historicamente constituído, sem, contudo, perder seu fervor inicial reavivamentista e em busca de santificação, que é considerado o grande elemento adicional desta para as “outras” denominações. Seria essa dinâmica adventista da santificação que

¹⁵⁸ WHIDDEN, 2004, p. 110.

¹⁵⁹ HEITZENRATER, 1996, p. 152.

¹⁶⁰ GUNDRY, Stanley (Org.) **Cinco perspectivas sobre a santificação**. São Paulo: Editora Vida, 2006, pg. 29.

constituiria a “reforma dentro da reforma”, embora o processo lento dessa práxis em doutrina muitas vezes confundisse o adventista leigo. De acordo com Knight:

Por demasiado tempo os adventistas pensaram na perfeição de caráter em termos de uma lista de coisas permitidas e proibidas (principalmente proibidas). Por isso, associaram a perfeição de caráter a coisas tais como vida saudável, forma de observar o sábado ou maneira de vestir. Alguns chegaram mesmo a pensar que podiam desenvolver um caráter perfeito evitando toda espécie de pecado. Mas essa não é a ideia bíblica de perfeição de caráter. Na Bíblia e nos escritos de Ellen White, perfeição de caráter não é coisa negativa, mas positiva. Não se trata de algum pecado que evitamos, mas de uma qualidade de vida expressa dia-a-dia.¹⁶¹

Ainda assim – e por isso mesmo, ou seja, por essa propalada reforma dentro da reforma – os adventistas do sétimo dia não se livraram do caráter fortemente anabatista do movimento, posteriormente assumido e publicizado por suas lideranças eclesiásticas. O que fazia seus membros se situarem entre o protestantismo histórico e o anabatismo era justamente o caráter “experencial” da religião, pela afirmação prática da necessidade de santificação, ao abordar questões sequer levantadas pelo próprio Wesley, que dedicou não pequena parte de seus escritos nesse sentido¹⁶². Além disso, até o ano de 1888, tiveram os adventistas grandes dificuldades de entender de fato, a questão da justificação pela fé. É precisamente por causa desse princípio da experiência, que Tillich escreve:

O princípio da experiência foi preservado por movimentos sectários (amplamente dependentes do entusiasmo dos franciscanos radicais) antes e durante a Reforma. Um entusiasta evangélico como Tomás Muenzer¹⁶³ tinha quase todos os traços característicos daquilo que chamamos hoje de “experiência existencial”, inclusive os elementos de ansiedade e desespero, a “situação limite” e a experiência da “falta de sentido”. E, por outro lado, ele tinha a experiência extática de um poder Espiritual que o conduzia e guiava nas decisões práticas de sua vida pessoal ou social. Embora a vitória da autoridade eclesiástica ou bíblica em todas as igrejas européias e a ascensão da ortodoxia clássica tenham suprimido o princípio da experiência, nunca o erradicaram. O princípio da experiência reapareceu com toda a força no

¹⁶¹ KNIGHT, 2004. p. 192.

¹⁶² Wesley, assim como Calvino, concorda que a perfeição é obra do Espírito Santo, embora no famoso sermão 40, não seja essa aceção tão clara, fato que o levará a escrever sua Explicação Clara da Perfeição Cristã. Em Ellen White, a conceituação ainda padece em algumas dificuldades quando descontextualizadas, levando a entender que a perfeição ou santificação são “obras” totalmente humanas. Entre os pontos “além” de Wesley, cito, entre muitos outros exemplos, a santificação através da alimentação como ponto principal.

¹⁶³ Ela comenta que Tomás Muentzer era “homem de considerável habilidade, que, corretamente dirigida, o teria capacitado a fazer o bem; mas ele não aprendera os rudimentos da verdadeira religião.” (WHITE, Ellen. O Grande Conflito. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004, p.191.

pietismo continental e no independentismo anglo-americano, no metodismo e no evangelicalismo. Nestas formas, ele sobreviveu ao período do iluminismo e encontrou sua expressão teológica clássica no método teológico de Schleiermacher.¹⁶⁴

Difícilmente outro teólogo poderia com maior propriedade definir a situação específica das denominações concordantes com este princípio, como foi e é o caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia visto que, havia naquele período (como já trabalhado) um senso comum de que a denominação não mais seria que uma seita¹⁶⁵. Isso pode ser facilmente visualizado a partir da importância da doutrina do Sábado, cultivada por seus adeptos, especificamente quando este dia é entendido a partir do conceito de santificação segundo a teologia adventista, como se verá a seguir.

Há, de fato, motivos para isso. Conforme White, “santificação é clamada pelos professos cristãos que ignoram o dia sagrado de descanso divino por um Sábado espúrio”¹⁶⁶. Ou seja, segundo o texto aqui pinçado, cristãos que não guardam o Sábado não podem almejar a santificação. Porém, há nesse caso um desconhecimento do significado do Sábado e, principalmente, da relação entre este dia e a graça divina. Para os adventistas, a Lei não está sob hipótese nenhuma destituída da graça de Deus; pelo contrário, a Lei é graça e está em harmonia perfeita com ela. Exatamente por isso, a Lei não foi anulada pela graça e não há distinção entre uma e outra, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento¹⁶⁷. Portanto, não guardar um dos preceitos da Lei implica não imitar Cristo, ou seja, Aquele que é nosso único modelo a ser imitado. Dessa forma, defende-se White: “Deus não usa sua graça para tornar sua lei sem efeito ou mudá-la de lugar. A graça de Deus e a lei de Seu reino estão em perfeita harmonia; elas andam lado a lado.”¹⁶⁸

¹⁶⁴ TILLICH, 2005, p. 56.

¹⁶⁵ A acepção do termo, no contexto do presente parágrafo, nada tem a ver com a conceituação weberiana presente em sua obra *Economia e Sociedade*, mas no senso comum que compartilha a ideia de seita como religião espúria.

¹⁶⁶ WHITE, Ellen. **Maranatha: The Lord is Coming**. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1976, p. 238.

¹⁶⁷ WHITE, Elle. **The Necessity of Connection with Christ**. Advent Review and Sabbath Herald. 07/05/1889, p. 7.

¹⁶⁸ WHITE, Ellen. **God's amazing grace**. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1973, p. 10.

Quanto Tillich fala em “ansiedade, desespero, situação limite e falta de sentido”, esses termos podem ser equilibrados, no adventismo do sétimo dia, justamente pelo poder espiritual extático da denominação, dentre outros, através da voz profética de Ellen White. Através de seus sermões e escritos sobre o tema “santificação”, ela minimizava a ansiedade causada pelo atraso no retorno do Senhor e a sistematização teológica da igreja – dando a entender que essa volta poderia ser um tanto demorada ainda¹⁶⁹ – conclamando seus membros ao trabalho e ao desapego de si, afirmando que apenas a partir dele esse sentimento poderia ser minimizado. Segundo ela (1998), “verdadeira santidade é integridade no serviço de Deus. Esta é a condição da verdadeira vida cristã. Cristo requer a entrega sem reservas, o serviço não dividido. Exige o coração, a mente, a alma e as forças. O eu não deve ser acariciado. Quem vive para si mesmo não é cristão.”¹⁷⁰

Portanto, é basicamente a partir da construção do conceito de santificação que a identidade adventista pós-milerismo é fundada e é justamente essa construção que faz a ponte entre o agora (a partir do trabalho missionário e todos os departamentos da igreja) e o porvir (onde a centralidade da mensagem “pulsa mais forte”).

Foi a partir desse equilíbrio, ano após ano, que através do tema central “santificação”, a mensagem da salvação pela graça, tão cara aos protestantes, finalmente ecoou nos adventistas do sétimo dia, principalmente quando da publicação do “Passos para Cristo” e “O Grande Conflito”, entre outros, todos escritos após as discussões das conferências de 1888, já rapidamente abordado nesse trabalho.

¹⁶⁹ Muitos pregadores adventistas, para falar sobre esse período de tardança, se referiam ao texto de Mateus XXV, a parábola das dez virgens”, entendendo que o período de preparação não deveria ser relaxado e apenas com o trabalho dedicado a causa de Deus o ânimo dos crentes não seria abalado.

¹⁷⁰ WHITE, Ellen. **Parábolas de Jesus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 11ª Edição, 1998, p. 48-49.

4.2 Ellen White e a santificação

Ellen White, segundo o acervo divulgado eletronicamente pela Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, contendo, em língua inglesa, todas as obras publicadas por ela – com exceção de algumas dezenas de pequenos panfletos – utilizou o termo *sanctification*¹⁷¹ exatamente 1599 vezes ao longo de sua vida, em comentários bíblicos e cartas. Já o citado termo *holiness*, aparece 2965 vezes em seus escritos, ora indicando santidade, ora indicando santificação.

O primeiro desses registros pode ser encontrado já em sua primeira obra publicada, *Early Writings* (1851) ou Primeiros Escritos, na tradução para o português. O livro abarca os dois pequenos textos iniciais de sua pena, conhecidos como Experiências e Visões e Dons Espirituais.¹⁷²

Ali, sem dúvida nenhuma o termo original *holiness* pode ser traduzido por “santidade¹⁷³”, pois o contexto aborda sua visão sobre a cidade santa e a aparência dos habitantes do lugar. Esse tema – o da plenitude do Céu enquanto lugar físico – é intensamente abordado por ela nesse primeiro livro, certamente influenciada por William Miller. No citado exemplar, há uma vigorosa defesa da guarda do Sábado como mandamento válido como os outros nove do Decálogo e diversas referências a perseguições passadas ou futuras pelo povo de Deus.

Em sua juventude, Ellen White ainda não abordava de forma clara e incisiva a justificação pela fé, embora desde os primeiros tempos ela assim crescesse.¹⁷⁴ O mote

¹⁷¹ Faz-se necessário pontuar que a pesquisa levou também em conta o número de vezes em que os termos foram citados em sua Bíblia, versão King James. Dessa forma, sabendo que ela em grande medida escrevia a partir de um certo trecho bíblico, esse número é consideravelmente menor, ainda que continue sendo seu tema norteador.

¹⁷² O presente livro, escrito em dezembro de 1844 abarca seus testemunhos oculares do movimento milerita e sua transição do metodista para o adventismo, ocorrido a partir de sua exclusão oficial do rol de membros daquela denominação.

¹⁷³ É fundamental, nesse ponto, diferenciar “santificação” de “santidade”. Na teologia adventista, o ideal de santidade é sempre aquele resultante do processo de santificação. Nesse sentido, a Lei em si não salva ou transforma, mas informa do pecado. É a graça, atributo exclusivo de Deus, que possibilita ao cristão a continuidade do processo de santificação e a posterior santidade, na plenitude do céu. Sobre esse assunto, veja-se especialmente PAULSEN, David. **The Paulson Collection of Ellen G. White Letters**. Payson, AZ: Leaves-Of-Autum Books, 1985, p.392-395

¹⁷⁴ Cf. WHITE, 2007. p. 72.

naqueles primeiros dias era apontar para a Lei como guia, em conformidade com Calvino.¹⁷⁵ Aos poucos, contudo, principalmente depois de 1888, quando da conferência denominacional onde finalmente de forma clara a justificação pela fé foi reconhecida e assumida pela igreja, a graça e o amor de Cristo são apresentados com ainda maior vigor em seus escritos.

Assim mesmo, santificação, tanto em termos explicativos quanto em questões eminentemente práticas foi, sem dúvida, um dos assuntos mais abordados por ela. Há inclusive um pequeno livro, *The sanctified life*, publicado originalmente em 1889 que de forma exclusiva trata do assunto. Manteve ela a convicção de Miller, que, segundo sua interpretação, remonta a mesma certeza apostólica expressa na Primeira Epístola de Paulo aos Tessalonicenses, no capítulo 5 verso 15: “O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que o vosso ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da Vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.”¹⁷⁶

É a perseverança e a busca diária pelo Divino, trabalho do Espírito Santo para a santificação pessoal, sempre em preparação para a volta de Cristo. Escreveu ela: “A santificação não é obra de um momento, uma hora ou um dia. É um contínuo crescimento na graça.”¹⁷⁷ Considerava ela a santificação, unicamente pela graça através da fé, obra do Espírito Santo. Portanto, a auto-salvação de cunho legalista não faz parte de seus escritos, embora ela muitas vezes tivesse utilizado o termo perfeição como sinônimo para santificação, assim como em alguns trechos bíblicos santidade aparece como sinônimo de santificação.¹⁷⁸ Pregando dessa forma, aceitando a Trindade e tendo a Bíblia como única regra de fé, como fazem os adventistas do sétimo dia, a denominação não pode ser entendida como seita, de

¹⁷⁵ Cf. TILLICH, 2005. p. 673.

¹⁷⁶ A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000.

¹⁷⁷ WHITE, Ellen. **Testemunhos Seletos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1985. v. 1, p.114.

¹⁷⁸ Esse dado pode facilmente ser comprovado ao comparar dois de seus mais famosos livros: No clássico “O Grande Conflito” ela não utiliza o termo “perfeição”, enquanto no “Desejado de Todas as Nações, aparece justamente o termo santificação. Nesse último livro ela fala em “perfeição de caráter”, que pode ser compreendido como estágio alcançado no processo de santificação. Para fundamentar a tese, cito de seu livro devocional *My Life Today*: “Esta santificação é uma obra progressiva, e um avanço de um estágio de perfeição a outro.”. WHITE, Ellen. **My Life Today**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1952. p. 250.

acordo com alguns livros dogmáticos.¹⁷⁹ Nesse sentido, um estudo acerca da santificação na teologia adventista pode servir como base para a análise de certas questões doutrinárias incipientes. Para clarificar a situação, escreveu ela que “a verdadeira santificação é obra diária, continuando por tanto tempo quanto dure a vida.”¹⁸⁰

Isso quer dizer que para a teologia adventista, a justificação ou justiça imputada e a santificação ou justiça comunicada, caminham de braços dados¹⁸¹. O sangue de Cristo foi derramado para toda a criatura, inclusive o não cristão, conforme a interpretação do texto de Zacarias, capítulo 13, verso 6. Assim sendo, há a certeza da gratuidade da salvação para toda a humanidade. A partir do momento da aceitação do sacrifício expiatório salvífico de Cristo, há imediata e entrelaçadamente, o início do processo de santificação. Ou seja, o cristão sente que já foi salvo por Cristo e agora precisa viver a sua vida de salvo. Eis que a sentença latina *ora et labora* encontra no adventismo uma boa acepção. O cuidado dispendido ao corpo com as prerrogativas alimentares que remetem ao Antigo Testamento, seguidas quase sempre à risca pelos crentes dessa denominação apenas representa um dos muitos aspectos dessa propalada santificação diária. Porém, ao propor ela tantos conselhos de vida e saúde, surge, evidentemente, o perigo de “engessamento” do Espírito pela aspereza da letra da Lei. Eis certamente um dos motivos pelos quais parte do discurso de White acerca da santificação recebe pouca atenção; apesar de sua evidente clareza literária e embasamento bíblico, falta para muitos a segurança que apenas o conhecimento da vida e obra do portador da mensagem pode trazer. Creem os adventistas que absolutamente nada podem contribuir para obter a salvação, sendo esta unicamente mediante a graça de Deus.

Portanto, novamente fazendo menção ao terceiro uso da lei por Calvino, mas ampliando, este serve como guia e um guia proporciona segurança, embora muitas vezes demasiada segurança não raramente provoque quedas e uma falsa sensação

¹⁷⁹ Para consulta e reflexão, cito: BRAATEN, 1990. v. 2, p. 511

¹⁸⁰ WHITE, Ellen. **Santificação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006, p. 11.

¹⁸¹ Para mais informações, veja IGREJA ADVENTISTA DO SETIMO DIA. **Questões sobre doutrina: o clássico mais polêmico da história do adventismo**. Introdução e Notas de George R. Knight. 1. ed. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009, p.297

de autossuficiência. Novamente, Ellen White aponta a Cristo como o Único que pode equilibrar a vida, ao afirmar: “Pela virtude da expiação, eu reclamo Cristo como meu Salvador. Não confio em meus próprios méritos, mas no precioso sangue de Jesus, o qual me limpa”.¹⁸² Eis, portanto, um profundo respeito à Lei, aliado a uma grande admiração pelo Evangelho, expresso na teologia da igreja adventista.

Pode-se notar ainda um entrelaçamento teórico entre os pioneiros denominacionais imediatamente anteriores a White e seus escritos em todas as fases de sua vida. A questão, porém, pode se tornar um tanto complexa ao visualizarmos o esteriótipo da “profetisa¹⁸³” Ellen White e o racionalismo evidente daquela igreja. O que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é, em termos de identificação? O historiador da igreja George Knight, ao traçar as chamadas raízes teológicas do adventismo, concluiu que a igreja não nasceu no vácuo. Sua primeira influência foi anabatista ou protestante radical, metodista e finalmente, puritana.¹⁸⁴ De fato, ao lermos seus escritos, há sem muita demora uma lógica assimilação de suas linhas com o anabatismo ao propor Ellen White uma reforma espiritual. Sabidamente, a igreja adventista se considera como nascida na esteira de um movimento profético¹⁸⁵. Em toda a Bíblia, os profetas foram contestadores e ao mesmo tempo tentaram restabelecer a ordem moral de acordo com a vontade divina. Assim aconteceu com o profeta Esdras quando do regresso judeu do cativeiro Babilônico, na época da instauração das reformas sociais e religiosas. O mesmo se dá com Neemias que repete as leis divinas e clama às antigas ordenanças.

Nesse sentido, é correta a afirmação que o adventismo tem suas raízes no anabatismo. O que não parece combinar com o processo histórico adventista é a alcunha de “protestante radical” ao termo “anabatista”. O radicalismo desta denominação, se é que assim se pode dizer, reside no fato de almejar muito mais o céu do que a Terra. O “já” da Terra é sempre precedido com toda a ênfase pelo

¹⁸² WHITE, 2006, p. 100.

¹⁸³ Segundo SCHWARZ W. 2009, p. 172, a Igreja Adventista do Sétimo Dia não podia e queria negar que eram especialmente beneficiados pelo ministério profético de Ellen G. White.

¹⁸⁴ KNIGHT, George. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005. p. 28-37.

¹⁸⁵ WHITE, Ellen. **The Great Controversy between Christ and Satan**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1950. p. 410.

“ainda não” do porvir. Não se encontra nos registros históricos casos de desobediência civil, perseguições ou violência de qualquer ordem. A tendência altamente escatológica do adventismo está ligada à esperança gloriosa de um futuro eterno, mas muito bem calcada dentro de uma estrita ética capitalista protestante. Aparentemente, há um equilíbrio entre o físico e o metafísico. De qualquer modo, entende a Igreja Adventista que Ellen White foi sua legítima mensageira e profetisa, com o intuito de reafirmar certos preceitos morais que com o passar dos anos foram se afrouxando no meio cristão. Nesse caso, analisando sua obra, percebe grande conformidade desta com o puritanismo. Este movimento, surgido nos inícios da Modernidade com o intuito de resgatar a moralidade perdida pelos cristãos envolvidos em conflitos fratricidas como a Guerra dos Trinta Anos, foi e é bastante racional, evidenciando a dialética do radicalismo e do intelectualismo nas fileiras da igreja. Na verdade, a própria religião serviu para fomentar o distúrbio e as palavras de Filipe Melanchthon quando, em seu leito de morte, afirmou que finalmente poderia descansar, apenas confirmam isso.¹⁸⁶ Os adventistas do sétimo dia, se consideram os modernos remanescentes, ou seja, àqueles que, vivendo no tempo do fim, têm uma urgente mensagem a dar, sendo eles próprios exemplos vivos de obediência moral, ao guardarem os mandamentos e darem o real testemunho de Cristo. A questão e a dinâmica adventista de santificação, sem dúvida nenhuma passa por esse processo. Concordam ainda com as palavras de Tillich ao afirmar que:

Não é justificável restringir o profetismo aos profetas do Antigo Testamento ou ao Espírito profético que está presente na maior parte das passagens do Antigo e do Novo Testamento. A crítica e a promessa profética estão ativas em toda a história da Igreja, especialmente nos movimentos do monasticismo, na Reforma e no radicalismo evangélico.¹⁸⁷

Portanto, o que parece unir esse propalado radicalismo e o dito puritanismo no adventismo, é a influência equilibrada da teologia de John Wesley. Provavelmente é a partir dessa influência que Ellen White vai embasar suas visões no sentido de publicar sempre mais sobre a santificação. Por exemplo, são notórios

¹⁸⁶ LINDBERG, 2001. p. 424.

¹⁸⁷ TILLICH, 2005. p. 152.

os textos da autora sobre a santificação acerca da lei de Deus. Diz ela: “A lei de Deus, que é perfeita santidade, é o único padrão de caráter¹⁸⁸.” Nesse sentido, a perfeição só se dará a partir da observância das divinas leis. Essa concepção é de fácil compreensão aos adventistas, e o Salmo 119: 142 bem expressa os anseios de Ellen White. Para ela, a lei divina diz respeito ao próprio caráter de *lahweh*. Portanto, ela não se furtou de associar a santificação também a esse importante aspecto. Escreveu ela: “O que o Senhor requer de Sua herança adquirida com sangue? A santificação do inteiro ser – pureza semelhante à pureza de Cristo, perfeita conformidade à vontade de Deus.¹⁸⁹”

Para Ellen White, a santificação tem que ver de com a guarda do Sábado, sinal por si só de santificação. Quando ao finalizar a obra da Criação em seis dias literais (“tarde e manhã”, conforme o texto bíblico) o Senhor descansou no Sábado, ele o fez para servir de exemplo às criaturas, feitas um dia antes e não necessitadas de descanso naquele momento. Essa literalidade com relação ao relato de Gênesis automaticamente transforma o período sabático no Sábado do sétimo dia. Deve o remanescente guardá-lo sob pena de transgredir toda a lei, conforme o entendimento adventista do texto de Tiago 2: 10. Escreveu White:

Para os que guardam o sábado, esse dia é o sinal da santificação. E a verdadeira santificação consiste na harmonia com Deus, na imitação de Seu caráter. O sábado é o sinal de obediência. Aquele que de coração obedece ao quarto mandamento, obedecerá toda a lei. Será santificado pela obediência.¹⁹⁰

Mesmo essa tão incisiva busca pela santidade através do processo de santificação tende a perder a força quando a pequena seita vira comunidade e finalmente se transforma em uma igreja de âmbito mundial como no caso do adventismo. O tema que é sempre muito pessoal, ao ser tratado também sob o prisma multicultural nas mais diversas etnias, acaba sofrendo novas influências, a partir das necessidades da comunidade. Na América Latina por exemplo, o

¹⁸⁸ WHITE, Ellen. **Filhos e Filhas de Deus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005. p. 51.

¹⁸⁹ WHITE, 2005. p. 348.

¹⁹⁰ WHITE, 1985. p.17.

adventismo ainda se mostra exclusivista e tende ao assistencialismo, o que evidentemente não se configura na América do Norte e na Europa. Porém, na Europa se dá um processo problemático de ceticismo acentuado e há uma grande diminuição no número de membros. O escopo central da santificação deixa de ser abordado, pois há a causa mais urgente da própria sobrevivência institucional. Acerca dessa desfocalização, o já citado teólogo Tillich, comenta:

No grupo dos eleitos, a santidade do todo e a santidade dos indivíduos são efetivas, em contraste com o “mundo”, que inclui as grandes igrejas. É óbvio que a situação se tornou bastante problemática quando estas mesmas seitas da santidade passaram a ser grandes igrejas. Embora não mais se pudesse sustentar o ideal da santidade não-paradoxal de cada membro do grupo, o ideal perfeccionista continuou em vigor e acarretou a identificação da mensagem cristã da salvação com a perfeição moral dos membros individuais.¹⁹¹

Certamente, esse tipo de problema não era encontrado nos dias de Ellen White, sendo que havia em seu tempo um maior controle acerca da vida dos membros, por se tratar de comunidades menores. O tema, resumidamente abordado nesse pequeno artigo provoca grandes discussões, mas mesmo nas poucas linhas redigidas, creio que fica muito claro, a partir das diversas sentenças apresentadas, um entrelaçamento indissociável deste com as doutrinas e práticas da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A título de conclusão, cito o que parece ser, ainda mais precisamente o centro da mensagem de Ellen White:

A verdadeira santificação não é mais nem menos que amar a Deus com todo o coração, andar em Seus mandamentos e ordenanças irrepreensivelmente. A santificação não é uma emoção, mas um princípio do Céu que conduz todas as paixões e desejos sob o controle do Espírito de Deus; e esta obra é feita por nosso Senhor e Salvador.¹⁹²

O mote geral acerca desse tema segundo a exposição e entendimento adventista do sétimo dia tem certamente que ver com a honra e amor a Deus. Dessa

¹⁹¹ TILLICH, 2005. p. 674.

¹⁹² WHITE, Ellen. Obedience is Sanctification. **The Signs of the Times**, Oakland, California, maio, 1890, p.4 No original: “True sanctification is nothing more or less than to love God with all the heart, to walk in his commandments and ordinances blameless. Sanctification is not an emotion, but a heaven-born principle that brings all the passions and desires under the control of the Spirit of God; and this work is done through our Lord and Savior”.

forma, todo o que a Ele se submeter, será santificado para subir aos céus, quando da volta de Cristo, evento que desde os tempos de Miller é o mais esperado pelo cristão adventista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESAFIO DA PESQUISA ATUAL

Apenas uma pequena parte dos mais de quinze milhões de membros adventistas do sétimo dia espalhados pelo mundo atualmente conhecem os pressupostos fundantes de sua denominação. Assim sendo, desconhecem as discussões doutrinárias que durante as décadas iniciais desta igreja, pautaram as intensas reuniões da liderança, em grande medida constituída por leigos. Ignoram também os evidenciados embates da liderança acerca de temas tão profundamente pulsantes no cristianismo protestante, como a questão da salvação pela fé ou obras e a inter-dependência dos dois fatores na caminhada rumo a santidade.

O que está posto hoje, de forma geral, são os escritos de Ellen White, considerados por muitos adventistas do sétimo dia como divinamente inspirados. Tratá-los academicamente e buscar pelas fontes literárias que constituíram a base do pensamento cotidiano de Ellen White para a partir de então visualizar honestamente suas visões é ainda uma atividade recente ao historiador adventista. Portanto, a busca por fontes primárias que privilegiassem um ponto de vista desapassionado foi tarefa das mais difíceis, sendo possível apenas completá-la ao realizar uma grande pesquisa em fontes de dados ainda não disponíveis em português.

O presente texto dessa Dissertação é, por assim dizer, um pequenino esboço de tão vastas leituras, cujo objetivo é clarificar as ideias de Ellen White sobre o mais caro de seus temas: a busca pela santificação como preparação para o Céu e o próprio papel da igreja nesse processo. A Igreja Adventista do Sétimo Dia ainda enquanto movimento, buscou, em um primeiro momento, de forma pouco teórica, a santificação pessoal como possibilidade única de atingir a salvação. Quando de sua institucionalização, em 1860, o legalismo exarcebado principalmente no tocante à guarda dos Dez Mandamentos instaurados no Sinai pelo patriarca Moisés, com ênfase no quarto – a guarda do sábado – evidenciava a diligente busca pela perfeição deixando de lado a misericordiosa graça de Cristo. Foi a insistência na salvação pelas obras e a guarda do dia mencionado por Deus em Seus

mandamentos, conforme interpretam os adventistas, que provocou nesta denominação fortes tensões.

Portanto, principalmente a estrita guarda do sétimo dia e sua santificação pelos adventistas, fazendo dessa questão a principal divisão entre eles e os outros cristãos, permeou a história do adventismo durante quase meio século. De forma muito lenta e gradual, o sábado – pelos adventistas visto como “memorial da Criação” - bem como todas as muitas outras acepções da lei, passaram a ser percebidas sob o ponto de vista da graça. Aliás, a própria história dessa igreja pode ser dividida em antes e depois da aceitação da graça como ponto inicial para a caminhada cristã, o que só aconteceu várias décadas depois da fundação da igreja, em 1888. É a partir desse momento, sob esse pressuposto, que finalmente o conceito de santificação passa a ser mais especificamente tematizado em seus livros. Até então, era necessário apelar à lei como ponto de partida para a organização denominacional.

Analisando essa problemática “lei-graça” sob a perspectiva da própria história de vida de Ellen White – que se confunde com a gênese do adventismo – é possível perceber o por quê de tamanha ênfase, no início, da questão da lei: as perseguições, desamparo social e, principalmente o mote da mensagem de Miller balizaram a construção do conceito de santificação no seio adventista. É principalmente a partir desses prismas que se entende a visão de mundo dessa denominação. Em um ambiente hostil, onde a linguagem do amor não podia ser imediatamente percebida, era a rigidez da lei que moldava as mentes dos seus primeiros líderes, até que, muito sucintamente, a graça – princípio bíblico norteador da Reforma – foi, pouco a pouco tomando parte muito mais visível em seus escritos.

Atual e imperativo desafio a Igreja Adventista do Sétimo Dia hoje é não perder de vista os ideais de seus primitivos líderes, mantendo viva a visão basilar de Ellen White sobre o tema, positivando e sintetizando a necessidade sempre urgente da busca diária por Cristo como possibilidade única de salvação.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000.

BLOOM, Harold. **La religión en los Estados Unidos**: el surgimiento de la nación poscristiana. México, Fondo de Cultura Económica, 1994.

BLOOM, Harold. **Presságios do milênio**: anjos, sonhos e imortalidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson; MUELLER, Enio Ronald; WONDRACECK, Karin Hellen Kepler; ADAM, Júlio César; HOCH, Lothar Carlos; WACHS, Manfredo Carlos; STRÖHE. **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

BRAATEN, Carl; JENSON, Robert (eds) **Dogmática cristã**. São Leopoldo, Sinodal, 1990.

BUNYAN, João. **O Peregrino**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1957.

CHRISTIANINI, A.B. **Subtilezas do Erro**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1981.

DICK, Everett, P. D. **Founders of the Message**. Washington, D.C.: Review and Herald, 1938.

DOUGLASS, Herbert E. **Messageira do Senhor**: o ministério profético de Ellen G. White. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

_____. **Testemunhas oculares**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

DREHER, Martin. **Para entender fundamentalismo**. São Leopoldo: Unisinos, São Leopoldo, 2002.

EDDY, Mary Backer. **Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras**. The Christian Science Board of Directors. Boston, 1971

EDWARDS, Jonathan. **Images or Shadows of Divine Things**. New Haven: Yale University Press, 1948.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FISCHER, Joaquim. O conceito "Igreja" de Lutero segundo seus escritos "dos Concílios e da Igreja" e "Contra Hans Worst". **Estudos Teológicos, São Leopoldo, ano 6, n. 4**, 1966, 161-175.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1994.

GRAY, Wood. **Panorama dos Estados Unidos**. Publicado pelo Departamento Cultural da Embaixada dos Estados Unidos da América, 1969.

GUNDRY, Stanley (Org.) **Cinco perspectivas sobre a santificação**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

HEITZENRATER, Richard. **Wesley e o povo chamado metodista**. São Bernardo do Campo: Edteo, 1996.

HOBBSAWN, Eric. **A Era do Capital**. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Estudos Bíblicos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

_____. **Questões sobre doutrina**: o clássico mais polêmico da história do adventismo. Introdução e Notas de George R. Knight. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

JAMESON, Fredric. **"Pós-modernidade e sociedade de consumo"**. In: Revista Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, nº12, 1985.

JEMISON, Housel T. **A prophet among you**. Boise: Pacific Press Publishing Association, 1955.

KILPP, Nelson. FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. GENERAL CONFERENCE OF SEVENTH-DAY ADVENTISTS. **Lutherans and Adventists in conversation**: Report and papers presented 1994-1998. Silver Springs: General Conference of Seventh-day Adventists, Geneva: Lutheran World Federation, 2000.

KLAIBER, Walter; MARQUARDT, Manfred. **Viver a graça de Deus**: um compêndio de teologia metodista. São Bernardo do Campo: Editeo, São Paulo: Cedro, 1999.

KNIGHT, George R. **A mensagem de 1888**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

_____. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

KUHN, Thomas S. **A estrutura da revolução científica**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

LAND, Gary. **Historical Dictionary of the Seventh-Day Adventists**. Lanham: Scarecrow Press, 2005.

LINDBERG, Carter. **As Reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LIVRO DE MÓRMON. ; SMITH, Joseph. **O Livro de Mórmon: Traduzidas das Placas originais por Joseph Smith FO.3. ed.** São Paulo: Centro Editorial Brasileiro, 1969.

LOPES, Adriana Dias. País tem quase 1 milhão de mórmons e Igreja não pára de crescer. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: Caderno Vida. Domingo, 10 de Dezembro de 2006.

MATA, Sérgio da. Religião e modernidade em Ernst Troeltsch. **Tempo soc.**, São Paulo, vol. 20, n. 2, nov. 2008 .

MATOS, Alderi S. Jonathan Edwards: teólogo do coração e do intelecto. **Fides Reformata**, Vol./No. 3/1 , p. 72-87, 1998.

MAXWELL, C. Mervyn. **História do Adventismo**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

McADAMS, D. Shifting views of inspiration: Ellen G. White studies in the 1970s. **Spectrum**, v. 10, número 4, março de 1980.

NIEBUHR, H. Richard. **As origens sociais das denominações cristãs**. São Paulo: ASTE, 1992.

NOLL, Mark. **A History of christianity in the United States and Canada**. Grand Rapids, Michigan: Willian B. Eerdmans Publishing Company, 1992.

PAULSEN, David. **The Paulson Collection of Ellen G. White Letters**. Payson, AZ: Leaves-Of-Autum Books, 1985.

PAXTON, G.J. **O Abalo do Adventismo**. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

RAHNER, Karl. **Sôbre a Inspiração Bíblica**. São Paulo: Herder, 1967.

REID, George (Org). **Compreendendo as escrituras**: Uma abordagem adventista. Engenheiro Coelho: Unaspres. 2007.

RÉMOND, Rene. **O século XIX (1815-1914)**. São Paulo: Cultrix, 1974.

SCHWARZ W. Richard, GREENLEAF, Floyd. **Portadores de luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2009.

The American Journal of Insanity. Edited by The Officers of the New York State Lunatic Asylum, Utica, Vol I. Utica: Bennet, Backus & Hawley, 1844-45.

TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. ASTE: São Paulo, 2000, 2ª edição.

_____. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo: Sinodal, 2005. 5ª Edição Revista.

Tomás. **Imitação de Cristo**. São Paulo: Paulinas, 1981.

TROELTSCH, Ernst. **The Social Teaching of the Christian Churches**, vol I, Londres: Westminster John Knox Press, 1992.

WALKER, W. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: Aste 2006.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

WESLEY, John. **Explicação clara da perfeição cristã**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1984.

WHIDDEN, Woodrow. **Ellen White e a Humanidade de Cristo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, Ellen G. **Caminho a Cristo**. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

_____. **O desejado de todas as nações**. 16. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

_____. **Atos dos Apóstolos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. **Filhos e Filhas de Deus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. **God's amazing grace**. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1973.

_____. **Maranatha: The Lord is Coming**. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1976

_____. **Mensagens aos Jovens**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

_____. **Mensagens Escolhidas (Livro I)** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

_____. **Mind, Character and Personality**, vol I. Nashville: Southern Publishing Association, 1977.

_____. **My Life Today**. Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1952.

_____. **O Desejado de Todas as Nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. **O Grande Conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

_____. Obedience is Sanctification. **The Signs of the Times**, Oakland, California, maio, 1890.

_____. **Parábolas de Jesus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 11ª Edição, 1998.

_____. **Primeiros Escritos** . Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. **Santificação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

_____. Sowing beside all waters. **Pacific Union Recorder**. Westlake Village, CA: 18 de Julho de 1907.

_____. **Steps to Christ**. Mountain View: Pacific Press Publishing, 1956.

_____. **Testemunhos Seletos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1985. v. 1.

_____. **The Great Controversy between Christ and Satan**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1950.

_____. The Necessity of Connection with Christ. **Advent Review and Sabbath Herald**. 07/05/1889.

_____. **Vida e Ensinos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.